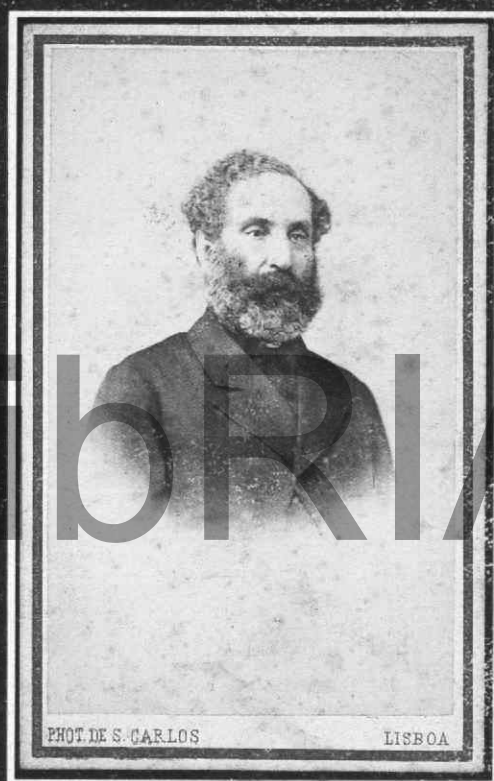




BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO

ANO V

1987

Nº 10

FL
908
141



FUNDO
LOCAL

INTERDITO
AO
EMPRESTIMO



OFERTA

BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO

bibRIA



EXEMPLAR DO
MUSEU DO
MUNICIPIO

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE AVEIRO

bibRIA



**D. Manuel José Mendes Leite
(1809-1887)**

«Combateu e sofreu pela Liberdade, nas batalhas, nas emigrações, no parlamento e na imprensa; serviu bem a Pátria como soldado, legislador e funcionário; foi seu timbre o desinteresse; viveu e morreu sem honrarias».

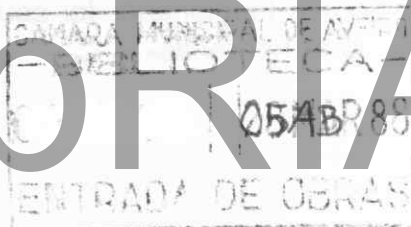
Marques Gomes

BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO

Publicação Semestral de Índole Cultural e Informativa

Dezembro 1987

biblioteca



BOLETIM N.º 10

DIRECÇÃO: Presidente da Câmara Municipal de Aveiro – Vereador do Pelouro da Cultura

PROPRIEDADE: Câmara Municipal de Aveiro

REDACÇÃO: Praça da República – Aveiro – Tel. 24081/82

SUPERVISÃO: Assessor Cultural da C.M.A.

CAPA: Jeremias Bandarra

TIRAGEM: 1.500 exemplares

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: Tipave – Indústrias Gráficas de Aveiro, Lda. – Estrada de Tabueira – 3800 Aveiro

Depósito Legal n.º 12 442/86

Dr. Manuel José Mendes Leite – Marques Gomes	3
Abertura – Prof. Celso dos Santos	7
Aires Barbosa – O « Mestre Grego » – João Gonçalves Gaspar	9
Efemérides Aveirenses – 1988 – Redacção	32
O «Livro Antigo» da Biblioteca Municipal – Honorinda Cerveira da Costa ..	33
Folhetos e livros sobre Aveiro na B.M.A. – Serviços da B.M.A.	38
Mendes Leite e a sua época – Emanuel Cunha	47
Dr. José Pereira Tavares – Raul Vaz	51
Prémio Literário José Estêvão – Joaquim João Braamcamp de Mancelos .	57
Em louvor de... – Idalécio Cação	62
Noticiário – Redacção	63
Notícias breves – Redacção	74

bibRIA

Os textos assinados são da responsabilidade dos autores.

Os artigos publicados podem ser transcritos, total ou parcialmente, desde que se indique a origem.

Novamente temos a ocasião de contactarmos os nossos leitores, com o número 10 do *Boletim Municipal de Aveiro*, tentando avivar a recordação de pessoas e acontecimentos que lembrámos na segunda parte do ano de 1987.

Comemorou-se o 60.º aniversário da fundação da Biblioteca Municipal de Aveiro. O Padre João Gonçalves Gaspar, num extenso artigo de divulgação, vem dizer-nos quem é o patrono da Biblioteca – o «Mestre Grego» que, nascido em Aveiro, ensinou em Salamanca, mas passou os últimos anos em Esgueira, onde morreu e foi sepultado; seria justo que Esgueira o homenageasse na pedra ou no bronze, já que perdeu a sua capela tumular. O «Livro Antigo» da nossa Biblioteca é relacionado, com certos pormenores de muito interesse, por D. Honorinda Cerveira da Costa; e, para completar a notícia sobre a Biblioteca, publica-se um índice dos livros nela existentes, que tratam de temas aveirenses – quicá bem útil aos seus utilizadores.

Em 1987 decorreram dois centenários que desejamos anotar: o do nascimento do Dr. José Pereira Tavares, professor e reitor do Liceu de José Estêvão, e o da morte do Dr. Manuel José Mendes Leite, homem público que tomou a iniciativa da abolição da pena de morte por crimes políticos, em Portugal, e a quem damos a honra merecida de ilustrar a capa do *Boletim*. Para registar o primeiro evento, publicamos o discurso que o Dr. Raúl Vaz proferiu na sessão efectuada na Escola Secundária de José Estêvão; para rememorar o segundo, damos à estampa as palavras ditas pelo Dr. Emanuel Cunha na sessão promovida pela ADERAV, no salão cultural do Município.

Não esquecemos os mais novos. A Escola Secundária de José Estêvão tem realizado um concurso literário de composições em prosa e em verso sobre Aveiro, com prémios. A Câmara Municipal, mais uma vez, colaborou na iniciativa e o *Boletim* publica um dos trabalhos melhor classificados.

Entre as notícias, destacamos as que nos dão conta da visita oficial a Aveiro do Presidente da República Portuguesa e da homenagem ao Bispo da Diocese. Foram dois acontecimentos marcantes na vida do Município, pela forma e pela dignidade com que foram conduzidos e pela presença nobilitante das entidades que se deslocaram à nossa Cidade.

O *Boletim Municipal de Aveiro* continua aberto à colaboração de quem, pela pena, queira ajudar-nos a reviver as glórias do nosso passado, a construir as coordenadas do nosso presente e a apresentar pistas do nosso futuro. No encontro de ideias e na discussão de pontos de vista, sem azedumes nem imposições, sempre os Aveirenses souberam dar-se as mãos e conviver em liberdade.

Aveiro, Dezembro de 1987.

Prof. Celso dos Santos
Vereador do Pelouro da Cultura

Aires Barbosa — O «Mestre Grego»

No dia 23 de Maio de 1987, completou-se o 60.º aniversário sobre a abertura ao público da Biblioteca Municipal de Aveiro. Instalada primeiramente na seiscentista sala do despacho da Santa Casa da Misericórdia, aí se manteve até 1970 – ano em que transitou para o terceiro andar do edifício fronteiro aos Paços do Concelho, então acabado de construir.

A nossa Biblioteca tem sido e continuará a ser um lugar de consulta e um meio de cultura para quantos com ela se familiarizaram ou procuram transpor as suas portas. Contam-se presentemente às dezenas de milhar – e cada vez mais – as pessoas, adolescentes, jovens e adultos, que se sentam na sua sala de leitura e aí passam muitos minutos ou mesmo horas seguidas, procurando, lendo, aprendendo ou aprofundando conhecimentos, nos mais variados ramos do saber.

Bem hajam os que, há sessenta anos, promoveram a sua fundação!... Os responsáveis da Edilidade, nesse recuado ano de 1927, são credores da nossa gratidão e do nosso aplauso!...

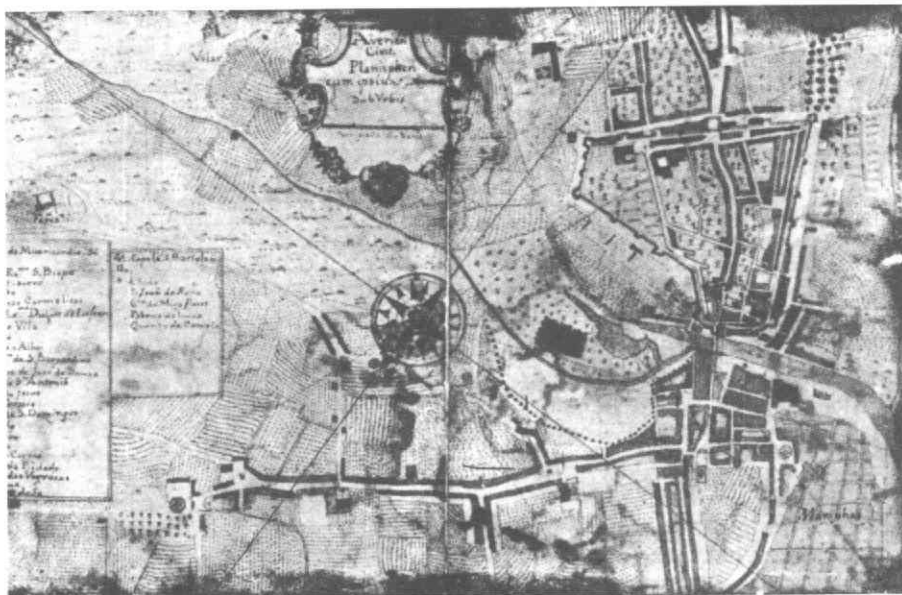
Desde o início, à Biblioteca Municipal de Aveiro foi dado como titular o humanista Aires Barbosa – ou Aires de Figueiredo Barbosa. Por isso, para comemorar esta efeméride, pareceu-me oportuno evocar um insigne aveirense que foi, outrossim, um dos expoentes da cultura nos derradeiros anos do século XV e, sobretudo, na primeira metade da centúria seguinte.

DESDE AVEIRO ATÉ SALAMANCA

No final do livro *De Prosodia scilicet Relectio*, publicado em 1517, o seu autor Aires Barbosa escreveu, em verso latino, um epigrama que tem o título «De Patria sua et Parentibus» e que livremente aqui se traduz:

— «Os apreciadores desta minha insignificante produção literária talvez queiram saber onde nasci e quem foram os meus pais. Não sendo muito rico nem muito pobre, tenho contudo uma ascendência conhecida e antiga. Filho de Fernando Barbosa e de Catarina de Figueiredo – esta igualmente de antepassados conhe-

Planta de Aveiro (fins do século XVIII). Anónimo espanhol?
– Museu de Aveiro



cidos – sou natural de Aveiro, situado em região do extremo ocidental da Europa, banhada pelo Oceano, a qual se considera muito rica com seu aprazível porto e retira da terra e do mar quanto lhe basta. Não longe, fértil costa do aurífero Douro e do Tejo limita de ambos os lados esta nossa, que lhe fica no meio». ⁽¹⁾

De tais palavras autobiográficas, que em português não manifestam a graça, a arte e o valor da métrica clássica, podem tirar-se, desde já, diversas conclusões:

- que Aires Barbosa nasceu na então vila de Aveiro;
- que era filho de Fernando Barbosa e de Catarina de Figueiredo;
- que seus pais eram de ascendência conhecida e antiga;
- que viveu em mediania económica;
- que Aveiro, no seu tempo, mercê das condições favoráveis do porto marítimo, conhecia certa prosperidade e que, além disso, colhia da terra e do mar o que precisava.

Aires Barbosa não refere o ano em que veio ao mundo; dizem uns que terá nascido à volta de 1456, e outros que um pouco mais tarde. Mas a sua freguesia natal foi a de S. Miguel – a única que existiu em Aveiro até 1572.

Desconhecem-se não só os antepassados paternos de Aires Barbosa, como a própria naturalidade do pai, Fernando ou Fernão Barbosa. Todavia, a linhagem dos Barbosas é das mais antigas da Península Ibérica, entrando em todas as grandes famílias. O primeiro que se sabe deste apelido é D. Sancho Nunes de Barbosa, que fez a quinta da Barbosa, na freguesia de S. Miguel das Rãs, que pertencia ao Mosteiro de Cete, distando meia légua do de Paço de Sousa e uma do rio Douro. Era filho do Conde D. Nuno de Cellanova e irmão do Conde D. Gomes Nunes de Pombeiro, neto paterno do Conde D. Teobaldo Nunes, um dos mais ilustres cavaleiros do tempo de D. Bermudo II, Rei de Leão entre 982 e 999; bisneto, por esta via, de D. Nuno Guterres e de sua mulher a Condessa D. Velasquita, sobrinha-neta de Santa Aldara; terceiro neto, por varonia, de D. Guterre Mendes, Conde de Tui e do Porto, governando desde o Porto até Águeda, e, também, Conde de Cellanova e Senhor da vila de Salas, casado com D. Ilduara, venerada nos altares, de quem houve não apenas o referido D. Nuno, mas ainda S. Rosendo, Bispo de Dume de 927 a 951, D. Adozinda e outros. D. Sancho Nunes de Barbosa ligou-se, pelo casamento, à família real portuguesa, e seus filhos aos de D. Egas Moniz, aio de D. Afonso Henriques, e aos Sousas, Braganções e Ferreiras.

Da mãe de Aires Barbosa, D. Catarina de Figueiredo – ou D. Catarina Eanes de Figueiredo – sabe-se que nasceu na vila de Esgueira; no século XV, já os Figueiredos se encontravam por diversas terras, como Viseu, Aveiro e Esgueira, ligados a várias famílias nobres. Mas... recuemos uns séculos e embrenhem-nos nas brumas da lenda, aos tempos em que por estas paragens dominavam os Mouros, sem nos demormos com a repetição de episódios que os Figueiredos gostam de contar para enaltecer os seus possíveis antepassados. Em 871, regista-se uma doação ao Mosteiro de Arouca, feita por Goesto Ansures e D. Eleva; deste casal nasceu Soeiro Ansur que, por sua vez, foi o pai de Ansur Soares; este viria a casar com D. Maria Viegas de Regalados, filha de Egas Pais de Penagate e de D. Sancha Mendes de Briteiros. Um seu filho, Gomes Ansures, casaria com D. Estevainha Pires da Nóbrega, filha de Pedro Ouriques da Nóbrega e de D. Maria Viegas, de quem nasceu D. Teresa Gomes, esposa de Gonçalo Gonçalves do Lago, D. Maria Gomes, esposa de Gonçalo ou Geraldo Gonçalves de Atouguia, e Martim Gomes Ansur, que viria a consorciar-se com D. Teresa Fernandes, filha de Fernão Gonçalves, Senhor da Azambuja, e de D. Ourana Godim; foram estes últimos os pais de João Martins Ansures, que casou com D. Sancha Gomes, de D. Estevainha Martins, que casou com Henrique Soares de Barbudo e, depois, com Vicente Anes César, e de Soeiro Martins de Figueiredo – o primeiro deste apelido – que viveu durante os reinados de D. Afonso II, D. Sancho II e D. Afonso III e que, por volta de 1260, doou certas fazendas ao Mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra, para aniversários. Terá sido ele o antepassado próximo de Estêvão Soares de Figueiredo – Senhor da Torre e do Julgado de Figueiredo, a que aludem as Inquirições de El-Rei D. Dinis – e dos irmãos Gil, Lourenço, Afonso e Garcia Vasques de Figueiredo. Porém, se tudo até aqui é muito duvidoso e confuso, a mesma dúvida e confusão prosseguem nos séculos XIV e XV.

Cristóvão Alão de Moraes, genealogista do século XVII, na sua *Pedatura Lusitana*,⁽²⁾ dá-nos a ascendência materna imediata de Aires Barbosa, «mestre dos Cardeais D. Afonso e D. Henrique, filhos de El-Rei D. Manuel». D. Catarina de Figueiredo era irmã de Jorge de Figueiredo, de Martim de Figueiredo e – dizem alguns, porque outros afirmam ser filha – também de João de Figueiredo Sequeira, tesoureiro da Casa da Índia, cujos restos mortais foram sepultados na igreja de S. Francisco, em Lisboa, «onde estão as armas dos Figueiredos e dos mais castelos que

lhe deu El-Rei por o servir em Arzila e sustentar-lhe um baluarte onde perdeu um olho»; de facto, D. João III acrescentou as armas de João de Figueiredo Sequeira por carta de 8 de Outubro de 1528, em atenção aos seus feitos notáveis num dos cercos daquela praça africana. Consta ainda que um antepassado próximo de D. Catarina de Figueiredo, um tal Gonçalo de Figueiredo, teria casado em Esgueira com D. Catarina de Sousa; esta hipótese tem fundamento no facto de os dois terem passado carta de venda a Gil de Figueiredo, de Viseu, da quinta de Figueiredo e de outros casais.

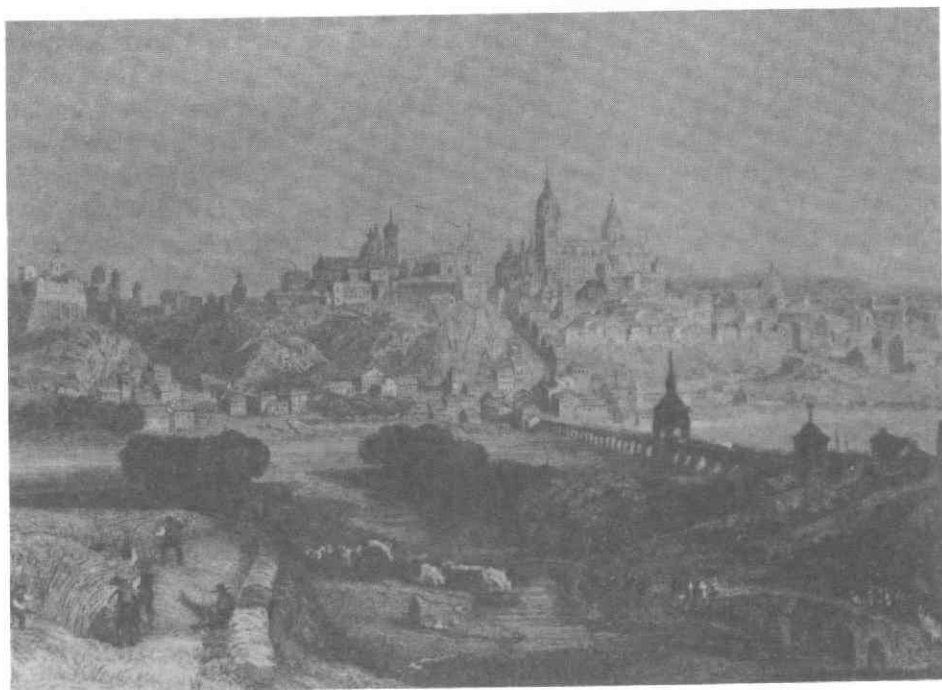
Foi nomeado Martim ou Martinho de Figueiredo, que merece mais uma palavra. Depois de se ter doutorado «in utroque jure», isto é, em direito civil e canónico, esteve em Florença, onde aprofundou a sua cultura humanista, sendo aluno de Ângelo Policiano. Em 1529, publicou em Lisboa uma obra em latim, dedicada a El-Rei D. João III, a cujo Conselho pertencia; o livro é um «Comentário» ao prólogo das *Histórias Naturais* de Plínio, o Moço. André de Resende, na sua obra *De Antiquitatibus Lusitaniae Libri Quattuor*, aludiu a ele, quando escreveu: – «Quando nós éramos adolescentes, Martim de Figueiredo, jurisconsulto e perito na Língua Latina, à qual consagrara um trabalho interessado, sob a orientação de Policiano, em Florença...».⁽³⁾

Em face do brevemente exposto, razão tinha o humanista para confessar que provinha de uma dupla linhagem conhecida e antiga.

Voltemos, porém, a Aires Barbosa. É de crer que tenha feito em Portugal os primeiros estudos; todavia, animado, desde novo, por irresistível propensão para saber mais, conseguiu que os pais o deixassem partir para Salamanca, a fim de frequentar a sua célebre Universidade.

As Universidades – não é demais repeti-lo – são o orgulho da Idade Média cristã, irmãs das Catedrais. O seu aparecimento marca uma data singular na história da civilização ocidental e um avanço no pensamento cultural. Todas tiveram origens análogas e desenvolvimentos semelhantes. Nascidas à sombra das Catedrais, depressa deixaram a tutela das Cúrias Episcopais e dos Cabidos, prosseguindo contudo no seu esforço e no seu trabalho. Nesse projecto encontram decidido apoio e alcançam variadíssimos privilégios, tanto da parte dos Papas como da parte dos Reis. Assim, a Igreja foi a matriz donde saíram as Universidades... o ninho donde elas tomaram voo.

A Universidade de Salamanca foi constituída em 1200 por D. Afonso IX, Rei de Leão; mais tarde, D. Afonso X, o Sábio, além de lhe conceder inúmeras graças, obteve do Papa Alexandre IV uma bula na qual o Pontífice, definindo as Universidades como «lâmpadas replandecentes na Casa de Deus», declarou a de Salamanca como um dos quatro Estudos Gerais, então oficialmente reconhecidos – Paris, Bolonha, Oxford e Salamanca. O documento pontifício foi expedido de Nápoles, em 6 de Abril de 1255. O referido Rei



Vista geral de Salamanca, segundo uma gravura antiga.

Sábio, em 9 de Novembro de 1252, já havia fixado as dotações dos catedráticos, a expensas do Tesouro Público; sabe-se que, desde essa altura, aí se leccionavam Línguas, Retórica, Medicina, Geometria, Aritmética e outros ramos da Matemática, Cantochoão e Música. O Monarca também fundaria a sua biblioteca.

Assim organizada, a Escola Salmanticense conquistou fama europeia nos meados do século XIII, logrando ser referida no Concílio Ecuménico de Leão, em 1245, e, no Concílio de Viena, alcançando a faculdade de ensinar Árabe e demais Línguas Orientais. Em 1413, o Papa Bento XIII aumentar-lhe-ia as cátedras de propriedade, ficando assim o elenco: – Cânones, Jurisprudência, Teologia, Astronomia, Língua Grega, Língua Hebraica, Língua Árabe, Medicina, Filosofia Natural e Moral, Retórica e Gramática. Inocêncio VIII, em 1 de Outubro de 1489, havia de estabelecer que os não graduados pudessem concorrer e opor-se, com os graduados, às cátedras de Gramática, Lógica, Música, Retórica, Astronomia, Hebraico e demais Línguas, sem que se verificasse qualquer diferença nos salários.

Entretanto, em Portugal, haviam-se estabelecido os Estudos Gerais, em 1288, que primeiramente se fixaram em Lisboa. Contudo, as vicissitudes da localização da Escola – em 1308 era transferida para Coimbra, em 1338 para Lisboa, em 1354 para Coimbra, em 1377 para Lisboa e em 1537, já depois do período que nos ocupa, definitivamente para Coimbra – concorreram para a sua decadência; a reforma, sugerida pelo Infante D. Pedro durante a sua regência (1440-1446), tendo em conta os modelos de Oxford e de Paris, seria adiada, devido às circunstâncias decorrentes da nova política no reinado de D. Afonso V e do desastroso confronto de Alfarrobeira. Além disso, a proximidade geográfica de Salamanca e a interpenetração da cultura portuguesa com a dos outros reinos hispânicos – e vice-versa – eram outros factores a favorecer uma forte concorrente migratória para a Universidade Salmanticense, cuja influência assumiria particular relevo no nosso País. Por outro lado, no aspecto nacionalista, tal influência também não deixaria de se fazer sentir quando, mais tarde, em 1580, se abriu a crise na sucessão da Coroa Portuguesa; homens formados no Claustro Espanhol talvez simpatizassem, consciente ou inconscientemente, com a hipótese filipina.

Na realidade, por aquela Academia, durante o século XV e no seguinte, passaram muitas dezenas de estudantes portugueses, que aí obtiveram graus em Teologia, Direito, Artes e Medicina. Entre eles, contam-se Álvaro Dias, que foi

mestre de Retórica de 1464 a 1469, e o Cónego Rodrigues Alvares, cancelário em 1479-1480. Aires Barbosa, em 1482, já lá se encontrava como aluno, dominado pelo desejo de aprender e de se valorizar, ouvindo as lições dos professores.⁽⁴⁾

Esses tempos de estudante – e quiçá os de professor na mocidade dos anos – registrou-os ele mais tarde, quando o seu sangue enregelado já reclamava ser aquecido numa região tépida e os membros requeriam o auxílio de calor exótico: – «Enquanto se achavam firmes as forças do meu corpo de criança e na juventude tinha quente o sangue, não era ofendido, ó Salamanca, por frígidos ventos, nem pela neve, nem pelo gelo, nem pelas tuas nortadas. Não me fazia tremer o Tormes, congelado pelo frio, que muitas vezes tive debaixo dos pés enxutos. Agora, o meu sangue enregelado reclama ser aquecido numa região tépida e os membros requerem o auxílio do calor exótico».⁽⁵⁾

E Aires Barbosa, certamente recolhido nas suas pousadas de Esgueira e preocupado com a saúde, levantava uma voz de exaltação, que lhe saía do fundo da alma: – «Por isso, ó Salamanca, minha querida mãe, a quem dediquei a época da minha mais feliz existência, na altura em que, por meu intermédio, chegaram junto de ti as duas Línguas – agora que, licenciado, consentes que vá para onde me apeteça, trato de evitar os frios que me não foram molestos quando novo, mas que prejudicariam este velho, carregado de anos».⁽⁶⁾

Saudosas recordações de Salamanca!... Como não haveria de ficar vincada na sua memória a cidade acarinhada pelo rio Tormes, onde não apenas passara os breves anos de estudante, mas também os decénios do magistério docente!... As Catedrais – a velha, principiada em 1140, e a nova, cuja fase de construção inicial ele presenciara em 1513... a artística fachada da Universidade, que ele viu erguer por ordem dos Reis Católicos... a Casa das Conchas, edificada também no seu tempo... o Palácio de Anaya, fundado em 1401... a Torre do Clavero, monumento quatrocentista que alia a característica de fortaleza militar à graça arquitectónica... a Torre del Aire, de lindas janelas arqueadas e de primorosos lavrados góticos... as várias igrejas românicas... a velha ponte romana que dá à cidade um singular perfil geográfico e histórico... eis alguns dos motivos que já faziam da Salamanca dos finais do século XV e do primeiro terço da centúria seguinte uma paisagem clássica, cheia de personalidade histórica e monumental. E tudo isto era guardado no escrínio das sau-

dades de Aires Barbosa, a par de tantas emoções vividas ao longo da vida, principalmente no ambiente culto da Universidade e no convívio agradável com mestres ilustres e estudantes distintos.

ESTUDANTE EM FLORENÇA

Ávido em saber e vendo que não aprenderia mais em Espanha, onde terá conseguido os graus do bacharelato e da licenciatura em Artes, Aires Barbosa deixou-se entusiasmar pelas notícias que lhe chegavam de Itália – talvez mesmo através do seu tio materno Martim de Figueiredo – e que deslumbravam os espíritos cultos. Além disso, as escolas transalpinas haviam sido extremamente enriquecidas por sábios gregos que, fugindo à pilhagem e à carnificina de Bizâncio caída nas mãos dos Turcos em 1453, levaram consigo a luz da ciência e das artes, juntamente com preciosos manuscritos e outros objectos, e encontraram refúgio nas cidades italianas; os Pontífices Romanos, os Médicis florentinos e D. Afonso de Aragão, Rei de Nápoles e da Sicília, aceitando-os e favorecendo-os, incentivaram o nascimento e o desenvolvimento de uma nova era para o conhecimento humano na Europa. Era o movimento cultural que ficou conhecido pelo nome de Humanismo. Convenhamos, porém, que – como diz Fidelino de Figueiredo – «humanista não era o homem que sabia muito grego e muito latim; esse poderia ser bom helenista ou bom latinista; humanista era o homem que, ante uma súbita e deslumbrante primavera do espírito, crescera inesperadamente e sentira desabrochar em si curiosidades, impulsos críticos, simpatias, tolerâncias, ânsias de compreender. Tudo isso era acompanhado de uma adivinhação da relatividade das coisas. Os humanistas abarcavam a dentro da sua compreensão serena o passado subitamente desperto, o presente que tinham à vista e o futuro que iam vendo construir com essas novidades».⁽⁷⁾ O Humanismo marcou uma época de grandes e importantes descobertas – descoberta do passado greco-romano, descoberta da dignidade do homem, descoberta do mundo em muitos dos seus aspectos, descoberta dos limites das terras e dos mares; duvidando das teorias e explicações até aí admitidas, o homem pôs-se a raciocinar de maneira mais científica.

De toda a Europa acorriam jovens para a Itália, nomeadamente para Florença, «a fim de se formarem nos costumes, nas letras e em todas as artes liberais para ornamento da maior fortuna» – assim se exprimia Ângelo Policiano, escre-

vendo a João Teixeira em 1489.⁽⁸⁾ E, voltando às suas Pátrias, alguns desses alunos foram fervorosos apóstolos das doutrinas humanistas e renascentistas. Portugal também não faltaria.

O nosso aveirense, desejando consultar os manuscritos salvos das ruínas de Constantinopla e aumentar o seu cabedal científico – sobretudo no Grego e no Latim – resolvera deixar Salamanca e abalar para Florença, a pátria de Dante e de Petrarca, cidade culta da Corte de Lourenço de Médicis, o Magnífico – novo Péricles de uma nova Atenas.

Na verdade, Lourenço de Médicis (1449-1492) evidenciou-se extraordinariamente em criar colégios e outras instituições semelhantes, com o fim de auxiliar aqueles que tivessem aptidões para o estudo mas que não possuíam meios económicos para a aquisição de livros e para a sua subsistência durante os cursos. Além disso, fundou a famosa Universidade de Pisa e dotou generosamente a Academia de Florença; foi aqui, em Florença, que o seu esforço pela cultura mais se fez sentir. Trabalhou constantemente pelo progresso da sua Escola e enriqueceu o respectivo corpo docente com nomes célebres, como João Argirópulo, Teodoro Gaza, Dométrio Calcondila, Ângelo Policiano e Pico della Mirândola. No propósito de ser o animador da vida cultural florentina, fez-se rodear não apenas por poetas e



Catedral de Florença.

filósofos, mas também por artistas, que deixaram rasto imperecível na fisionomia da cidade, como Boticelli, Filipe e Filipino Lippi, Verrochio e Giuliano de Sangallo.

Em Florença, rainha das Letras e das Artes, centro ímpar da Ciência, Aires Barbosa teve a felicidade de proveitosamente ouvir, entre outros mestres, o insigne Ângelo Policiano, que se tinha encarregado do Grego e do Latim. Lá se encontrariam então os portugueses Luís Teixeira Lobo e os seus dois irmãos (filhos do Chanceler-Mor do Reino), João Rodrigues de Sá e Meneses, Henrique Caiado e o referido Martim de Figueiredo; alguns deles mantiveram relações amistosas com Erasmo e com outros humanistas, e o próprio Aires Barbosa foi condiscípulo de João de Médicis – cardeal aos 13 anos – filho de Lourenço de Médicis, que, eleito Papa com 38 anos, ocuparia a cadeira de S. Pedro com o nome de Leão X, de 1513 a 1521, e manifestar-se-ia como desvelado protector das Letras e das Artes. Num dos seus epigramas, o ilustre aveirense – por muitos considerado como o mais notável de todos os alunos portugueses de Policiano – faria alusão ao mestre e ao colega, nestes termos: – «Quando afirmo que fui condiscípulo de Leão X e vosso discípulo, Policiano, rebaixo-me, não me exalto; (...) a fortuna do Sumo Pontífice toca o céu, ao passo que a minha roça pela terra. Que há tão diverso como opor-se à vossa, Ângelo Policiano, a minha pobre ciência?»⁽⁹⁾ De facto,

Leão X deu o seu nome ao século em que governou a Igreja e os seus nove anos de pontificado alcançaram grande projecção durante séculos; profundo conhecedor da literatura clássica, dotado de humanidade e cortesia e inclinado a actos de generosa liberalidade, favoreceu artistas e eruditos que, desde há muitos anos, não tinham gozado de uma tal mercê da parte da Santa Sé.

Foi para prestar obediência a este Papa, logo após a sua eleição, que, em 1514, El-Rei D. Manuel I enviou numa embaixada singular, sob a chefia de Tristão da Cunha, acompanhado por grande séquito de fidalgos, a qual constituiu um raro e notável espectáculo. Como presentes foram oferecidos ao Pontífice as primícias das navegações da Índia, como paramentos litúrgicos bordados e guarnecidos de pedras preciosas, jóias de grande valor, um elefante e uma onça de caça com um cavalo pérsico, mandado pelo Rei de Ormuz.

Quem era Ângelo Ambrogini Policiano?

Nasceu em Montepulciano, perto de Sena, em 1454, e viria a falecer em Florença, no ano de 1494, apenas com 40 anos de idade. Entrando, como ouvinte, nos cursos do Studio Florentino em 1469-1470, logo patenteou uma extraordinária facilidade na composição de versos gregos e latinos, com raro domínio nas duas Línguas e hábil elegância de estilo. Pondo as esperanças no mecenato do já referido Lourenço de Médicis, acompanhou a sua Corte em sucessivas deslocações e, nos meados de 1475, foi-lhe confiada a educação de Piero de Médicis, filho primogénito de Lourenço. Policiano continuaria a revelar-se como insigne humanista, que não só como excelente pedagogo. Em 1477, tomou ordens sacras e conseguiu que lhe confiassem o priorado de S. Paulo. Depois de diversas andanças e peripécias, em Agosto de 1480 estava novamente em Florença e, em Novembro seguinte, apenas com 26 anos de idade, começaria a ensinar no Studio Florentino – o que lhe grangeou, na Itália e na Europa, merecida reputação de abalizado mestre e de profundo conhecedor das línguas e dos autores gregos e latinos, dominando perfeitamente o mundo da cultura clássica: o sonho da adolescência tornara-se realidade.

A seriedade com que se preparava para os cursos é largamente atestada pelo rico conteúdo de *Miscellanea*, onde Policiano aborda uma série de assuntos filológicos, históricos, gramaticais e estilísticos, que viria a retomar nas *Epistole* latinas, dele e dos seus correspondentes. Além disso, entre outros livros, escreveu o *Orfeu*, composição dramática, as *Estâncias*, repassadas de



Lourenço de Médicis, o Magnífico.



Florença – Túmulo do Cardeal D. Jaime de Portugal.

harmonia e pitoresco, a *Conjuração de Pazzi*, onde se revelou como historiador, e variadíssimos *Epigramas*.

Pelo que se refere a Portugal, registre-se que Policiano sustentou grande admiração por D. João II, com quem trocou correspondência, convencido embora de que nem a sua condição social, nem a sua erudição, nem a sua virtude fossem tais que lhe permitissem escrever ao «Rei invencível», mas sim abalado pela dignidade, pelo esplendor, pela glória e pelos louvores, «já universalmente celebrados», do Príncipe Perfeito.⁽¹⁰⁾

Durante a sua estadia em Florença, Aires Barbosa, levado por natural curiosidade, decerto cuidaria em visitar os seus monumentos, igrejas, galerias e palácios; à sua recordação jamais deixariam de afluir as formosas imagens da cidade do Arno e os pormenores de tesouros de arte, de recantos de beleza e de experiências de vida. O significativo conjunto gótico-florentino da catedral de Santa Maria da Flor, elegante e sóbrio nos seus elementos arquitectónicos e admirável na fina decoração com mármore policromos... o baptistério românico, com mosaicos bizantinos na cúpula... a Praça da Senhoria, uma das mais belas praças tanto pelas obras de arte aí reunidas como pela harmonia do seu espaço... o

majestoso Palácio Velho, que se ergue altaneiro com sua atrevida torre... o Palácio Pitti, para onde Cosme I trasladara a sede do Governo... o Palácio Médicis - Riccardi, magnífico exemplar renascentista, residência senhorial dos Médicis... a Ponte Velha, a mais antiga da cidade, com as pequenas lojas dos ourives... as igrejas de S. Lourenço, dos Santos Apóstolos, de Santa Maria Nova, do Espírito Santo, dos Pazzi... a elegância neo-romana de Brunelleschi, a espiritualidade pictórica de Frei Angélico e a expressão escultórica de Donatello... eis o apontamento do muito que o estudante aveirense encontrou em Florença, meio propício e único para o progresso da arte renascentista, graças aos mestres Miguel Ângelo, Rafael Sâncio e Leonardo da Vinci, que, daí a pouco, iriam deixar na cidade a marca do seu génio superior.

Todavia, como português que se prezava ser, Aires Barbosa sentir-se-ia pressionado em subir até à igreja de S. Miniato ao Monte, construída em estilo românico, segundo o gosto florentino. Não era tanto o seu interior sugestivo, decorado em policromia lítica, que lá o levava; era sobretudo a lembrança de um acontecimento da sua Pátria e de um virtuoso personagem, que morreria em odor de santidade. Era aí o lugar propício não só para evocar o infeliz desastre de Alfarrobeira que, em 1449, enlutara o nosso País e cortara a vida ao Infante D. Pedro, homem dado às Letras e às Artes do Renascimento, mas também para homenagear o Cardeal D. Jaime, segundo filho do desventurado Infante das «Sete-Partidas», cujos restos mortais se guardavam na capela sepulcral construída pelos irmãos Bernardo e António Rosselino a partir de Julho de 1460, como anexo da referida basilica.



Florença – Pormenor da estátua jacente do Cardeal D. Jaime de Portugal.

Efectivamente, depois de Alfarrobeira, contando apenas 16 anos, D. Jaime conseguiu a liberdade, juntamente com os irmãos, e emigrou para a Corte de Borgonha, onde a sua tia D. Isabel, casada com Filipe-o-Bom, lhe deu acolhimento. Seguindo a carreira eclesiástica, o Papa Nicolau V, em 1453, concedeu-lhe a administração do Arcebispado de Lisboa e, em 1456, o Papa Calisto III criou-o cardeal, com o título de Santo Eustáquio, sem deixar a referida administração. Homem de excepcional virtude, primo e cunhado de El-Rei D. Afonso V de Portugal, sobrinho da Duquesa de Borgonha, primo de D. Leonor, Imperatriz da Alemanha, D. Jaime era bem-quisto nas instâncias papais. Foi durante uma viagem a Mântua que adoeceu gravemente em Florença, onde acabou por falecer em 27 de Agosto de 1459; faltavam-lhe vinte dias para completar os 26 anos de idade.

Aires Barbosa, admirando a capela sepulcral – essa «obra-prima da preciosidade florentina», como a classificou André Chastel⁽¹¹⁾ – recordaria uma página recente da história de Portugal e, por essa forma, sentir-se-ia mais português no estrangeiro. Por outro lado, suspeitaria ele que, no meio dos heróicos feitos marítimos dos seus compatriotas – como o descobrimento do Congo por Diogo Cão em 1482, a chegada de Bartolomeu Dias ao Cabo das Tormentas em 1488, a viagem de Vasco da Gama à Índia em 1498 e o achamento do Brasil em 1500 – outros acontecimentos amargurantes viriam a acontecer em sua

vida – como a execução do Duque de Bragança em 1483 e, no ano seguinte, a do Duque de Viseu... como a trágica morte do Príncipe Herdeiro D. Afonso em 1491 e o falecimento prematuro de El-Rei D. João II em 1495? A sua vida iria desenvolver-se num autêntico quadro de grandezas e misérias...

«MESTRE GREGO»

Decorridos dois anos de estadia em Florença – onde se dedicara com persistência e afinco a variados assuntos e quiçá alcançara o grau de mestre em Artes – Aires Barbosa regressou à Pátria, mais para matar saudades do que para ficar; as fronteiras portuguesas eram demasiadamente estreitas para a grandeza da sua inteligência e extremamente acanhadas para as aspirações do seu espírito. Por isso, de novo atraído pela aura de Salamanca, voltou para lá, ficando logo adstrito ao corpo docente da sua Universidade; iria procurar difundir na Península Ibérica o bom gosto literário da Antiguidade Clássica. O prestígio da secular Escola atraía-o agora para a servir no magistério; aí tinham ensinado e ensinavam professores notáveis, tanto espanhóis como portugueses.

Nesta ocasião da sua vida, surge-nos um problema, cuja resolução não se antolha clara: – Em que ano é que Aires Barbosa iniciou o múnus de professor na Universidade Salmanticense?



Florença – Praça da Senhoria, com o «Palácio Velho» e o Pórtico.

Entre as setecentas e treze cartas escritas por Pedro Mártir de Anghierra e publicadas em Alcalá de Henares pela primeira vez no ano de 1530 com o título de *Opus Epistolarum Petri Martyris, Mediolanensis* e reeditadas pelos Elzevires na Holanda em 1670, encontra-se a que o seu subscritor dirigiu ao amigo «lusitano» Aires Barbosa, «professor da Língua Grega em Salamanca», embora doente, datada de Jaén, em 5 de Abril de 1489.⁽¹²⁾

Pedro Mártir, descendente de família ilustre, cortesão e historiador, nascera em Anghierra, no estado de Milão, em 1455, e viria a morrer em Valladolid no ano de 1526. Segundo alguns autores, foi médico e exerceu esta profissão junto de Luís XI, Rei de França. Em 1477 estava em Roma, onde cursou estudos e serviu o Cardeal Sforza Visconti e depois o Arcebispo de Milão até 1487; em Florença, onde também seguiu a vida académica como estudante, terá conhecido Aires Barbosa.

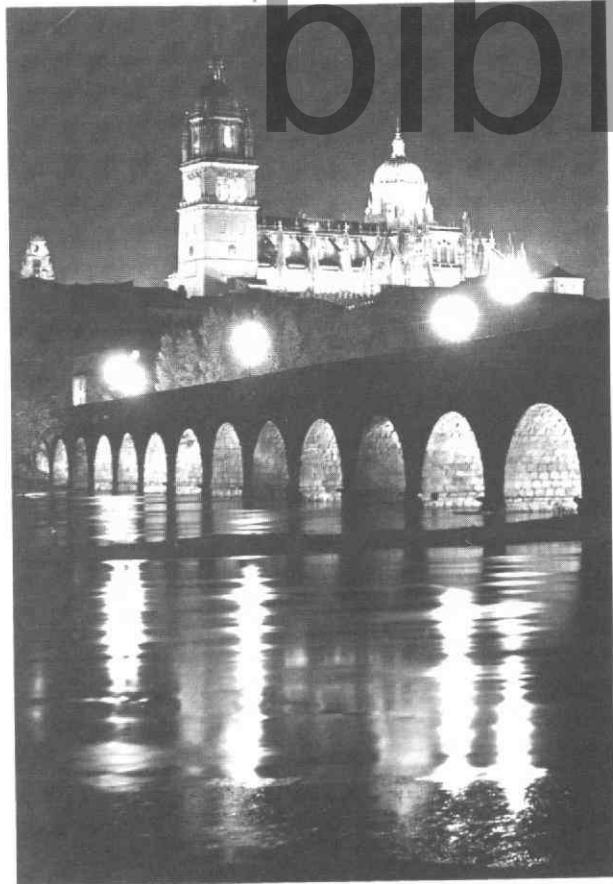
Naquele ano de 1487, o Conde de Tendilla, embaixador dos Reis Católicos, levou-o para Espanha, sendo perceptor dos jovens nobres da

Corte da Rainha D. Isabel e protonotário apostólico; aparece também ligado à vida militar, estando no cerco de Baza e continuando no exército durante as futuras campanhas contra os Mouros. Em 1492, assistiu à conquista de Granada pelas forças cristãs, de que nos forneceu dados interessantes em várias cartas. Manteve relações amistosas com navegantes e descobridores, como Cristóvão Colombo, Vasco da Gama e Fernão de Magalhães, de quem colheu pormenores valiosíssimos para a história da época. Também fundou o Colégio dos Nobres de Madrid, exerceu o cargo de embaixador espanhol em Veneza e no Egipto e, em 1524, foi nomeado membro do Conselho das Índias, então criado. Tomou hábitos eclesiásticos e obteve do Imperador Carlos V o priorado do Cabido da Catedral de Granada, que ainda ocupava à data da sua morte.

Mas... fixemo-nos por instantes na carta de Pedro Mártir de Anghierra, dirigida a Aires Barbosa. É altamente curioso e cheio de interesse o texto desta epístola, que respondeu a uma outra cujo teor desconhecemos, subscrita pelo destinatário; refere-se à epidemia da sífilis, que importunava o mestre salmanticense. Leiamo-la em tradução livre, com o sentimento de que a redacção original fica empobrecida na beleza, no estilo e na elegância que tem no latim:

— «Contas-me, em prosa corrente e em tom elegíaco, que desabou sobre ti um mal, próprio do nosso tempo, ao qual os espanhóis chamam boubas, os italianos morbo gálico, outros médicos elefantíase e outros ainda o designam por diversos nomes. Lamentas a tua desgraça e o teu infortúnio. Gemes por não poderes mexer os membros senão com dificuldade e choras com as dores insofríveis das articulações e ligamentos. Como se fosse pouco, queixas-te amargamente de úlceras e mau cheiro na boca. Na verdade, tenho pena de ti, queridíssimo Aires, e desejo que recuperes a saúde, mas de modo nenhum te perdoo que assim te deixes dominar pela doença, pois não é próprio de uma alma varonil sucumbir na adversidade ou rejubilar na prosperidade. Pelo contrário, devemos enaltecer aqueles que recebem os golpes da sorte com serenidade e com indomável coragem, buscando na fortaleza de ânimo o lenitivo para os seus males. Se assim fizeres, embora neste momento sejas perseguido por Saturno, responsável por esta doença, sentir-te-ás não menos feliz do que se te fosse dado voejar pelos ares, arrebatado na asa de Mercúrio. Saúde!»⁽¹³⁾

De tal carta, conclui-se facilmente o seguinte:



Salamanca – Ponte romana sobre o rio Tormes, com a catedral ao fundo.

– a sífilis, de que sofria Aires Barbosa, pelos sintomas apresentados, encontrava-se em plena explosão secundária no seu organismo, acompanhada de dores articulares, úlceras pelo corpo e fetidez na boca;

– Pedro Mártir de Anghierra aconselhou o amigo a sofrer com resignação e paciência, como convinha a um homem dotado de ânimo forte;

– o autor da carta, seguindo uma opinião generalizada na sua época, atribuiu a pertinaz doença ao planeta Saturno;

– se conseguisse vencer o desânimo, Aires Barbosa seria mais feliz do que se fosse arrebatado nas asas de Mercúrio; aqui parece haver uma alusão ao tratamento mercurial, pois Mercúrio, se era um deus mitológico e um planeta, também era um metal, já então empregado na cura das eflorescências cutâneas ou bubas da sífilis... tanto mais que, desde há muito, alguns povos o usavam com a mesma finalidade;

– Pedro Mártir, que trata o amigo por «Mestre da Língua Grega em Salamanca», quando, em 5 de Abril de 1489, escreveu a carta, encontrava-se na cidade espanhola de Jaén, donde a enviou.

Como vimos, Pedro Mártir de Anghierra chegou a Espanha em 1487 e, no ano seguinte, começou a escrever as suas cartas, endereçadas de diversos pontos do país, de modo que, por elas, se pode seguir o itinerário do seu autor. A primeira, de Janeiro de 1488, foi escrita de Saragoça; em Abril, de Guadalajara, escreveu duas; novamente em Saragoça, mais três em Abril e Junho; em Dezembro, datou outra de Guadalajara. Por ordem cronológica, vem depois aquela que se referiu, enviada a Aires Barbosa. A afirmação de alguns, que supõem ter havido erro na transcrição desta carta, colocando-a em 1498 ou 1499, parece não ter fundamento; de facto, conforme o testemunho de William Hickling Prescott, na *History of Reign of Ferdinand and Isabella*,⁽¹⁴⁾ na Primavera de 1489 a Corte de Espanha passava por Jaén, onde a Rainha pensava fixar residência. Além disso, Pedro Mártir conhecia bem o «amigo lusitano», pois, além de possíveis encontros em Florença, estivera em Salamanca de 23 de Setembro até meados de Novembro de 1488, a convite insistente do mestre-escola da Universidade, D. Gutiérrez de Toledo; aí, longe das preocupações da guerra contra os Mouros no sul da Península, dera lições públicas sobre a Língua Latina e sobre as Sátiras de Juvenal, sendo objecto de obsequiosas demonstrações.

Vem a propósito um breve apontamento sobre a terrível doença venérea, a que Jerónimo

Fracastor, homem nobre e culto de Verona, médico e cientista, em 1530 deu o nome de sífilis, no seu poema *De morbo gallico*.

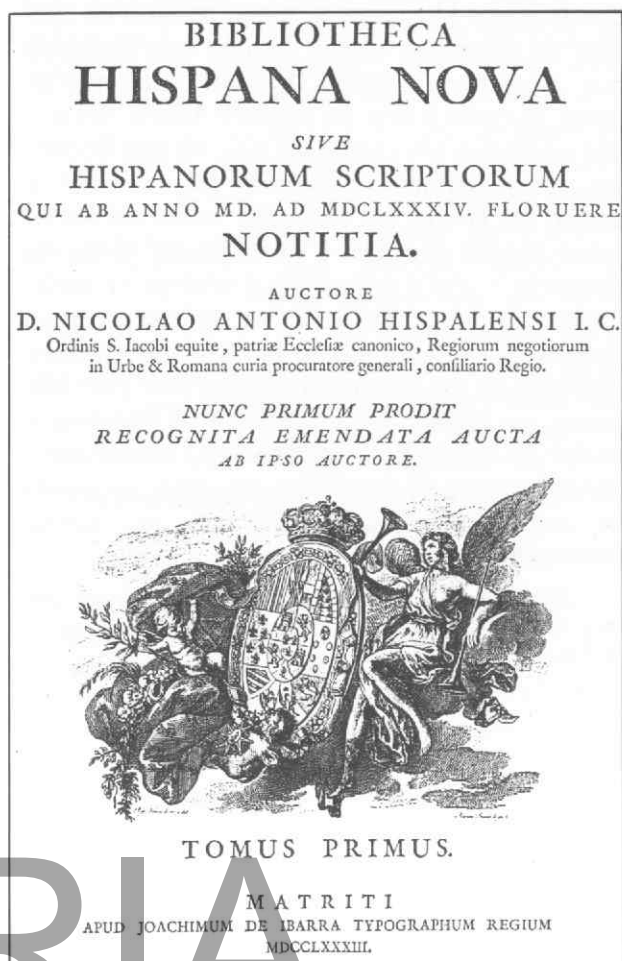
Admite-se hoje que se trata de uma doença antiquíssima, embora raramente de forma epidémica, com indícios em restos ósseos do homem paleolítico e neolítico, em certas múmias egípcias, em vários achados pré-históricos e em textos arcaicos, assírio-caldaicos, chineses, japoneses, árabes e gregos; Déchambre aponta a sífilis entre os chineses, aí pelo ano 2600 antes de Cristo, que a tratavam com mercúrio. Porém, só a partir do século XV é que tal doença começou a ser analisada em pormenor e descrita por médicos, que a deram como de proveniência diversa. Certos autores, privados de conhecimentos que actualmente temos, consideravam-na de importação americana, veiculada pela marinhagem de Cristóvão Colombo que, tendo-a contraído na Ilha de Hispaniola (Haiti), a haveria transmitido aos habitantes da Península Ibérica, logo após o seu regresso em Março de 1493; por esta razão, na França, nos fins de quatrocentos, ter-lhe-ia sido dado o nome de «mal americano». Daí e desde então – segundo o mesmo raciocínio – o foco epidémico alastrava rapidamente; em 1495, durante o cerco de Nápoles pelo rei francês Carlos VIII, o povo desta cidade seria também assediado por uma terrível e inaudita enfermidade, persistente e mortífera, cujas características se presumiram ser as da sífilis. Os causadores do mal teriam sido os soldados espanhóis, que serviam na cidade, contagiados pelos marinheiros de Colombo; aqueles, por sua vez, propagá-la-iam aos ocupantes franceses. A partir de então, surgem as diversas denominações da doença, porque nenhum país desejava ser o berço do foco epidémico de uma enfermidade ancestral e vergonhosa, mas tida como esporádica: – na França, além de «mal americano», também «mal napolitano»; na Itália, na Espanha e em Portugal, «mal gálico»; na Polónia, «mal alemão»; na Rússia, «mal polaco»; no Ceilão e no Japão, «mal ou úlcera portuguesa»; na Índia, «mal francês»; na China, «úlcera de Cantão»; nas Ilhas de Taiti, «doença britânica»; etc.

Todavia, a hipótese da origem americana do foco contagioso na Europa nos finais do século XV parece não ter consistência; efectivamente, já em 1929, o Professor Karl Sudhoff, afamado director do Instituto de História da Medicina na Universidade de Leipzig, num artigo publicado na revista de Obermaier *Investigación y Progreso*,⁽¹⁵⁾ chegou a tal conclusão, fundamentando-a em diversas premissas e demonstrando que a doença, certamente de forma casual, já era

conhecida, antes ou muito antes da expedição colombiana, em diversas regiões do Velho Continente, como no sul da França, no norte da Itália e na Catalunha.⁽¹⁶⁾ E o mesmo distinto autor chega a afirmar que, em Nápoles, o alastramento do mal tanto poderia ter partido dos espanhóis, como dos franceses, como das meretrizes que sempre se infiltram nos exércitos; e não será mesmo de pôr em dúvida o foco napolitano – interroga ele – pois Mariano Sanuto, contemporâneo dos factos, narrando à Signoria de Veneza tudo o que viu e observou na cidade, não diz qualquer palavra sobre tal epidemia?⁽¹⁷⁾

Por seu lado, contrariando Karl Sudhoff, o Professor Alberto da Rocha Brito defendeu a origem americana do foco sífilítico na Europa, considerando por isso errada a data da carta de Pedro Mártir de Anghierra a Aires Barbosa e, em consequência, não dando a tal documento o significado de prova capaz para o início das funções docentes do mestre em Salamanca durante a década de 1480-1489.⁽¹⁸⁾ Contudo, já muito antes, o Dr. Joaquim Alberto Pires de Lima, lente da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, tinha escrito: – «Não se sabe ao certo em que época a sífilis começou a produzir os seus estragos entre nós. Muitos autores supunham que ela tinha sido trazida para a Europa pelos marinheiros que acompanharam Cristóvão Colombo, quando foi a descoberta da América (1492-1493). Está hoje porém demonstrado que, antes da chegada da expedição de Colombo, já na Europa grassava a sífilis. O erro em que caíram aqueles autores justifica-se pelo facto de coincidir pouco mais ou menos a chegada de Colombo com o aparecimento e a extraordinária difusão pela Europa de uma terrível epidemia da sífilis. Mas, apesar de estar demonstrado que a sífilis já existia no Velho Continente antes da descoberta do Novo Mundo, não está averiguada ao certo a época da sua instalação na Europa».⁽¹⁹⁾ E Maurício Mariotti, no Congresso da História da Medicina de 1950, em Amsterdão, remataria: – «Podemos concluir com verdade que a origem da doença nem é americana, nem europeia, mas mundial, pois que nasceu com o homem; demonstra-o a história de todos os tempos e de todos os lugares, e confirma-o um dos textos sagrados de mais renome – a Bíblia».⁽²⁰⁾

Qual o motivo de todo o este arrazoado à volta da vida de Pedro Mártir de Anghierra, da sua carta, acima transcrita, e da sífilis? É para se tentar demonstrar que tal carta é realmente de 5 de Abril de 1489 e que Aires Barbosa já se encontrava a ensinar a Língua Grega em Sala-



manca, pelo menos no ano lectivo de 1488-1489 – dir-se-ia como «professor extraordinário» – ocupando, ao que parece, uma simples catedrilha. Nos registos da Universidade lamentavelmente não se encontrou, até hoje, qualquer referência ao princípio de tais funções; todavia, André de Resende, que foi seu discípulo, na *Epistola ad Quevedum Toletanum*, escreveu, antecipando aquela data: – «Aires Lusitano ensinou em Salamanca, com grande proficiência, tanto a Língua Latina como a Grega, durante mais de quarenta anos».⁽²¹⁾ Sendo isto verdade – e aliás Enrique Esperabé Arteaga também conclui pela afirmativa⁽²²⁾ – Aires Barbosa teria iniciado o seu magistério nos meados da década de 1480, pois seria jubilado em 1523, como se verá.

Não obstante, contrariando o testemunho do referido aluno, que «a priori» julgamos verídico ou aproximado, Marcel Bataillon viria dizer que o humanista aveirense teria voltado a Salamanca apenas em 1490, Moreri inclinar-se-ia por 1494 e Diogo Barbosa Machado até acabaria por registar a data de 4 de Julho de 1495 para a sua eleição ou nomeação na cátedra de Grego – data que se nos afigura demasiadamente tardia; é fácil

que Barbosa Machado se tenha firmado na opinião de Francisco Leitão Ferreira que escreveu que o mestre regressou a Portugal, vindo de Florença, durante o ano de 1494.⁽²³⁾ Todos, porém, são unânimes em confessar que, na sua docência, Aires Barbosa, incentivou grandemente o ensino do Grego em Espanha, como no *Encomium Erasmi* relembra o mencionado André de Resende: – «Foi o primeiro que ensinou os espanhóis, com a voz de Hipocrene, a falar a Língua Grega».⁽²⁴⁾ De facto, como também diria Moreri, «Barbosa foi um dos restauradores principais das Letras em Espanha, com António de Nebrissa e André de Resende, e restabeleceu sobretudo a honra e o uso da poesia no seu país, enquanto os outros dois procuravam polir as demais Artes».⁽²⁵⁾

Anotou-se António de Nebrissa, como um dos nomes inseparáveis da renovação clássica em Espanha. Mas, além disso, na convivência diária da velha Universidade Salmanticense, uma grande e mútua amizade juntou os dois humanistas, que a Providência se encarregaria de reunir nos destinos e na glória. Nicolau António, escrevendo sobre os dois, afirmou: – «Esta Universidade, e a partir dela toda a Espanha, deve a ambos a extirpação da barbárie, que durante muito tempo crescera imensamente entre nós com seu domínio perverso, e também lhes deve as riquezas de todas as boas disciplinas».⁽²⁶⁾

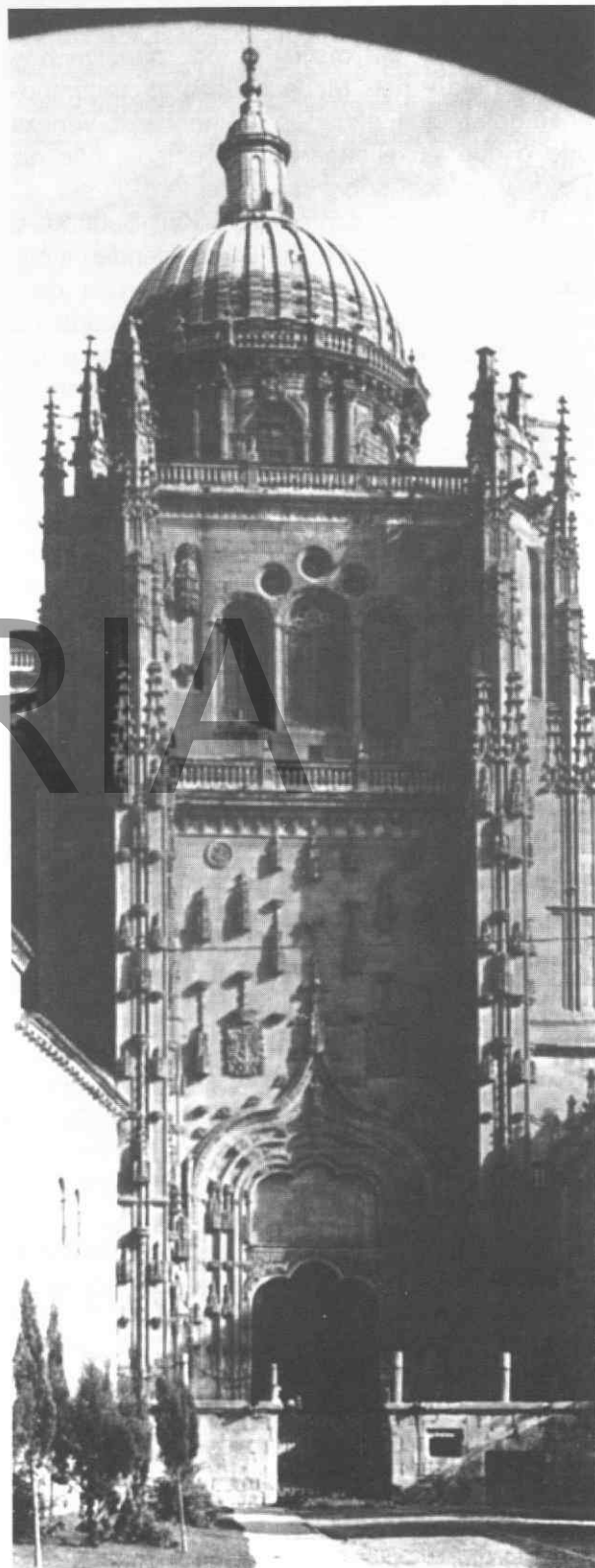
Apesar de todo esse esforço em favor das ideias renascentistas, a Academia de Salamanca parecia apostada em prosseguir na tradição escolástica em que nascera, mas então decadente e ultrapassada; como a de Paris, opunha resistência à «luta contra a barbárie», em que tão denodadamente se empenhavam os dois mestres inovadores. Aires Barbosa, por seu lado, queixava-se amargamente de que ela persistisse nessa teimosia conservadora, apesar de já terem decorrido dois lustros de esforços: – «A Grécia dominou a Barbárie durante dois lustros, mas nem agora, depois de dois lustros, a Barbárie cai».⁽²⁷⁾

E, num pequenino epigrama contra o riso alvar dos «bárbaros», compara-os ao porco que despreza as pedras preciosas para se refocilar nos sobejos e no esterco.⁽²⁸⁾

PROFESSOR CATEDRÁTICO

Decorridos alguns anos de ensino em Salamanca, ocupando a catedrilha de Grego – embora, como já se referiu, não haja registo no respectivo arquivo que possa afiançar o que André de Resende afirma – Aires Barbosa prestaria jura-

mento «de bene legendo» no dia 1 de Maio de 1503 e, em 11 de Setembro seguinte, seria incorporado no Colégio dos Doutores e Mestres Artistas. Como esclarece Enrique Esperabé



Catedral de Salamanca (pormenor).

Arteaga, «isto permite supor que não era graduado em mestre por Salamanca e que a nomeação de catedrático de propriedade de Retórica seria em alguns dias anterior à sua incorporação, por ser prática corrente nessa época não receber o grau ou não ser incorporado sem ter cátedra de propriedade».⁽²⁹⁾

Depois, nessa qualidade de professor catedrático, ensinou durante vinte anos, conforme o costume acadêmico; com efeito, isso mesmo é confirmado pela anotação dos livros de contas da Universidade, onde se indica, no correspondente ao curso de 1523-1524, que ele, nesta ocasião, já estava jubilado. As aulas iniciavam-se no dia de S. Lucas, 18 de Outubro, e terminavam na festa litúrgica da Natividade de Nossa Senhora, 8 de Setembro – a que se seguia um período de férias.

Como houve ocasião de dizer, Aires Barbosa manteve relações especiais de extrema cordialidade com um dos homens mais importantes do humanismo espanhol, dotado de fulgurante talento e de profundo saber, de seu nome completo Élio António de Nebrissa; nascido em 1444 e falecido em 1522, foi polígrafo notável como gramático, dicionarista, poeta novilatino, editor crítico, helenista-teólogo, cientista e historiador. Depois dos estudos feitos na Itália, ensinou em Sevilha e nas Universidades de Salamanca, onde teve uma carreira agitada, e de Alcalá de Henares, para onde o chamou o fundador desta Escola, Cardeal Jimenes. Redigiu a primeira gramática moderna de uma língua contemporânea – o castelhano – que publicou em 1492.

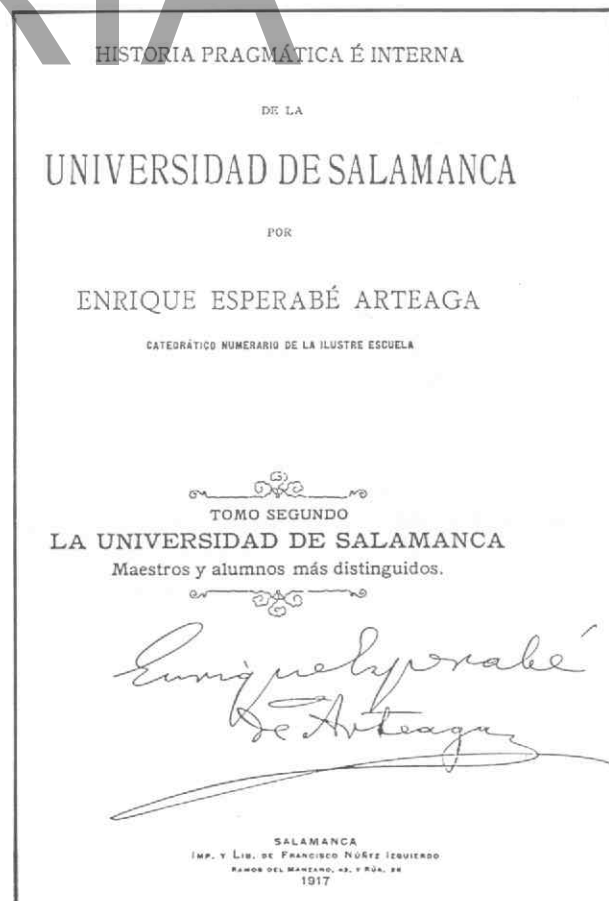
O nosso aveirense manifestou bem os laços de íntima e singular amizade que o prendiam a António de Nebrissa, defendendo-o calorosamente dos ataques com que os adversários invejosos o mimosearam em certa altura, precisamente quando Nebrissa se encontrava no auge da sua carreira.

Noutra oportunidade, quando morreu o Mestre Espinhosa, Aires Barbosa opôs-se à cadeira de Prima de Gramática; vendo, porém, que o amigo pretendia o lugar, desistiu do concurso e deixou-o só em campo. Todavia, em 9 de Março de 1509, o aveirense voltaria a opor-se à referida cadeira, que o Mestre António de Nebrissa deixara vacante, pela sua transferência para a Universidade de Alcalá de Henares; tendo sido aprovado, dela tomaria posse em 22 do mesmo mês. Aires Barbosa viu então satisfeita a sua velha aspiração de ser professor catedrático da Língua Latina, em cujo ministério teria oportunidade de se revelar com proficiência e brilho. Desistiu da de Retórica, mas continuou a ocupar a de Grego,

pela qual recebia 13 000 maravedis. Aliás, foi no ensino da Língua Grega que Aires Barbosa se elevou a tão alta culminância que os discípulos, entre os quais André de Resende, português, e Hernán Nunez, o Pionciano, seu sucessor na cátedra, lhe deram o epíteto de «Mestre Grego». Efectivamente, enquanto desempenhou o múnus de professor, a cultura helénica em Espanha esteve sobretudo, sem qualquer dúvida, nas mãos do nosso insigne patricio que, em 30 de Junho de 1506, a Universidade escolheu como um dos conselheiros para beijar as mãos de D. Joana como Rainha e de D. Filipe I como seu legítimo consorte, nas Cortes de Valladolid.

Neste momento, podemos-nos valer de diversos testemunhos laudatórios que confirmam o mérito de Aires Barbosa. Eis alguns deles:

Lílio Greg. Giraldo, no livro *De potioribus sui saeculi Poetis*, afirmou: – «Aires Barbosa foi um poeta português que, depois de ter sido aluno de Policiano na Itália, introduziu em Espanha as Letras mais cultas e, em Salamanca, ensinou as boas Letras durante vinte anos; António de Nebrissa, ao morrer, deixou-lhe em testamento a sua obra para corrigir».⁽³⁰⁾



☞ Lourenço Crasso, por sua vez, na *Historia dei Poeti Greci*, disse que Aires Barbosa era «homem de muito saber e perito de muitas línguas, e poeta insigne; foi ele quem primeiro levou para Espanha a Língua Grega; em companhia de António de Nebrissa, viveu da Língua Grega e da Poesia». ⁽³¹⁾

O próprio António de Nebrissa, no prefácio da sua obra *Introductionum Grammaticarum...*, mostrou quanto estimava o amigo ao confidenciar: – «Eu, porém, como nas minhas *Introduções*, deixasse mal começados muitos temas de Grego, pondo em comum antes o assunto com Aires Lusitano, do qual unicamente se alguma coisa se sabe de Grego entre nós a ele se deve, ousei eu fazer o que ele, mais perito nestas coisas, deveria ter feito». E noutra ocasião, nas suas *Quinquanar. ad Franciscum Ximenes*, não deixou de atestar: – «A Língua Grega foi ilustrada e já antes divulgada pela Espanha por Aires Lusitano, homem muitíssimo erudito no Grego e no Latim». ⁽³²⁾

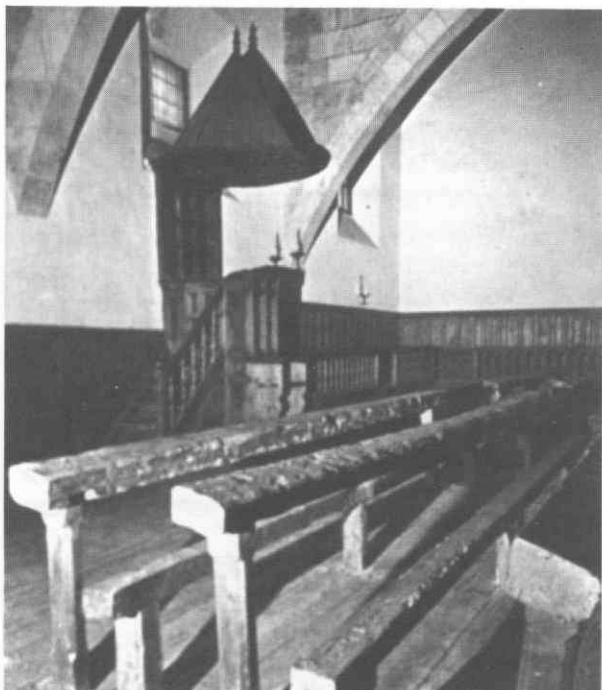
Mais tarde, em 1741, Diogo Barbosa Machado havia de escrever: – «Jazia neste tempo em Espanha muda a eloquência; estavam separadas do comércio dos Sábios as Musas, e se tinha introduzido uma tal ignorância das línguas e letras humanas que somente dominava a barbaridade, contra a qual se armou Aires Barbosa como outro Hércules degolando a Hidra mais perniciosa que a de Lerna, com as doudas

instruções do seu magistério exercitado pelo largo espaço de vinte anos com singular crédito do seu talento e não pequena glória e fruto dos seus discípulos». ⁽³³⁾

Perante tais afirmações, vemos como estes autores são unânimes em elogiar o saber e em enaltecer o ensino do pedagogo português, mestre de Latim e de Grego, que também regeu as cadeiras de Retórica e de Gramática. Mas convém não esquecer que os humanistas europeus formavam entre si uma espécie de arquiconfraria internacional, onde os seus nomes eram repetidos com respeito e admiração; o carteameto e o mútuo louvor eram constantes.

Enquanto permaneceu em Espanha, Aires Barbosa deu à estampa diversas publicações, em latim, todas editadas em Salamanca. Em 1511, apareceu a *Arii Barbosaie Lusitani in verba M. Fabii. Quid? Quod et Reliqua. Relectio de verbis obliquiis*, que consiste numa lição que proferiu aos alunos sobre temas gramaticais respeitantes a certas expressões usadas por Marco Fábio Quintiliano e aos casos indirectos; o insuspeito António Honcala, numa poesia preliminar inserta no livro e dirigida ao leitor, tece os maiores encômios a Aires Barbosa, «que, com igual brilho e fulgor, cultivou as duas Línguas (Latim e Grego) e ensinou em Espanha pela primeira vez o Grego, pelo que mereceu o cognome de Grego, como também merecera o de Romano». Em 1515, surgiu a *Epometria, seu de metiendi carmina ratione* – obra que se ocupa da geração dos sons e que coloca o autor entre os musicólogos; uma segunda edição deste livro foi feita em Sevilha, no ano de 1520. Sucederam-se depois as seguintes publicações: – em 1516, *Epigrammatum seu Operum ejus Poeticarum*; ainda no mesmo ano, *In Aratoris Presbyteri Poema de Apostolorum rebus gestis commentarium*, em que – como diz André Scoto citado por Nicolau António – o seu autor se mostrou ser não apenas filólogo, mas ainda filósofo e teólogo; ⁽³⁴⁾ em 1517, *De Prosodia, scilicet, Relectio, seu, de Re Poetica, ac recta scribendi ratione*; também na mesma data, *De Orthographia*; em 1520, *Epigramma in laudem Petri Margalli*, então catedrático de Prima de Teologia na Universidade de Salamanca, e *Epistola Latina*, em resposta a outra do mesmo Margallo, que termina com a elegia *Ad juvenes studiosos bonarum artium Carmen*. Estes três últimos opúsculos foram publicados no *Physices Compendium*, do Doutor Pedro Margallo.

Anotam-se ainda outros trabalhos: – *Quaestiones quodlibeticae de qualibet re*; e *Epistola Lucio Marineo Siculo*. Também há referências a



Universidade de Salamanca – Aula de Teologia.

uma carta escrita a El-Rei D. João III, a uma obra chamada *Rhetorica* – a qual ele próprio menciona num epigrama dedicado a Jorge de Miranda no fim da *Antimoria* – e a um diálogo em italiano *Delle Imprese di Guerra e di Amore*.

PRECEPTOR DE PRÍNCIPES

Completados os vinte anos de exercício de professor proprietário de cátedra, depois do juramento «de bene legendo» e da incorporação no Colégio dos Doutores e Mestres Artistas, Aires Barbosa foi jubilado, em virtude da praxe regulamentar. Isto aconteceu em 1523; em 8 de Setembro deixaria definitivamente a Escola Salmanticense.

Ensinar em Espanha o que em cultura clássica de melhor aprendera no Studio Florentino e na experiência da vida; pedagogo e humanista notável, tinha como dever de consciência a formação intelectual dos discípulos, preparando-os para, no futuro, virem a ser úteis na sociedade. Ele próprio definiu o objectivo do seu ensino, quando escreveu no começo do livro *Arii Barbo-sae Lusitani in verba Fabii. Quid? Quod et Reliqua. Relectio de verbis obliquis*: – «Desde que fui incumbido do encargo literário de ensinar na Universidade de Salamanca ambas as Línguas aos jovens de Espanha, sempre tive no ânimo uma preocupação que ainda mantenho: procurar e investigar aquilo que julgo ser-vos útil no futuro».

Ao saber da sua aposentação, o Rei de Portugal, D. João III – aliás sempre a par das notabilidades do ensino e tendo em grande apreço os méritos indiscutíveis do ilustre aveirense – enviou a Salamanca um mensageiro para ir à procura de Aires Barbosa e para lhe entregar uma carta sumamente gratificante. Por ela, o Mestre era convidado a regressar a Portugal para que, na Corte, desse formação ao irmão do Soberano o Infante D. Afonso, já cardeal desde os sete anos e que tinha então catorze anos de idade; era a altura propícia para o estudo das Humanidades. «Imediatamente se juntou e acrescentou àquele trabalho concluso um novo, de não menor responsabilidade, mas que por mim devia ser realizado em menos tempo» – escreveu Aires Barbosa, no prefácio da *Antimoria*, continuando: – «Não pude recusar-me ao pai da minha Pátria».⁽³⁵⁾ Entendia ele que não poderia oferecer dádiva alguma mais grata a Deus do que ter instruído o Príncipe; atendeu ao Rei como se fora preceito obrigatório, mas exerceu o cargo como atitude de fé religiosa.⁽³⁶⁾ Seu tio, Martim de

Figueiredo, na dedicatória a D. João III do seu *Comentário* ao prólogo das *Histórias Naturais* de Plínio, o Moço, escreveria a este respeito: – «Da Universidade de Salamanca, celeberrima em toda a Espanha, fizeste vir o doutíssimo e notabilíssimo Aires Barbosa, com grandes recompensas e ofertas, depois de ele ter alcançado o repouso dos estudos».⁽³⁷⁾

Na Corte, Aires Barbosa passou, portanto, a desempenhar, com gosto e zelo, o novo ofício de ensinar «a arte da eloquência, da oratória e da dialética, além de outras louçanias das humanidades».⁽³⁸⁾ Foram sete anos; contudo, «teria realizado, sem dúvida, esta tarefa em três anos, se durante as mudanças da instável Cúria me houvesse sido permitido demorar mais tempo em algum lugar» – confessou ele em jeito de recordação.⁽³⁹⁾ Dizem alguns – como Cristóvão Alão de Moraes – que também foi professor do Infante D. Henrique, nascido em 1512, igualmente irmão de D. João III e, mais tarde, cardeal-rei.⁽⁴⁰⁾

Foi esta uma brilhante coroa do longo magistério de um grande humanista; ele entrara mesmo na intimidade do Rei Piedoso, como já havia sido das relações do Arcebispo de Compostela, D. João da Fonseca.

Pouco se conhece da vida familiar, da mulher e dos filhos de Aires Barbosa; mas sabe-se que casou com D. Isabel de Figueiredo, «de generosa estirpe», de quem houve cinco filhos. A morte, porém, arrebatou-lhe a esposa «em idade muito florescente», quando talvez ainda vivesse em Salamanca; no epigrama que lhe dedicou, como epitáfio, publicado em 1536, escreveu: – «Morrendo, foi feliz na morte, pois, tendo vivido bem, entregou, na hora suavemente fatal, a pura alma do Céu, os ossos à terra; é, portanto, feliz!».⁽⁴¹⁾

O filho mais velho, Fernão ou Fernando Barbosa, com «pouco mais que da idade do Infante D. Duarte»,⁽⁴²⁾ acompanhou o pai na Corte, crescendo e formando-se juntamente com o Cardeal D. Afonso e os outros Infantes. Mais tarde, seria moço fidalgo de D. João III, em atenção aos serviços prestados pelo pai. É deste Fernão Barbosa que André de Resende conta o seguinte episódio, passado em 1527, na cidade de Coimbra, quando a Corte aí se encontrava, fugida a uma epidemia que atormentava Lisboa. Certa vez, estando Fernão Barbosa com uma vergasta na mão – uma «vara louça» – o Infante D. Duarte, um pouco mais novo do que ele, pediu-lha; apesar das insistências, Fernão Barbosa não lhe deu e, vendo que teria de a dar pela força, quebrou-a. Ante a descortesia, o Infante encolerizou-se e,

lançando-lhe a mão a uma escófia de seda que usava na cabeça, «porque estava rapado de fresco à navalha por causa de bostelas e sarna», o moço ficou descoberto, no meio de uma grande risada, e, apupado de todos, fugiu a correr. O Infante reconsiderou e, receoso, escondeu-se numa câmara, por Fernão Barbosa ser filho do mestre do Cardeal. Tudo acabaria em graça, por diligência de André de Resende e porque Aires Barbosa, «como era homem prudente e de condição branda», se pôs do lado do Infante contra seu filho e ajudou a dar alegria à graça. O próprio Cardeal D. Afonso, então de dezoito anos de idade, fez do episódio tema de um epigrama, que dirigiu a Fernão Barbosa, já regular latinista embora apenas contasse quinze anos. Depois de narrar pormenorizadamente a «briga ridícula» em verso clássico, o autor conclui: – «Tudo isto foi mal feito, porque um e outro ficaram afinal sem a vergasta, quando ambos eram merecedores de duas vergastas».⁽⁴³⁾



«Antimóia» – Primeira página.

EM ESGUEIRA... A «ANTIMÓRIA»

Em 1530, já liberto dos dois cargos, visto que tanto o exercício do magistério como a vida palaciana lhe granjearam um tranquilo e merecido repouso, Aires Barbosa regressaria ao torrão natal. Conseguindo uma remansosa velhice, iria preparar-se proximamente para bem morrer. Arrastaria, decerto, os últimos anos de vida penosamente, atormentado pelos achaques da idade e até por imerecidos agravos da justiça ou da injustiça dos homens; mas, de consciência moldada e fortalecida pela fé cristã, ele não se deixaria vencer pelo desânimo. Também não estava nos seus propósitos cruzar os braços ou afastar-se das legítimas preocupações terrenas ou das exigências morais do seu querer. «Julgo, na verdade – escreveu ele nessa ocasião – que não me era lícito nada produzir, mas antes desviar para alguma ocupação útil o apetecido ócio; nem de novo tive o direito de me entregar aos divertimentos, à caça e aos outros prazeres indignos do homem douto, mas, muito preferentemente, de seguir a primeira e mesmo verdadeira ocupação do homem».⁽⁴⁴⁾

Efectivamente, residindo em Esgueira, no sítio do Outeiro, nas suas pousadas da Rua da Corredoura, Aires Barbosa aproveitou os dias de lazer para compor em verso hexâmetro um poemazinho, de carácter religioso, a que deu o nome de *Antimóia*, saído principalmente da continuada reflexão de alguém que, alheando-se já de certas perspectivas, conservava a verdadeira fé, com a esperança e o amor no coração. «Deves ter verdadeira fé, esperança e amor de coração» – aconselhava ele;⁽⁴⁵⁾ ou ainda: – «Homem, visto que és, como hóspede, fugaz habitante deste mundo, conhece o teu exílio»;⁽⁴⁶⁾ ou mesmo: – «Qualquer excessivo prazer do corpo, inimigo de todas as virtudes, surge para embaraçar o bom-senso; ofuscando os olhos do espírito, arrebatava o próprio espírito».⁽⁴⁷⁾

Com tal trabalho, Aires Barbosa ansiava refutar o *Encomium Moriae*, da autoria do sempre admirado Desidério Erasmo, de Roterdão – livro que o nosso aveirense verificava andar em todas as mãos.⁽⁴⁸⁾ Além disso, entendia como seu dever consagrar o que lhe restasse de vida «ou em louvor de Jesus Cristo, ou em benefício do seu outro eu, isto é, o próximo».⁽⁴⁹⁾ A exaltar a sabedoria cristã se destinava, pois, a obra do nosso patricio que, fiel à promessa proclamada em belo epigrama, se não esquecera do Nome de Jesus: – «Ó Nome adorado na terra, no inferno e no céu, sempre me hei-de lembrar deste Nome!».⁽⁵⁰⁾

O caso de Erasmo, visto à distância dos séculos, leva-nos hoje a concluir que os abusos dos homens da sociedade civil e da Igreja requeriam pronta e necessária reforma; muitas pessoas de boa vontade e de fé esclarecida tiveram palavras de reprovação de costumes não condcentes. Em cima do acontecimento, nem sempre essas vozes foram escutadas e muito menos entendidas.

Às vezes, representa-se Erasmo como um livre-pensador; mas, apesar de todas as suas irreverências, o grande humanista conservou a fé em Cristo, sem nunca romper com a Igreja, chegando mesmo a exaltar uma espiritualidade preocupada com a formação interior do homem e revelada no amor a Deus e ao próximo, em contraste com as práticas meramente exteriores de religiosidade vulgar. Todavia, pela mordacidade irreverente do seu espírito e dos seus escritos ante as práticas supersticiosas, o monaquismo degradado e a corrupção do clero, Erasmo deu azo a que os seus contraditores, partindo-lhe o nome latino, pudessem dizer: «eras mus»; e o nosso Francisco Leitão Ferreira, melhor historiador que poeta, teve o descaramento de parafrasear em epigrama: – «Se decifrar talvez trato / Teu nome, Erasmo, em latim, / Feito em partes, acho enfim / Na divisão que eras rato...».⁽⁵¹⁾

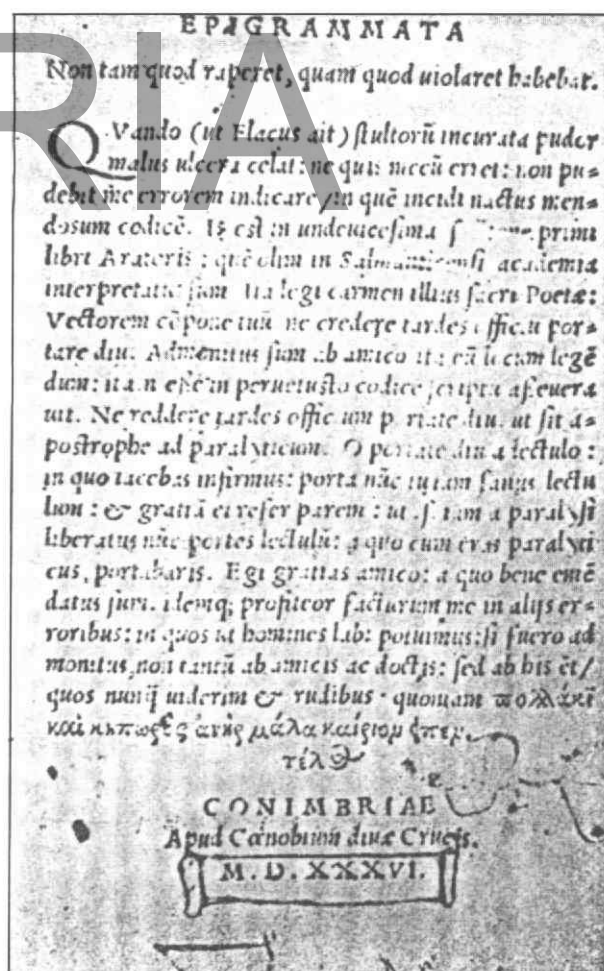
Aires Barbosa, por seu turno, lamentava a brilhante mas perigosa sátira erasmiana; «com efeito – escreveu ele – ainda que o *Elogio da Loucura* seja lido com sumo deleite pelos eruditos, que muito bem percebem lhes é inofensivo o dulcíssimo encanto daquela obra, contudo não pode ser lido sem dano por outros, que são a maioria».⁽⁵²⁾ A admiração pelo humanista de Roterdão não o cega; preferiria que Erasmo procurasse ganhar o título de cristão e de teólogo, em vez de foros de orador engenhoso, douto e eloquente.⁽⁵³⁾

O *Encomium Moriae*, preparado na Inglaterra em casa do notável Chanceler do Reino e valeroso cristão de antes quebrar que torcer, S. Tomás More, apareceu em público pela primeira vez em 1509. Nessa altura e nos anos seguintes, não fora possível a Aires Barbosa realizar o seu intento; «contudo – diz ele no prefácio da *Antimória*, dirigido ao Cardeal D. Afonso – ardentemente desejámos agradar ao Santíssimo Cristo com alguma espécie de obséquio e cultivar neste retiro, com humildade avena, a musa rústica, isto é, pequenos versos desordenados, que lançássemos, como mesquinhas moedas, à semelhança da viúva pobre, no gazofilácio do

Senhor».⁽⁵⁴⁾ O cuidado público de ensinar e a preocupação particular de dirigir os negócios da sua casa não lhe haviam permitido comentar qualquer coisa, a não ser, casualmente, aquilo que ia interpretando.⁽⁵⁵⁾

A redacção da *Antimória*, por isso, teve de ser protelada forçadamente; apenas escrita em Esgueira, foi impressa em Coimbra, na tipografia do Mosteiro de Santa Cruz, em 1536. É de crer que, para a escolha desta oficina – a primeira que se estabeleceu naquela cidade – tenham concorrido não só as possíveis relações de amizade entre o velho professor de Salamanca e o luzido grupo de humanistas do Mosteiro, mas também a própria Corte através do Cardeal D. Afonso, além da esmerada apresentação gráfica das composições latinas saídas dos seus prelos desde 1530.

Em Prudêncio encontrou o autor a sugestão para a métrica que adoptou, em oposição à prosa de Erasmo; este, porém, já não apreciou



«Antimória» – Última página.

as objurgatórias e o rigor dos versos do humanista aveirense, pois faleceu naquele preciso ano de 1536.

Contrariando Erasmo, Aires Barbosa ape-
gou-se conservadoramente às ideias oficiais do
tempo, que sofriam as primeiras fendas, e procu-
rou opor o antídoto da sapiência cristã à «loucu-
ra» progressista de Roterdão; para defender o
pensamento radicado, não se calou, saiu à liça e
quebrou lanças. Mostrou-se do seu tempo e não
vislumbrou o futuro que já despontava, para o
encarar de frente com a luz da fé na mão; seria
anacrónico se ele, homem do princípio do século
XVI, tivesse feito a separação convergente entre
a fé e a ciência, a simbiose doutrinal entre a
sabedoria divina e a sabedoria simplesmente
humana, a destrinça entre os valores eternos e
os valores temporais, a teologia do mistério
insondável da santidade da Igreja de Cristo, ape-
sar dos defeitos de muitos daqueles que a ser-
vem e amam. Só mais tarde, a reflexão aturada
levaria a extremar campos sem os contrapor,
mas procurando a harmonia. A *Antimória*, sendo
a mais representativa de quantas obras Aires
Barbosa nos legou, vale sobretudo como pro-
duto de uma mentalidade e como retrato de uma
época.

O livro teve a apresentação do insuspeito
humanista Jorge Coelho, correspondente do pró-
prio Erasmo e secretário do Cardeal-Infante D.
Henrique, que, na carta que dirigiu a Aires Barbo-
sa, o classificava de «elegantíssimo poema, de
bem ordenada feição lucreciana».⁽⁵⁶⁾ Jorge Coe-
lho, que se reconhece como um dos estultos por
também ter sofrido do «contágio comum», prove-
niente de Erasmo, confessa que Aires Barbosa
lhe ministrou o remédio capaz de o reanimar.
«Quanta erudição, quanta probidade se não
patenteia nessa obra! Rivaliza a gravidade com o
conhecimento das matérias; a pureza com a elo-
cução; a elegância do verso com a agudeza das
sentenças; enfim, com tudo isto, notável amor da
piedade e da religião. Assim, na verdade, convi-
nha contra o hediondíssimo monstro que as
armas dos seus tão fortemente protegiam» –
escreve Jorge Coelho.⁽⁵⁷⁾

Aires Barbosa dedicou o seu trabalho ao
Cardeal-Infante D. Afonso. Na sua portada e
quase a ocupar toda a página, uma gravura
ostenta o brasão do Príncipe, que fora seu ilustre
discípulo, por baixo da qual se imprimiu o título:
– «ARII BARVOSAE / Lusitani Antimoria / Eius-
dem nonnulla Epigrammata». Efectivamente, em
apêndice, completa o pequeno volume uma boa
coleção de quarenta e quatro epigramas, alguns
deles datados de muitos anos antes e referentes

a casos ocorridos em Espanha ou durante a vida
do autor. O prefácio-dedicatória, da pena de
Aires Barbosa, é peça fundamental para a com-
preensão do seu pensamento e ainda para a sua
biografia. Aí se pode ler, em tom de desabafo
incontido, a manifestação do sentimento de
alguém que sabe como as multidões correm
atrás da novidade e aplaudem a sátira social: –
«Àquele, embora tome o pior assunto, aliás agra-
dabilíssimo, aplaude-o todo o teatro; a mim, que
mal principio a escolher a melhor expressão,
abandonar-me-ão os espectadores. (...) Que não
digo isto com inveja ou malevolência, mas com
uma espécie de simplicidade cristã – é Deus tes-
temunha, é testemunha a minha consciência».⁽⁵⁸⁾

Ao lançar-se na redacção do poema, como
flor que desabrochou do seu coração, o velho
helenista, coroado de glória, teve como principal
finalidade «prestar por alguma maneira homena-
gem ao nosso Deus», resolvendo acordar a sua
lira latina em favor da sabedoria cristã. E é ainda
levado por este espírito que ele acaba por termi-
nar a sua obra: – «(...) A Ti, Sumo Deus, são devi-
dos santos silêncios e a respeito da Tua Majes-
tade é preferível estar calado a dizer coisas indi-
gnas. (...) Entoemos a Cristo um cântico de ale-
gria e de gratidão: Glória ao Alto Deus nas altu-
ras! Louvor e honra a Ti, Virgem Mãe! A ti, man-
são celeste!»⁽⁵⁹⁾

El-Rei D. Manuel II, no comentário que dedi-
cou à edição de *Antimória*, de 1536, de que pos-
suía um exemplar em Vila Viçosa, escreveu: – «A
Antimória tem para nós um profundo interesse,
não só para fazer reviver a época mais brilhante
do estudo das Humanidades em Portugal, mas
porque o seu autor foi um dos iniciadores desses
estudos no nosso País e um dos seus mais insi-
gnes mestres».⁽⁶⁰⁾

TESTAMENTO E MORTE

Aires Barbosa, já viúvo, passou os últimos
anos na vila de Esgueira, na companhia dos seus
filhos Fernão (ou Fernando) e Margarida e ao pé
de alguns sobrinhos e de outros parentes; a sua
filha Catarina era freira no pequeno convento
do Santo Espírito. Entretanto, junto das suas
pousadas, no Outeiro, mandara edificar uma
capela, sob a invocação de Nossa Senhora do
Desterro, no adro da velha igreja matriz de Santo
André, contíguo ao passal, ambos sobranceiros à
ribeira e ao vale. Esta capela tinha como finali-
dade principal ser a jazida dos seus restos mor-
tais e perpetuar o seu nome.

Ao começar o ano de 1540, Aires Barbosa,
de idade avançada, adoeceu gravemente e pre-
viu que se avizinhava a passos largos o dia do

falecimento e do julgamento divino. Por isso, mandou chamar João Cerveira, tabelião público judicial de Esgueira, e ditou-lhe o último testamento; era o dia 5 de Janeiro. Primeiro, determinou que aos seus restos mortais se desse sepultura dentro da referida capela de Nossa Senhora do Desterro, «que ele mandara fazer em a igreja de Santo André desta vila de Esgueira» e que aí se colocasse uma lápide com a inscrição «Aqui jaz o corpo do Mestre Aires Barbosa»; prescreveu que, no dia do seu funeral, levassem, acompanhando o corpo, vinte alqueires de trigo, dez almudes de vinho, duzentos réis de peixe, quatro tochas e dez velas acesas; ordenou que, no mesmo dia, lhe dissessem dez missas – nove rezadas e uma cantada, com suas horas, ladainhas e ofícios costumados – e que, durante o primeiro ano, em cada um dos dias mensais da morte, lhe levassem dez alqueires de trigo, cinco almudes de vinho e seis réis de peixe, e lhe dissessem cinco missas – uma cantada e quatro rezadas, com suas horas e ladainhas – e que aos ditos ofícios estivessem quatro tochas e dez velas acesas; dispôs que na sua capela, em todos os anos e em cada uma das sextas-feiras, se rezasse uma missa, não de «Requiem», com uma oração que ele, testador, compusera; além disso, estabeleceu que se cantasse uma missa no dia de Santa Cruz de Maio e outra no dia de Santa Cruz de Setembro, «com seus responsos sobre a sua cova»; mandou que a dita capela estivesse sempre «bem corrigida e concertada e ornamentada» de paramentos, cálix, frontal, toalhas, livro, galhetas, castiçais e velas para a celebração das missas e que o visitador, quando viesse à igreja de Santo André, fosse também examinar a capela, por cujo encargo se lhe desse dois cambos de linguados ou duas galinhas; preceituou que, após a sua morte, administraria a capela a sua filha Margarida e «todos os seus filhos lédimos e seus sucessores», e não o filho primogénito do testador, Fernão, «por ser muito mancebo em seu viver»; indicou que, na partilha da sua herança, não entraria a sua filha Catarina, «freira em o Mosteiro de Santo Espírito, porque o dito Mosteiro é pago e satisfeito, do que aí há escrituras»; dispondo dos bens, entrou em diversas particularidades e, sobretudo, vinculou a terça parte deles à mencionada capela de Nossa Senhora do Desterro; finalmente, preceituou que os administradores futuros da capela usassem sempre o apelido Barbosa, «e isto por memória do dito fundador da dita capela».

No dia seguinte, 6 de Janeiro, o testamento, «cerrado com uma linha preta e selado com sete selos de cera», foi entregue por Aires Barbosa,

«mestre do Senhor Cardeal», ao mencionado tabelião, na presença das testemunhas António de Pinho, António Roiz, ferrador, João Anes, alfaiate, André Pires, João Pires, carpinteiro, Bastião Pires e Pedro Anes Maia – todos moradores na vila de Esgueira.

No dia 19 do mês de Janeiro, Aires Barbosa ainda mandou fazer um «instrumento de declaração» ao seu testamento, no qual, além de regular pormenorizadamente a sucessão na administração da capela, indicou os bens que lhe vinculava: – A marinha que se chamava da Riba da Veia; outra marinha que se denominava Refugiada, com todas as suas pertenças; os seus casais do Carregal e os moínhos do Pano, junto ao Carregal. Foi tabelião o mesmo João Cerveira e serviram de testemunhas Simão Tavares, fidalgo da Casa de El-Rei, e Tomás Ferreira, cavaleiro, moradores na vila de Aveiro, e Gonçalo Coelho, Tristão Pinto, Cristóvão Pacheco, Afonso de Oliveira, Simão Varela e Fernão de Figueiredo, escudeiros fidalgos, todos moradores na vila de Esgueira.⁽⁶¹⁾

Aires Barbosa – distinto aluno de Ângelo Policiano, «mestre grego» de Salamanca, insigne humanista da Renascença, sábio perceptor de Príncipes, autor erudito de diversas publicações, português e aveirense de fama europeia... – acabou por falecer nas suas pousadas de Esgueira, em 20 de Janeiro de 1540, dia litúrgico do Mártir S. Sebastião; assim consta expressamente não só do termo de abertura do testamento, como também dos livros de contas da Universidade Salmanticense, segundo o testemunho de Enrique Esperabé Arteaga.⁽⁶²⁾

Verificada a morte, logo no mesmo dia foi entregue o testamento ao dito tabelião João Cerveira, na presença de Gonçalo Coelho, Juiz de Crime na vila de Esgueira, «o qual logo aí perante ele dito Juiz foi aberto e lido»; testemunharam o acto Simão Varela, Fernão de Figueiredo, Cristóvão Pacheco e Vicente Anes Alcaide, todos moradores em Esgueira.

Conforme o defunto havia determinado, o seu corpo foi sepultado na capela privativa de Nossa Senhora do Desterro; na campa foi lavrada a inscrição por ele próprio redigida. Diogo Barbosa Machado, na *Biblioteca Lusitana*, corrobora isso mesmo.⁽⁶³⁾

... Precisamente neste ano de 1540, chegariam a Lisboa, a pedido de El-Rei D. João III, os primeiros Padres Jesuítas – Simão Rodrigues, Paulo Cameste e Francisco Xavier – e, breves meses decorridos, teria início o maravilhoso apostolado cristão e a admirável acção civilizadora da Companhia de Jesus na Índia...

DEPOIS DA MORTE

A capela, instituída por Aires Barbosa e que serviu para a sua sepultura, há muito que desapareceu; nem sequer ficou na recordação o lugar exacto onde se erguia. A própria igreja matriz de Santo André, contemporânea do humanista, foi substituída pelo edifício actual, edificado noutra sítio, que na fachada ostenta, em capitais árabes, a data de 1650; daquele templo nada resta, a não ser as designações de passal, de adro e de viela do adro, e ainda alguns vestígios de ossadas humanas no local que, como era costume, também servia para o enterramento dos cadáveres. Todavia, diversos documentos, datados de anos dos séculos XVII a XIX, ainda testificam a existência não só da capela de Nossa Senhora do Desterro – por vezes chamada de «Nossa Senhora do Adro» – mas também da continuação do respectivo vínculo.

De facto, em 9 de Março de 1697, António Queimado de Brito, escrivão do Público Judicial e de Notas da vila de Alverca, com base no próprio tombo da capela que lhe apresentou o requerente Figueiredo Barbosa, administrador da mesma, morador nessa vila, passou uma certidão das propriedades vinculadas: – a) *Na vila de Esgueira*, «um assento de casas com uma torre de dois sobrados e um quintal por detrás e tem a serventia pela rua que chamam a Corredoura»; logo pegadas a esta torre, indo da Corredoura para a Praça, umas casas sobradadas; e adiante mais outras casas; três marinhas, «uma que se chama de Riba da Veia, e outra que se chama a Refugiada, e outra que se chama a Oliveirinha»; b) *No termo de Eixo*, um casal e terras; mais dois casais; duas vinhas, além de outras courelas, e ainda os moinhos do Pano.⁽⁶⁴⁾

Em 20 de Maio de 1721, o Vigário Padre Augusto Ribeiro de Almeida deu por terminada a Informação paroquial de Santo André de Esgueira, que superiormente lhe fora ordenada, onde se lê: – «(...) E fora da igreja há uma ermida do Divino Espírito Santo, que é do povo; mais outra da Senhora do Desterro, capela de que é instituidor Aires Barbosa, Mestre Grego, e de presente é administrador Manuel de Almeida Leitão, do Tojal». E, um pouco à frente, na mesma Informação, mais se pormenoriza: – «Na capela de Nossa Senhora do Desterro, fora da igreja, está uma sepultura cujo letreiro diz AQUY IÁS O CORPO DE AYRES BARBOZA MESTRE GREGO – ERA DE MIL E QUINHENTOS E QUARENTA; e outro que diz AQUY IÁS DOMNA MARGARIDA; e outro junto a mesma capela que se não dividem as letras por serem já gastas».⁽⁶⁵⁾

Em 1749, tendo falecido D. Isabel Teresa Barbosa de Melo, mulher que fora do Morgado do Tojal Manuel de Almeida Leitão, sucedeu-lhe, na administração da capela e dos seus bens a sua sobrinha D. Josefa Caetana Barbosa de Melo Figueiredo. Esta senhora, moradora em Alverca, tomou posse dos citados bens, mediante procuração em Esgueira, nos dias 13 e 14 de Junho daquele ano. As propriedades reduziam-se então apenas às seguintes: – duas marinhas (uma a Oliveirinha e outra o Ilhote da Capela) e um casal no Carregal, termo de Eixo.⁽⁶⁶⁾

Após o terramoto de Lisboa, de Novembro de 1755, foi pedido aos párocos uma descrição ou relatório circunstanciado sobre as freguesias e os seus edifícios religiosos. O Padre Paulo Teixeira de Queirós redigiu a Memória Paroquial de Esgueira, que datou de 10 de Abril de 1758. Entre as capelas ou ermidas que relacionou, conta-se a da «Senhora do Adro, que pertence ao Morgado do Tojal, e a paramenta seu procurador que tem na vila de Aveiro».⁽⁶⁷⁾

Finalmente, em 10 de Abril de 1821, o tabelião Joaquim José Ferreira Patoilo tirou uma pública-forma dos dois documentos de 1697 e de 1749, a qual poderá ter servido para efeitos de herança da capela e do seu vínculo, ou de outro qualquer acto contratual, notarial ou judicial.⁽⁶⁸⁾ É de presumir, portanto, que neste ano ainda existisse a ermida contendo as inscrições tumulares e guardando os restos mortais de Aires Barbosa, da sua filha Margarida e de outros parentes. Algum tempo decorrido, dentro da política seguida pelo Regime Liberal, decretar-se-ia a abolição dos antigos vínculos patrimoniais; a instituição de Aires Barbosa, já decadente, viria a terminar como as demais.

No meio deste progressivo esquecimento, que terá permanecido em Esgueira que possa lembrar-nos o «Mestre Grego»? Certamente a recordação da Família Barbosa; que ela gozou de algum destaque social, prova-o o facto de, na actual igreja matriz, ela ter possuído a capela ou o altar dedicado a S. João Baptista. Tudo o mais – pousadas, capela de Nossa Senhora do Desterro, sepultura e epitáfio... – tudo o mais que existiu na Rua da Corredoura, no sítio do Outeiro, nas trazeiras da capela do Espírito Santo, desapareceu na voragem dos séculos. Nada ficou.

Urge terminar estas notas sobre o emérito professor salmanticense que foi Aires Barbosa, lídima glória da erudição aveirense, cuja vida foi uma plena entrega ao estudo e ao ensino e cuja fama pertence a toda a Península Ibérica – e mais ainda a Espanha do que a Portugal – como patriarca dos helenistas. Contemporâneo dos

aveirenses Frei Pedro Dias, dominicano insigne e hábil diplomata, João Afonso de Aveiro, mareante experimentado de D. João II, Frei Pedro de Aveiro, virtuoso irmão porteiro dos conventos dominicanos de Aveiro e de Évora, D. Frei Duarte Nunes, o primeiro bispo português na Índia, D. Frei Jorge de Santa Luzia, bispo piedoso e destemido defensor da longínqua Malaca, Frei Pantaleão de Aveiro, franciscano peregrino e cronista da Terra Santa, Fernão de Oliveira, autor da primeira gramática da Língua Portuguesa, e sobretudo coevo de Santa Joana, a «excelente Infanta e singular Princesa» que se tornara aveirense por adopção e domicílio... – Aires Barbosa tem jus a figurar com eles, por mérito próprio, na magnificente galeria dos nossos vultos ilustres dos séculos XV e XVI.

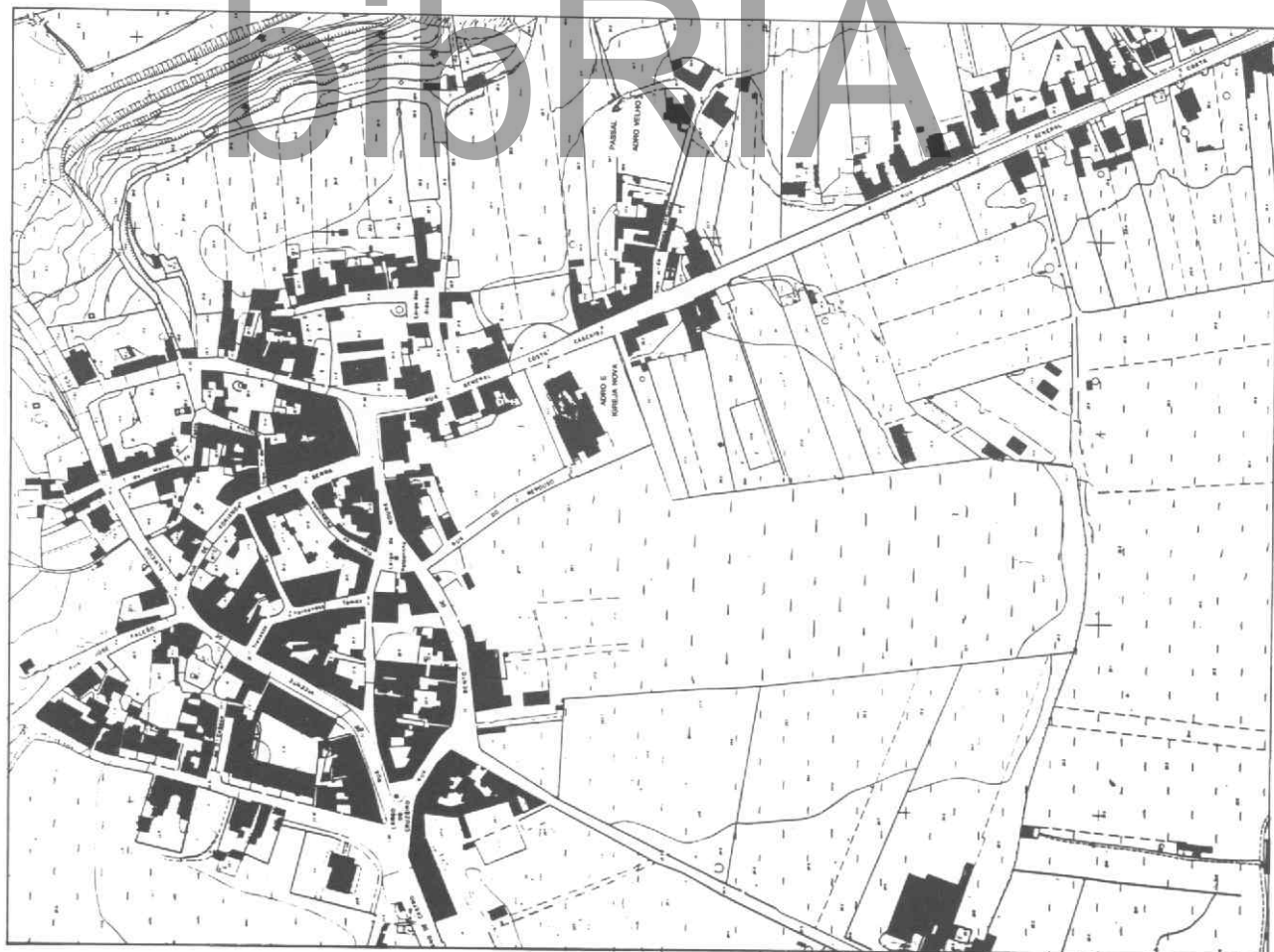
Nas comemorações do 60.º aniversário da nossa Biblioteca Municipal, ao relembrar a vida e a obra do seu patrono Aires Barbosa, fica-nos decerto gravado o exemplo de alguém que contribuiu, como poucos, para o progresso das Letras Clássicas; por isso, é incentivo para nós

no trabalho de investigação cultural, humanística, artística e científica. Não perdemos o tempo, recordando os nossos maiores, porque a História, aqui, tem de ser mestra da vida. E julgamos não ser ousadia da nossa parte finalizar, tendo-a como dirigida a nós a advertência que Aires Barbosa repetia a ele próprio:

– «Assim como o hábil piloto governa a nau em mar encapelado, para evitar estes escolhos e se dirigir a lugares seguros, a acalma e a entrega a esta água com o governo do leme, e transporta o escalavrado madeiro através de longos estreitos, assim tu também, ó Aires, umas vezes hás-de reprimir os movimentos e as vagas entumescidas do espírito, outras vezes hás-de abrandá-los segundo a razão e, dirigindo com denodo as indómitas vagas da vida, hás-de vencer, do mesmo modo, os cuidados como aquele as ameaças do mar».⁽⁶⁹⁾

Aveiro, 23 de Maio de 1987.

João Gonçalves Gaspar



Planta de Esqueira, em tempos passados.

NOTAS:

- (1) — Transc. de *Arquivo do Distrito de Aveiro*, XXVI, Ano de 1960, pg. 80, onde se encontrava o texto latino e a tradução portuguesa.
- (2) — Edição de 1943, Porto, Tomo I, Vol. II, pgs. 351 e 352.
- (3) — Edição de 1597, Roma, pg. 97. Vd. *Arquivo do Distrito de Aveiro*, XIV, Ano de 1948, pgs. 44-45.
- (4) — Cf. Artur Anselmo, *Origens da Imprensa em Portugal*, Lisboa, 1981, pgs. 46-47.
- (5) — *Antimória*, Epigramas, XXVI: *Arquivo cit.*, XXVI, Ano de 1960, pgs. 66 e 67.
- (6) — Id.
- (7) — *A Épica Portuguesa no Século XVI*, São Paulo, 1950; edição fac-similada, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, Lisboa, 1987, pg. 88.
- (8) — Carta de 17 de Agosto de 1489, cit. por Fidelino de Figueiredo, em *A Épica Portuguesa no Século XVI*, pg. 106.
- (9) — *Antimória*, Epigramas, XVII: *Arquivo cit.*, XXVI, Ano de 1960, pgs. 66 e 67.
- (10) — Vd. carta cit. por Fidelino de Figueiredo, obra cit., pgs. 93-97 (tradução nas pgs. 99-104). Vd. ainda resposta de D. João II, pgs. 98-99 (pgs. 104-105).
- (11) — *Art et Humanisme à Florence au temps de Laurent le Magnifique*, Paris. Presses Universitaires de France, 1961, pgs. 40 e 55.
- (12) — Ano de 1489, segundo a correcção feita na reedição holandesa; na edição de Alcalá de Henares, tinha saído a data de 1488. Livro I, epístola última.
- (13) — Texto latino e tradução portuguesa no *Arquivo cit.*, XII, Ano de 1946, pgs. 281-282. Na mesma revista, pgs. 281-296, o Prof. Alberto da Rocha Brito publicou um extenso artigo que intitulou: — «O Aveirense Aires Barbosa, o Italiano Pedro Mártir e a Sífilis».
- (14) — Obra publicada em 1837 e logo tida por clássica; foi traduzida em castelhano com o título de *História de los Reyes Católicos*, Madrid, 1845-1846.
- (15) — Madrid, Setembro de 1929.
- (16) — *Brotéria*, IX, Ano de 1929, pg. 261.
- (17) — Id., pg. 262.
- (18) — *Arquivo do Distrito de Aveiro*, XII, Ano de 1946, pg. 284.
- (19) — *Encyclopedia Portuguesa Illustrada - Diccionario Universal*, publicado sob a direcção de Maximiano Lemos, Vol. X, Porto, pg. 394.
- (20) — Cit. por *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. XXVIII, pg. 695.
- (21) — Fl. 29, v.
- (22) — *História Pragmática é Interna de la Universidad de Salamanca*, Tomo II, Salamanca, Ano de 1917, pg. 328.
- (23) — *Notícias Cronológicas da Universidade de Coimbra*, 1729.
- (24) — Texto latino cit. por Diogo Barbosa Machado, em *Bibliotheca Lusitana*, Tomo I, Lisboa, 1741, pg. 77, e por Manuel Gonçalves Cerejeira, em *O Renascimento em Portugal*, II, Nova edição, Coimbra, 1975, pg. 81.
- (25) — Em *Diccionario Universal* II, pg. 75, cit. por Lucas Garcia Martin em *Memória de la Universidad de Salamanca*, 1884-1885, pg. 136.
- (26) — *Bibliotheca Hispana Nova*, Tomo I, Madrid, 1783, pg. 170.
- (27) — *Ad Juvenes studiosos*, cit. por Manuel Gonçalves Cerejeira, obra, tomo e edição cit., pg. 89.
- (28) — *In Barbarum*, cit. pelo mesmo autor, ibid., pg. 89. Texto completo, em tradução portuguesa: — «Ó bárbaro, desprezas o nome do gramático com risos e gargalhadas; nada de novo me revelas. Também o porco despreza as pedras preciosas; ele aprecia a imundície e o esterco».
- (29) — *História Pragmática é Interna de la Universidad de Salamanca* cit., Tomo II, pg. 328.
- (30) — Cit. por Diogo Barbosa Machado, obra e tomo cit., pg. 77.
- (31) — Id., pg. 78.
- (32) — Id., pg. 77.
- (33) — *Bibliotheca Lusitana*, Tomo I, Lisboa, 1741, pg. 76.
- (34) — *Bibliotheca Hispana Nova*, Tomo I, Madrid, 1783, pg. 171.
- (35) — *Antimória*, Prefácio, IV, e; *Arquivo do Distrito de Aveiro*, XXVI, Ano de 1960, pgs. 24 e 25.
- (36) — Id.
- (37) — Cit. por Francisco Ferreira Neves, em *Arquivo do Distrito de Aveiro*, XIV, Ano de 1948, pg. 53.
- (38) — *Antimória*, Prefácio, IV, e; *Arquivo do Distrito de Aveiro*, XXVI, Ano de 1960, pgs. 24 e 25.
- (39) — Id.
- (40) — Cristóvão Alão de Moraes, *Pedatura Lusitana*, Tomo I, Vol. II, Porto, 1943, pgs. 351 e 352.
- (41) — *Antimória*, Epigramas, XXVIII d; *Arquivo do Distrito de Aveiro*, XXVI, Ano de 1960, pgs. 68 e 69.
- (42) — Cit. pelo Prof. Alberto da Rocha Brito, em *Arquivo cit.*, XII, Ano de 1946, pg. 287. O Infante D. Duarte nasceu em 1515; o Cardeal D. Afonso em 1509.
- (43) — Vd. Prof. Alberto da Rocha Brito, em *Arquivo do Distrito de Aveiro*, XII, Ano de 1946, pgs. 287-288. Na pg. 288 transcreve-se o epigrama referido.
- (44) — *Antimória*, Prefácio, IV, d; *Arquivo cit.*, Ano de 1960, pgs. 26 e 27.
- (45) — *Antimória*, XI, d; *Arquivo cit.*, XXVI, Ano de 1960, pgs. 40 e 41.
- (46) — *Antimória*, XIII, e; *Arquivo cit.*, XXVI, Ano de 1960, pgs. 42 e 43.
- (47) — *Antimória*, XIV, e; *Arquivo cit.*, XXVI, Ano de 1960, pgs. 44 e 45.
- (48) — *Antimória*, Prefácio; *Arquivo cit.*, XXVI, Ano de 1960, pgs. 26 e 27.
- (49) — Id.
- (50) — Epigrama *De Nomine Iesu*, cit. por Manuel Gonçalves Cerejeira na obra, tomo e edição cit., pg. 82.
- (51) — Cit. por Manuel Gonçalves Cerejeira na obra, tomo e edição cit., pg. 141.
- (52) — *Antimória*, Prefácio; *Arquivo cit.*, XXVI, Ano de 1960, pgs. 28 e 29.

- (53) — Id.
- (54) — Id.
- (55) — Id.; *Arquivo cit.*, XXVI, Ano de 1960, pgs. 25 e 26.
- (56) — *Antimória*, Carta de Jorge Coelho; *Arquivo cit.*, XXVI, Ano de 1960, pgs. 23 e 24.
- (57) — Id.
- (58) — *Antimória*, Prefácio; *Arquivo cit.*, XXVI, Ano de 1960, pgs. 28 e 29.
- (59) — *Antimória*, XXIII, d; XXIV, d; *Arquivo cit.*, XXVI, Ano de 1960, pgs. 58 e 59, 60 e 61.
- (60) — Cit. por Rocha Madaíl em *Arquivo cit.*, XXVI, Ano de 1960, pg. 17.
- (61) — O testamento encontrava-se num dos Tombos da Provedoria de Esgueira, que, segundo opina Francisco Ferreira Neves (*Arquivo cit.*, XIV, Ano de 1948, pg. 45), terá desaparecido no incêndio do Palácio dos Tavares ou Paço Episcopal, em 20 de Julho de 1864; era aí que se encontravam as Repartições do Governo Civil do Distrito. Contudo, existem traslados do testamento, do instrumento de aprovação, do instrumento de declaração, do termo de abertura e de outros documentos referentes à capela e ao seu vínculo na Biblioteca Pública de Évora («Instituição da capela de Ayres Barboza, mestre de Grego, na igreja de Esgueira e notícia da sua vida» — Cod. Cx/1-6). Os documentos foram transcritos por Francisco Ferreira Neves no *Arquivo do Distrito de Aveiro*, XIV, Ano de 1948, pgs. 57-64.
- (62) — *História Pragmática é Interna de la Universidad de Salamanca cit.*, Tomo II, pgs. 328-329.
- (63) — Tomo I, Lisboa, 1741, pg. 76.
- (64) — Biblioteca Pública de Évora, *Arquivo cit.* na nota 61, documento n.º 2 da pública-forma de 10 de Abril de 1821; *Arquivo cit.*, XIV, Ano de 1948, pgs. 63-64.
- (65) — *Arquivo cit.*, VIII, Ano de 1942, pgs. 192 e 195.
- (66) — *Arquivo cit.*, XIV, Ano de 1948, pgs. 62-63.
- (67) — Transc. por Bartolomeu Conde em *Cacia e o Baixo-Vouga*, Aveiro, 1984, pg. 40.
- (68) — *Arquivo cit.*, XIV, Ano de 1948, especialmente pg. 64.
- (69) — *Antimória*, Epigramas, XL, d; *Arquivo cit.*, XXVI, Ano de 1960, pgs. 76 e 77.
- ARTUR ANSELMO, *Origens da Imprensa em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1981.
- FIDELINO DE FIGUEIREDO, *A Épica Portuguesa no Século XVI*, São Paulo, 1950; Edição fac-similada, Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1987.
- ANTÓNIO NOGUEIRA GONÇALVES, *Inventário Artístico de Portugal – Aveiro – Zona / Sul*, Lisboa, 1959, pg. 168.
- MARQUES GOMES, *Memórias de Aveiro*, Aveiro, 1875; *O Distrito de Aveiro*, 1877.
- RANGEL DE QUADROS, *Aveirenses Notáveis*, Recortes, Volume I.
- CRISTÓVÃO ALÃO DE MORAIS, *Pedatura Lusitana*, Tomo I, Volume II, Porto, 1943.
- BARTOLOMEU CONDE, *Cacia e o Baixo-Vouga*, Aveiro, 1984.
- AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e da Teoria Literária*, Lisboa, 1977.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa, Volumes IV e XXVIII.
- Enciclopédia Portuguesa e Brasileira de Cultura (Verbo)*, Lisboa, Volumes III e VII.
- Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, organizado pelo Instituto Português do Livro, Publicações Europa-América, I Volume, 1985.
- Brotéria*, Volume IX, 1929, pgs. 261-262.
- PROF. ALBERTO DA ROCHA BRITO, *O Aveirense Aires Barbosa, o Italiano Pedro Mártir e a Sífilis*, em «*Arquivo do Distrito de Aveiro*», Volume XIV, 1948.
- DR. FRANCISCO FERREIRA NEVES, *Vida e Testamento do Humanista Aires Barbosa*, em «*Arquivo do Distrito de Aveiro*», Volume XIV, 1948.
- ANTÓNIO MACHADO DE FARIA, *Famílias Nobres – Suas origens e suas armas*, em «*Armorial Lusitano – Genealogia e Heráldica*», Lisboa, 1961.
- EDUARDO CERQUEIRA, *Considerações sobre a Gente de Aveiro*, na revista «*Aveiro e o seu Distrito*», Aveiro, n.º 16, 1973.
- J. V. DE PINA MARTINS, *Aires Barbosa e o Erasmismo*, em «*Humanismo e Erasmismo na Cultura Portuguesa do Século XVI*», Paris, Gulbenkian, 1973; *Aires Barbosa, Antimória (Coimbra, 1536)*, em id.
- AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, *Aires Barbosa e Erasmo*, na revista «*Humanitas*», Coimbra, n.º 29-30, 1977-1978.
- Arquivo do Distrito de Aveiro*, Volume VIII, 1942, pgs. 192-196 (Informação Paroquial de Esgueira); Volume XXVI, 1960, pgs. 9-82 (*Antimória* e alguns *Epigramas* – texto latino e tradução – introdução do Dr. António Gomes da Rocha Madail e tradução do Dr. José Pereira Tavares).
- NICOLAU ANTÓNIO, *Bibliotheca Hispana Nova sive Hispanorum Scriptorum qui ab anno MD. ad MDCLXXIV. floruerunt notitia*, Tomo I, Madrid, 1783.
- ALEXANDRE VIDAL Y DIAZ, *Memoria Historica de la Universidad de Salamanca*, Salamanca, 1869.
- ENRIQUE ESPERABÉ ARTEAGA, *História Pragmática é Interna de la Universidad de Salamanca*, Tomo II (Maestros y alumnos más distinguidos), Salamanca, 1917.
- ANTÓNIO HERNANDEZ MOREJÓN, *História Bibliográfica de la Medicina Española*, Tomo I.

BIBLIOGRAFIA:

- DR. MANUEL GONÇALVES CEREJEIRA, *O Renascimento em Portugal*, Nova edição: I, *Clenardo – O Humanismo; A Reforma*, Coimbra, 1974; II, *Clenardo e a Sociedade Portuguesa*, Coimbra, 1975.
- FRANCISCO LEITÃO FERREIRA, *Notícias Cronológicas da Universidade de Coimbra*, Lisboa, 1729.
- DIOGO BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, Tomo I, Lisboa, 1741.
- WALTER DE SOUSA MEDEIROS, *Aires Barbosa – Estudo Bibliográfico*, Lisboa, 1953. (Dissertação de licenciatura dactilografada).
- JOAQUIM VERÍSSIMO SERRÃO, *Portugueses no Estudo de Salamanca – 1250/1550*, Lisboa, 1962.

ANASTÁSIO CHINCILLA, *História de la Medicina Española*, Tomo I.

J. PÉREZ RIESCO, *Aires Barbosa, el «Maestro Griego»*, Madrid, 1948 (Tese de doutoramento dactilografada).

LUCAS GARCÍA MARTÍN, *Estudios de Lengua Griega en la Universidad de Salamanca*, em «Memória de la Universidad de Salamanca», 1884-1885.

WILLIAM HICKLING PRESCOTT, *History of Reign of Ferdinand and Isabela*, 1837; tradução em castelhano, com o título *História de los Reyes Católicos*, 1845-1846.

MARCEL BATAILLON, *Érasme et l'Espagne*, Paris, 1937.

FRANCISCO RICO, *Nebrija, Aires Barbosa et l'Umanisme de leur temps*, em «L'Humanisme Portugais et l'Europe – Actes du XXI Colloque International d'Etudes Humanistes», Tours, 3-13 Juillet 1978, Paris, Gulbenkian, 1984.

ANDRÉ CHASTEL, *Art et Humanisme à Florence au temps de Laurent le Magnifique*, Paris, Presses Universitaires de France, 1961.

J. Gaspar

EFEMÉRIDES AVEIRENSES — 1988

11-02-1313	Por um termo de arrendamento desta data, mostra-se que El-Rei D. Dinis possuía umas marinhas de sal em Aveiro, então abandonadas, outrora pertencentes ao Mosteiro de Celas, de Coimbra.	675 anos
28-03-1888	Foi aberto o concurso para a iluminação a gás, na cidade de Aveiro, com o número inicial de 180 candeeiros.	100 anos
18-04-1213	O Papa Inocêncio III confirmou os legados que em seu testamento El-Rei D. Sancho I fizera às princesas D. Teresa e D. Sancha, nos quais se incluía a vila de Esqueira.	775 anos
10-06-1888	Procedeu-se à instalação do Asilo-Escola Distrital, criado pela Junta Geral do Distrito em 5 de Abril passado.	100 anos
22-07-1613	Foi concedida licença aos carmelitas descalços para edificarem um convento em Aveiro, tendo-se para isso reunido nos Paços do Concelho, além da Câmara, os nobres e os «homens bons» da vila. Só dois anos mais tarde, em 16 de Julho de 1615, é que se obteve a licença régia.	375 anos
23-07-1888	Nasceu o Dr. Alberto Souto, insigne aveirense, dotado de vasta cultura, que trabalhou incansavelmente pelo progresso da sua terra.	100 anos
24-08-1938	O Papa Pio XI houve por bem restaurar e reconstituir a Diocese de Aveiro, nomeando como Administrador Apostólico o ilustre aveirense D. João Evangelista de Lima Vidal. A bula pontifícia foi executada em 11 de Dezembro de 1938.	50 anos
08-09-1888	O Regimento de Cavalaria n.º 10 mudou do quartel de Santo António para as novas instalações, construídas no sítio do Convento da Madre de Deus, em Sá.	100 anos
03-10-1738	El-Rei D. João V deu o seu consentimento e permissão para que Fermentelos se pudesse separar e desanexar da freguesia de Requeixo, embora como reitoria ou curato.	250 anos
08-11-1613	Faleceu em Esqueira, onde nasceu e viveu, Pedro Vaz de Eça que deu origem ao ramo dos Eças, desta vila.	375 anos
18-11-1488	A Princesa Santa Joana doou ao seu fiel escudeiro e antigo mestre-sala Jorge da Silva um pedaço de terreno e água no vale do Borraçal, entre Valado, Moita e Eixo, que depois se chamou Prazo da Granja e Quinta da Oliveirinha, então no termo da vila de Eixo.	500 anos

O «Livro Antigo» da Biblioteca Municipal de Aveiro

1. INTRODUÇÃO

Ao comemorar-se este ano o 60.º aniversário desta Biblioteca, julgo ser do maior interesse para o público em geral, e para o investigador em particular, abordar aqui o tema em epígrafe, uma vez que é do desconhecimento – pode dizer-se total! – a sua existência e valor. Com efeito, e segundo o juízo abalizado dos entendidos que nos têm visitado, e que tiveram o privilégio de apreciar esse espólio, esta casa pode orgulhar-se de possuir um rico acervo de obras clássicas que se estende dos meados do século XV – início da imprensa – até 1800, – balizas temporais do chamado Livro Antigo.

Como se sabe, o século XV é o tempo da explosão tipográfica. Se Guttemberg imprimiu a sua *Bíblia de 42 linhas* em Mogúncia, Alemanha, em 1456, poucos anos depois vamos encontrar grandes casas impressoras em Veneza e Subiaco, na Itália; Segóvia e Valência, na Espanha; Paris e Lion, na França; Antuérpia e Ambères, nos Países-Baixos. As tipografias abrem por todo o lado, as tiragens ampliam-se, as ideias alastram-se por todo o mundo culto de então. Portugal também acompanha essa expansão, havendo notícias de tipografias em Lisboa, Porto, Faro, Leiria, Chaves e Guarda antes do final do século XV.

Com o avanço do ideal humanístico e renascentista que, nascendo na Itália, depressa se alastra por toda a Europa, as casas impressoras vão fazendo surgir esse novo objecto que depressa se torna sinal de grandeza e poder. A sua raridade confere-lhe maior valor, passando a ser adquirido não só pelo clero e grandes senhores, mas de igual modo pelo burguês activo e enriquecido, também ele desejoso dessa nova forma de Poder – o da cultura. O livro deixa, assim, de ser monopólio das bibliotecas monacais e principescas, tornando-se parte do luxo e ostentação das famosas casas burguesas. As grandes tiragens surgem já no século XVI, editando-se os Greco-Latinos e os Doutores da

Igreja medieval a par dos poetas e filósofos da Renascença. E caso digno de nota: – a Feira do Livro de Leipzig, que se realiza duas vezes por ano, publica catálogos de novidades pelo menos a partir de 1564.⁽¹⁾

Feito este preâmbulo como nota introdutória ao tema proposto inicialmente, entremos na galeria do Livro Antigo desta Biblioteca Municipal.

2. O Século XV – Incunábulos.

O século XV, o mesmo de Guttemberg e da sua invenção, a imprensa, está aqui representado por quatro belos exemplares:

Primum

Questiones de quodlibet sancti Thomae de aliquo ordinis fratrum predicatorum incipiunt feliciter.

Articulus primus.

Questum est de Deo angelo et homine. De deo questum est et quantum ad divinam naturam et quantum ad naturam humanam assumptam.

Quantum ad divinam naturam questum est.

Utrum beatus Benedictus in visione qua vidit totum mundum: divinam naturam viderit. Et ostendebat quod sic. Dicit enim Gregorius de hac visione loquens: *Nunc videtur dei angusta fit omnis creatura. Sed videre dei est videre divinam naturam.* Et beatus Benedictus vidit divinam naturam.

Preterea ibidem dicit Gregorius. Quod totum mundum vidit in divino lumine. Sed non est aliud lumen vel claritas dei quam ipse deus: ut idem Gregorius dicit. *Et habet in gloria.* 33. super illud. *Non videbit me homo et vivet.* Et beatus Benedictus vidit dei personam. Et sic ostendit quod dicit Iohannes. *Nemo deum vidit unquam.* ubi dicitur *glo. et nullus in mortali carne vidit dei naturam videre potest.* Et sic ostendit quod corpus corruptibile aggranat animam ut dicit sapientia. Summa autem elevatio moris humane est ut ad divinam naturam videatur per gratiam. non impossibile est ut mens humana dei essentiam videat. ut Augustinus dicit. *in super gen. ad Iram.* Nisi huiusmodi mortali fuerit homo intereat: vel sic alienet a sensibus: ut nesciat utrum sit in corpore an ex corpore: sicut de Paulo legitur.

Secundus.

Primum sic procedebat. Ut dicitur quod Christus sint due filiationes. Multiplicata enim causa relationum multiplicans relationes. Generatio autem est causa filiationis. Cum ergo alia sit generatio qua Christus natus est eternally a patre. alia qua natus est temporaliter a matre. erit etiam alia filiationis qua refertur ad patrem: et alia que refertur ad matrem.

Preterea quod recipit ex tempore aliud absolutum ab eo: sui mutari nec multo magis ab eo: sui mutatio potest recipi temporaliter aliter.

Primeira página de um livro de S. Tomás de Aquino, impresso em 1476.

1.º – Uma obra de S. Tomás de Aquino, editada em Veneza em 1476, e que será parte da *Summa Theologica* do Doutor Angélico. Este livro apresenta todas as letras capitulares pintadas alternadamente a azul e a vermelho.

2.º – Do mesmo género, mas mais rico na sua decoração – pois além do pormenor das capitulares a azul e a vermelho, apresenta todas as maiúsculas do texto com toques a ouro, além de uma iluminura finíssima de bom gosto e execução contornando a primeira inicial do texto (sendo esta pintada a ouro), – é uma obra atribuída a outro distinto Doutor da Igreja, Alberto Magno, que foi mestre de Tomás de Aquino e um dos grandes pilares da Igreja e do primeiro renascimento europeu. O seu título é muito simples – *Compendiū Theologiae Veritatis* – e não apresenta nem local nem data de impressão, tendo-lhe sido atribuída a mesma datação pela sua letra gótica e ornamentação.

3.º – Uma outra obra, que teve uma rica encadernação a couro e ferros dourados, hoje bastante danificada, apresenta as capitulares só a vermelho e uma iluminura simples, mas requin-

tada, envolvendo a primeira maiúscula do texto, mas sem couro. O seu autor apresenta-se: «Ego, frater Mathias Farinatoris de Wēna». O livro foi editado em 1479, segundo dados do cólofon, e alguém o «baptizou» com o título *De Nativitate Christi*.

4.º – Por fim, de 1480, é um curioso livro intitulado *Fasciculus Temporum*, muito ilustrado com xilogravuras e que me parece ser uma espécie de almanaque, abrangendo vários anos e assuntos. Ao acaso encontrei a referência ao aparecimento dum cometa em 1472: «Cometa apparuit i principio āni 1472» – fenómeno também registado na «Cronica da Fundação do Mosteiro de Jesus de Aveiro». Mas há mais: figuras com referências a altitude e longitude, pontos cardeais, tábuas de astronomia, sínteses cronológicas sobre os Príncipes da Igreja e do mundo, enfim uma amálgama de dados interessantes para os estudiosos. O cólofon refere que foi impresso em Veneza aos 24 dias do mês de Novembro de 1480, sendo «Xisto IV pontífice máximo e Joanne Mocenigo Duce», e que se ficou a dever essa impressão ao cuidado de Erbardi Ratdolf – o impressor alemão Erhard Ratdolf (1443-1528) que se fixou em Veneza em 1477, tendo sido o primeiro a decorar os seus trabalhos com gravuras, tal como fez com as obras de Dante e Boccaccio.⁽³⁾

3. O século XVI

A representação deste século torna-se mais vasta, sendo o livro mais antigo uma obra atribuída a S. Jerónimo, impressa em Veneza em 1509, enquanto que uma *Vida de Tácito*, de Justus Lipsius (forma latina do nome de um dos grandes humanistas, o flamengo Joest Lipso), nos chega de Antuérpia, editada em 1589. O lote é variado:

- Séneca (Basileia – 1515; Antuérpia – 1551);
- Cícero (Paris – 1538);
- Platão (Basileia – 1538);
- Terêncio (Veneza – 1553);
- Flávio José (Lion – 1566);
- Filon, o Judeu (Basileia – 1558);
- Aulo Gélio (Veneza – 1515);
- Plínio, o Moço (Lion – 1531);
- Valério Máximo (Paris – 1535);
- Clenardo (Colónia – 1551);
- Lactâncio (Lion – 1556);
- Macróbio (Lion – 1560);
- Ariosto (Pesaro – 1555 e Veneza – 1563).



Página do «Compendium Theologiae Veritatis», de Santo Alberto Magno.

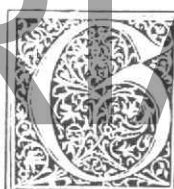
Do século XVI existem nesta biblioteca várias obras de cariz religioso, impressas em Nuremberg, Lion, Basileia e Colónia, bem como duas Bíblias Sagradas, sendo uma delas a conhecida *Vulgata Latina* (Roma – 1523) e outra de Antuérpia (1554); e também dois Missais, um deles impresso em Coimbra em 1583, e três exemplares do *Index Librorum Prohibitorum*, impressos em Lisboa (1564, 1581 e 1597). Desta mesma época, e também de oficinas portuguesas, são: *Capítulos de Cortes* (cortes de Torres Novas – 1525, e Évora – 1535), vindas, a lume em Lisboa (1538); a obra do Cardeal-rei D. Henrique *Meditationes et Homiliae* (Olyssipone – 1576); um livro de Álvaro Valasca (ou Vaz), jurisconsulto de fama europeia (e que defendeu a causa de D. Juliana de Lencastre para a posse da Casa e Ducado de Aveiro, após a morte de seu pai em Álcácer-Quibir), editado em Lisboa por Baltasar Ribeiro, em 1591; e *Avisos Spirituales*, editado em Lisboa em 1563, sendo seu autor o teólogo espanhol Francisco de Monçon que, a convite de D. João III, leccionou na Universidade de Lisboa e depois na de Coimbra, acabando por ser capelão deste monarca e de seu neto D. Sebastião. Esta edição é a 1.ª e era dedicada ao Cardeal D. Henrique, ainda infante.

A Espanha também está representada neste acervo com edições de Salamanca (1526), Valência (1553 e 1560), Madrid (1595) e Sevilha (1534). Excepto a *Primera Parte de La Corolea*, que trata das vitórias de Carlos V, são todas de temática religiosa, sendo a de Sevilha uma tradução castelhana de uma obra de S. Gregório, *Los Morales de sant Gregório Papa Doctor de la Santa Yglesia*.

4. O século XVII.

Embora continuem a encontrar-se neste espólio do «Livro Antigo» alguns exemplares de autores clássicos greco-latinos ou de filósofos ou poetas humanistas, editados ou reeditados neste século, o grosso da colecção é constituído por exemplares de autores portugueses e espanhóis, tanto laicos como religiosos, impressos em Portugal (ou Espanha), e alguns no estrangeiro. É curioso encontrar-se uma obra de Cícero, impressa em Antuérpia em 1671, e outra do mesmo autor, editada em Coimbra no ano seguinte, por exemplo, o que revela o interesse existente em Portugal pela cultura renascentista da época. Aliás, a prática de traduções de autores clássicos em Portugal é aqui assinalada pela presença de um exemplar de Virgílio, editado em Lisboa em 1614, ainda mais cedo, portanto.

Assim temos: saídos dos prelos de Antuérpia – Lípius (1632), o já citado Cícero (1671), Ovídio (1668), a 2.ª edição de *Corona Gótica* do espanhol Saavedra Faxardo (1658/71), e um livro de jurisprudência do português Jorge de Cabedo, figura de grande prestígio na sua época, obra essa editada naquela cidade em 1684; de Génève existe um Cícero (1617) e um Flávio José (1634); Veneza está representada por uma obra de Joachimo Krazio (1610), uma 2.ª edição de Orsino, poeta italiano de nomeada (1620), e um exemplar de Luigi Grotto, «Cieco de Hadria» (1616). Em Paris foi editada uma grande obra do cardeal César Barónio, cujo original se encontra na Biblioteca Vaticana. Considerada como uma «obra rara», foi impressa em 1630 com o título *Annales Ecclesiastici* (2 volumes). De Paris é também um livro de Bossuet, impresso ali em 1697. O espanhol Quevedo Villegas, tido como um dos maiores escritores de Espanha, viu a sua obra impressa em Bruxelas entre 1670 e 1672. De Madrid há uma vasta representação, de que se salientam obras dos poetas espanhóis Francisco de la Torre (1674), Hurtado de Mendonça (1610) e Lope de Vega (1611), bem como a parte de



Generatio et generatio laudabit opera tua: et potentia tua primum ciabunt. Scribit psalmus. 144. Cum non sine multa diligentia functionum patrum studium temporum occurrit supputant: non dubium quin magna virtus ecclesiasticis viris: et precipue illis qui ecclesiasticas politiam gubernare habent: inde premet. Nec illi statum hominum hoc parum prodesse credendum est: si temperata mente ad rerum gestarum historiam: quas ob diuinam memoriam studiosi viri conspiciunt oculis leuiter quis plerique id minus perspiciunt. Deceat namque viros uirtuosos precedendum facere sepe ad memoriam reuocare: et bonis exemplis discant dignis operibus insilire: et in malis valeant perditionis scopulum declinare. Ceterum nisi precium a tali sepelire: multa concupiscentia se temperare non valens: in tenebrarum rotaginem precipiti cursu mergetur. Ab hoc fancti doctores viri: quod ad intellectum sacrarum scripturarum et ecclesie regimen historia: occurrit et parte necessaria esset: simulque omnium gestorum cogeris inuulsi: tum pro sua magnitudine: tum pro superfluitate et viliu factozum repetitione superuacua: quodam nobis historiis canonicarum: amputatis fabulis suppositis: ac genealogis inuermis: que ad rem non pertinent. Sicque factum est per marinos eorum labores: ut pene simul tota temporum historia breuissimo studio a quolibet intelligente iam nedium sine labore: imo cum cordis oblectatione possit in corporari. Deicit quoque ad ornatum scripturarum: hac pulchritudine non careat: que omnibus gentibus tanquam lucerna prefulgida in obscuro loco proponenda fuit. Ingenium insuper humanu quod magnifice plura comprehendere facilius potest: hoc delicatissimo prout diuersorum flozumi priuari non debuit: in quo varia virtutum exempla reperiunt: factaque reproba que consideranda illa carpit: hinc preterire moneret. Videre enim sup modum est delectabile: qualiter primi nostri parentes ex quibus originem duximus: instituti fuerint a summo omnium gubernatore deo: deinde quo occurrit eorum: quomodo decessit: et profecit rationabilis creatura in sapientia: rursus potentia: facultate: longevitate: sic et aliter in omnibus his diuini regimie admirari quod sit deus mirabilis in creaturis suis: qui nunquam administrare cessauit illis quos condidit: quantal creatoris longanimitas et misericordia: quod inscrutabilis diuinorum iudiciorum abissus. Deceat et infinita alia periolans humanam industria penitus quibusdam interire contemplationis non solum preterita et presentia sed etiam futura metitur: dum ex similibus ad similia progreditur: cum si bona voluntas adiuncta fuerit: tedio quodam uncolat? huius in deum surgit: ad laudandum et regnandum et contemplandum: cupiens dissolui: et effe cu ipso in eternu. Incipit ergo hinc contemplatio in iocunda speculatione creaturarum: et finit in felicitati tedio earundem: appetitu creatoris: aucta illud psal. Quid enim mihi est in celo et te quid uolui sup terram: mihi autem adhaere deo bonu est. Hoc forte in premissis uerbo: ad id psalmista nobis persuadere nititur: dicens. Generatio et generatio laudabit opera tua: et potentiam tuam pronuntiabunt. quasi dicat: per omnia que in mundo casura cernimus: ad te qui nunquam deficiis tendere debemus: que utique sententia ualde accedat: modo est ad propositu nostru. Cum enim recte augustinus plura in sacra scriptura cōmōmentarum que nihil significant: et tamen necessaria sunt propter ea que aliquid significant: ne esse est talibus ita utique: quis iterum sunt: sicut illis que secundum deuotionem immediate in deum mentem nostram subleuant: aliqñ non recte scripturam legimus: in qua semp spiritus sanctus loqui credendus est. Sunt ergo arida que ad fugiendū littere: sed grauia: quod ad spiritum altem intelligentiū. Que aut ita aliena sunt: ut nequaquam spiritu aliter intelligi possint: aut non expedit: omni tamē ueneratione digna sunt propter finem i quē ordinantur: qui est scire et diligere deum. Et de hoc genere uideat esse supputatio ānoz que in sacra historia diligentissime annotata cōtinentur: et qua ut idem augustinus testat:

Corona Gotica escrita por Alonso Nunes de Castro (1678). De Valência veio uma tradução de Andrea Alciato, juriconsulto italiano, de 1670.

Embora estes sejam apenas alguns dos autores representados neste acervo de obras antigas, os seus nomes são bem significativos para o valor da nossa colecção. Idêntica é a representatividade das edições feitas em Portugal, de autores portugueses. Em Lisboa imprimiram-se obras de grandes autores como Frei Amador Arrais (*Diálogos* – 2.ª edição – 1600), Fr. Bernardo de Brito e Fr. António Brandão (*Monarchia Lusitana* – 1.ª edição – 1609/32), Francisco de Andrade (*Crónica de D. João III* – 1.ª edição – 1613), Fernão Mendes Pinto (*Peregrinação* – 1.ª edição 1614; 2.ª edição – 1678), António de Sousa de Macedo (*Flores de Espanha, Excelências de Portugal* – 1.ª edição – 1631), Duarte Nunes de Leão (*Crónica dos Reis de Portugal* – 1.ª edição – 1643), Jacinto Freire de Andrade (*Vida de D. João de Castro, 4.º visor-rei da Índia* – 1.ª edição); *Sermões e História do Futuro* (1679/94) do Padre António Vieira; algumas obras do Bispo do Porto Fernando de Lacerda, editadas entre 1669 e 1674, de que se refere uma *Vida da Infanta Dona Joana*; Manuel Bernardes (*Luz e Calor* – 1.ª edição – 1696). Bastantes sermões de vários pregadores de nomeada da época pertencem a este grupo, assim como obras didácticas que fizeram escola; *Diccionario Lusitano-Latino* de Poiares (1667); *O Tratado de Cirurgia* do médico A. Cruz (Lx. – 5.ª edição – 1669); a *Prosódia* de Bento Pereira, editado em Évora em 1697 (7.ª edição); obras de Direito e Jurisprudência de Miguel Reinoso (Coimbra – 1675) e Emanuel de Castro (Coimbra – 1680). Em 1667 imprimiu-se uma obra poética *Virginidos ou Vida da Virgem Nossa Senhora*, de Manuel Mendes de Barbuda e Vasconcelos, natural de Verdelmilho – Aveiro, obra essa dedicada a D. Luísa de Gusmão, mulher de D. João IV, obra que não terá grande valor literário (concretamente no parecer de Inocêncio José da Silva)⁽⁴⁾, mas que tem o seu valor anedótico e político – e tanto mais se pensarmos que por essa altura andava o Sr. Duque de Aveiro, D. Raimundo, por terras de Espanha, depois de ter sido decapitado em efígie por se ter envolvido numa conspiração contra D. João IV...

Mas dessa época surgem, também, edições feitas em Portugal de autores espanhóis, e igualmente livros impressos em Madrid de autores portugueses, entre os quais Camões (1639), Rodrigo Mendes da Silva (Judeu do Porto) e outros. Não nos podemos esquecer que, durante os primeiros quarenta anos do século XVII, Por-

tugal e Espanha faziam parte dum mesmo reino, sendo a cultura partilhada de igual modo dum lado e doutro da fronteira. Valia a pena um debruçar da investigação sobre tal tema com o apoio do espólio existente nesta casa.

5. O século XVIII

O maior acervo de obras pertence a este período, fazendo parte dele obras monumentais ou enciclopédias como o *Diccionario Histórico*, do Abade Moreri, em 10 volumes, tradução em língua castelhana impressa em Paris em 1753; ou a *História Eclesiástica* de Natalis Alexander, em 11 volumes, editada em Veneza entre 1758/78; ou a *Colleçam de Documentos, Estatutos e Memorias da Academia Real de História Portuguesa*, em 7 grossos volumes editados em Lisboa entre 1721-27 pelo Marquês do Alegrete, ou a *Encyclopédie Méthodique* (5 v.), saída em Paris em 1786/92. É a época dos grandes Dicionários de que temos alguns bons exemplares: – P. Danès, *Magnum Dictionarium Latinum et Galicum*, (Lugduni – 1726); Calepino, *Lexicon Latinum* (2 v.), Pádua, 1758; Bluteau, *Diccionario da Lingua Portuguesa* (2 v.), Lisboa 1759; o *Dictionnaire Universel François-Latin*, de Lallemant, saído em Paris em 1774; um *Dictionnaire Littéraire*, em 3 v., publicado em Liège em 1768; um *Dictionnaire Hydrographique de la France*, da autoria do geógrafo Moithey, não esquecendo Viterbo e o seu *Elucidário*. Não faltam também as gramáticas: *Orthographia ou Arte de Escrever*, e *Arte explicada*, de Madureira Feijó, publicadas em Lisboa em 1730; uma gramática inglesa de António Vieira Transtagano, editada em Londres em 1794, já em 3.ª edição – o que revela o seu interesse e valor didáctico; de Freire de Cunha também se encontra um *Breve tratado de Orthographia* (Lx. – 1778) em 5.ª edição; e de Álvaro Ferreira de Vera a obra *Rudimentos da Gramática Portuguesa*, publicada em Lx. em 1779. A História e seus subsidiários também estão aqui presentes desde o Abade Millot com a sua *Historia Universal*, tradução portuguesa publicada em Lx. em 1780, à *Histoire de L'Amérique* de W. Robertson (Paris – 1778); à *H. G. de Portugal*, de La Clède, e ao *Portugal Restaurado* de D. Luís de Meneses (Lx. 1721); ao *Tratado dos Descobrimientos*, de António Galvão (Lx. 1731); às *Origens da Nobreza Política /.../*, de Vera (Lx. 1791); às *Memórias Históricas e Geneológicas*, de Caetano de Sousa (Lx. – 1739 – 1.ª edição); ao *Elogio dos Reis de Portugal*, de A. Pereira de Figueiredo (Lx.

– 1785 – 1.^a edição); às crónicas de ordens religiosas e da própria Igreja em Portugal, de que sobressai a *Historiae Ecclesiae Lusitanae*, em 3 volumes, do Bispo de Pernambuco D. Tomás de Encarnação (Coimbra, 1759/62). O Direito tem também uma grande representação a nível nacional e europeu, desde o *Imperatoris Justiniani Institutionum* (Lugduni, 1759) e *Corpus Juris Civilis Justinianei* (2 v.), às *Ordenações e Leis do Reino de Portugal* (Lx. 1727), passando pela obra de Pascoal José de Melo, *Institutionum Juris Civilis Lusitani*, em 5 v., editada em Lx. – 1794/99, à de Ant.^o Vanguerva Cabral, *Práctica Judicial* (Coimbra, 1730), a Amaral Botelho, *Discursos Juridicos* (Lx. – 1742) e muitos outros.

As reedições dos clássicos greco-latinos aumentam neste período, havendo também algumas traduções em português. São várias as obras de Cícero, Horácio, Virgílio, Ovídio, Hesíodo, Esopo, Fedro, Quinto Rufo, Plínio, Sílio Stálico, Tito Lívio. Grandes pensadores dos séc. XVII – XVIII (Heinecke, Condillac, Bossuet, Fénelon, T. Paine, Rousseau); místicos como Tomas Kempis e Inácio de Loyola; matemáticos e cientistas como Étienne Bézout, Col de Vilars, Lineu e Brotero; poetas e escritores como Malherbe, Corneille, A. Pope, Gessner, Young, fazem parte desta plêiade intelectual cuja obra foi impressa no séc. XVIII. Como curiosidade refere-se o facto deste grupo conter obras duma escritora francesa, Madame Le Prince de Beaumont, autora de vários livros de contos, do que o mais conhecido é *A Bela e o Monstro*. E quanto a autores portugueses? Curiosamente, não é muito vasta a sua representação. Além dos cronistas, historiadores, juristas e gramáticos já mencionados, existem obras de Manuel Bernardes, Fr. António das Chagas (*Sermões*), Diogo Bernardes (*Rimas Várias Flores do Lima*), Diogo de Teive, António L. de Caminha, André de Resende e pouco mais. E os escritores aveirenses? Infelizmente o

número é insignificante. Além duma 6.^a edição do *Itinerário à Terra Santa*, de Pantaleão de Aveiro (Lx. – 1732), possuímos dois exemplares do *Número Vocal* de Sebastião Pacheco Varela (Lx. – 1702 – 1.^a edição) e o já citado *Virginidos* de Barbuda de Vasconcelos.

6. CONCLUSÃO

Como facilmente se deduz, não se pretendeu dar uma amostragem completa dum catálogo do «Livro Antigo» da B. M. A., o qual ainda não existe de facto. Pretendeu-se, apenas, dar a conhecer este espólio variadíssimo e interessante, no intuito de despertar a curiosidade dos conhecedores e amantes dos estudos bibliográficos, literários ou históricos, já que nos parece que ele é digno de um estudo profundo e profíquo, quer a nível científico, quer, apenas, a nível cultural.

Aqui fica a nossa sumária e deficiente informação, cientes de que num futuro mais ou menos próximo, alguém mais abalizado e disponível se queira debruçar sobre este assunto e dar-lhe o valor e o realce público que ele merece.

Aveiro, Verão de 1987.

Honorinda Cerveira da Costa

BIBLIOGRAFIA

- 1 — *O Livro ontem, hoje e amanhã*, Biblioteca Salvat de Grandes Temas, n.º 50.
- 2 — *Cronica do Mosteiro de Jesus de Aveiro!...*/ Aveiro, 1939.
- 3 — *O Livro ontem, hoje e amanhã*, Biblioteca Salvat de Grandes Temas, n.º 50.
- 4 — *Diccionario Bibliográfico Português*, de Inocêncio Francisco da Silva, Lx., 1858.

MOVIMENTO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE AVEIRO

1986: Utilizadores – 12.405
Obras consultadas – 24.245

1987: Utilizadores – 17.601
Obras consultadas – 28.185

Folhetos e livros existentes na Biblioteca Municipal de Aveiro

AVEIRO. HISTÓRIA

607. THOMAZ, ANÍBAL FERNANDES, *O Prior do Crato e Aveiro, 1580. (Notas e documentos)*, Aveiro, sem editor, 1894.
3. MARQUES GOMES, JOÃO AUGUSTO, *Subsídios para a História de Aveiro*. Aveiro, Tip. do «Campeão das Províncias», 1899.
143. SOUTO, ALBERTO, *A Pelagia Insula de Festus Avienus*. Guimarães, Imprensa Portuguesa, 1933.
246. FERREIRA NEVES, FRANCISCO, *Origem e Etimologia de Aveiro*. Figueira da Foz, Tip. Popular, 1936.
186. CERQUEIRA, EDUARDO, *Notas sobre a implantação da República em Aveiro e seus antecedentes*. Águeda, Gráfica Ideal, 1976.
242. FERREIRA NEVES, FRANCISCO, *Naturalidade e Família de João Afonso de Aveiro (Navegador e poeta do século XV)*. Aveiro, Coimbra Editora Lda., 1957.
35. MARQUES GOMES, JOÃO AUGUSTO, *Memórias de Aveiro*. Aveiro, Typ. Commercial, 1875.
91. CHRISTO, ANTÓNIO, *Mil Anos de História (Efemérides Aveirenses)*. Aveiro, Tip. «A Lusitânia», 1959.
176. CERQUEIRA, EDUARDO, *Homens e Factos de Aveiro*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1971.
102. CHRISTO, ANTÓNIO, *Alguns problemas sobre João Afonso de Aveiro*. Braga, Barbosa e Xavier, Lda., 1960.
491. H. GASPAR, JOÃO GONÇALVES, *Aveiro – Notas Históricas*. Aveiro, Tipave, 1983.
598. AVEIRO E O SEU DISTRITO (*Um quarto de século da Revolução Nacional*). Lisboa, Oficinas Gráficas da Sociedade Astória, Lda., 1954.
501. AMARAL, DIAMANTINO A. DO, *Coisas do passado de Aveiro (Desenterradas da poeira dos Arquivos)*. Coimbra, Imprensa de Coimbra, Lda., 1976.
90. Câmara Municipal de Aveiro. *Colectânea de Documentos Históricos*. 2 volumes. Lisboa, Tip. da União Gráfica, 1959 e 1968.
460. CERQUEIRA, EDUARDO, *O terramoto de 1775 no Distrito de Aveiro*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1956.
708. SOUTO, DULCE A., *Estudo da Carta de Doação da Princesa – Infanta Santa Joana ao Mosteiro de Jesus de Aveiro em 1479*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1955.
571. COSTA SIMÕES, ANTÓNIO AUGUSTO, *As prepotências de Coimbra no conflito da carne d'Aveiro*. Coimbra, Imprensa Litterária, 1885.
682. SOUTO, DULCE A., *Origens de uma Feira Secular – A Feira de Março de Aveiro*. Aveiro, Gráfica do Vouga, 1958.
459. COSTA, EDUARDO, *Os inquéritos paroquiais do séc. XVIII e algumas das freguesias do distrito de Aveiro*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1955.
645. QUADROS, RANGEL DE, *Aveiro, apontamentos avulsos de 1911 a 1916*. Fotocópia de manuscrito.
646. QUADROS, RANGEL DE, *Aveiro, Apontamentos Históricos*. 8 volumes. Fotocópia de recortes.
263. MAIA, LUÍS DA GAMA R. RANGEL DE QUADROS E, *Genealogias de Famílias Nobres Aveirenses*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1957.
240. FERREIRA NEVES, FRANCISCO, *A Casa e o Morgado de Oliveirinha nos concelhos de Eixo e Aveiro*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1968.
178. CERQUEIRA, EDUARDO, *Curiosidades do passado (Aspectos e modificações do Rossio)*. Coimbra Editora, Lda., 1949.
683. SOUTO, DULCE A., *Subsídios para uma carta arqueológica do distrito de Aveiro no período da romanização*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1958.
165. SOUTO, ALBERTO, *Estudos da paleografia e geografia das Beiras (Nota sobre a formação do actual aspecto geográfico da Beira-Vouga Litoral)*. Aveiro, Tip. de «A Lusitânia», 1953.

148. SOUTO, ALBERTO, *Arqueologia pré-histórica do distrito de Aveiro – Arte Rupestre*. Figueira da Foz, Tip. Popular, 1938.
430. REIS, ANDRÉ DOS, *Uma questão acerca dos chamados fóros do prazo da Oliveirinha*. Aveiro, Tip. Nacional, 1917.
429. REIS, ANDRÉ DOS, *Acção ordinária por foros, (Junta da Paróquia da freguesia de Aradas)*. Aveiro, Tip. Minerva Central, 1915.
- Treslado do Alvará de Elevação da Vila de Aveiro a Cidade por D. José, em 25 de Julho de 1759.*
807. *Alvará de elevação a cidade da vila de Aveiro*. Águeda, sem editor, 1759.
190. CERQUEIRA, EDUARDO, *Apontamentos sobre antigas procissões de Aveiro*. Águeda, Gráfica Ideal, 1967.
6. MARQUES GOMES, JOÃO AUGUSTO, *Aveiro – Berço da Liberdade (O Coronel Jerónimo de Moraes Sarmento)*. Porto, Imp. Portuguesa, 1899.
762. NEVES, AMARO, e outro, *Aveiro, silhuetas do tempo que passa*. Aveiro, sem editor, 1985.
188. CERQUEIRA, EDUARDO, *Breve digressão pelos costumes tradicionais aveirenses*. Águeda, Gráfica Ideal, 1972.
738. A. CHRISTO, ANTÓNIO e JOÃO GONÇALVES GASPAS, *Calendário histórico de Aveiro*. Aveiro, Tipave, 1986.
- PORTO. BARRA.**
106. CHRISTO, ANTÓNIO, *Os Governos da Nação e as obras do Porto e da Barra de Aveiro*. Aveiro, Tip. Minerva Central, 1949.
513. LOUREIRO, ADOLPHO, *Porto de Aveiro*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1904.
515. Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro. *Porto de Aveiro (Obras de melhoramento da Barra)*. Aveiro, Empresa gráfica – Apolina, 1932.
516. SOUSA, FERNANDO, *O Porto de Aveiro*. Conferência. Aveiro, Gráfica Aveirense, Lda., 1939.
187. CERQUEIRA, EDUARDO, *O Porto de Aveiro*. Águeda, Gráfica Ideal, 1971.
512. Ministério das Obras Públicas e Comunicações. *Porto e Ria de Aveiro (Notícia sobre o seu valor económico)*. Aveiro, Tipografia Aveirense, Lda., 1936.
514. SILVA, JOSÉ MAIA DA, *O Porto de Aveiro e o projecto do Eng.º Von Haffe*. Porto, Oficinas de «O Comércio do Porto», 1930.
175. CERQUEIRA, EDUARDO, *O Cofre da Barra de Aveiro na função de caixa de empréstimos ou subsídios*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1973.
94. SOUTO, ALBERTO, *Momento Histórico da construção do Porto de Aveiro*. (Discurso).
247. FERREIRA NEVES, FRANCISCO, *As reflexões históricas sobre a Barra de Aveiro*. Aveiro, Gráfica Aveirense, Lda., 1933.
248. FERREIRA NEVES, FRANCISCO, *Documentos relativos à abertura da actual Barra de Aveiro*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1956.
521. MENDES, HUMBERTO GABRIEL, *Cartografia e Engenharia da Ria e Barra de Aveiro no último quartel do século XVIII*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1974.
768. Ministério dos Transportes e Comunicações. Direcção Geral dos Portos. Junta Autónoma do Porto de Aveiro. *Agenda do Porto de Aveiro*. 1986.
245. CARVALHO, LUÍS GOMES DE, *Memória descritiva ou notícia circunstanciada do plano e processo dos efectivos trabalhos hidráulicos empregados na abertura da Barra de Aveiro, segundo as ordens de S.A.R. o Príncipe Regente Nosso Senhor*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1947.
- RIA. RIO VOUGA**
518. NOBRE, AUGUSTO, *A Ria de Aveiro*. Relatório oficial do regulamento da Ria de 28/12/1912. Lisboa, Imprensa Nacional, 1915.
538. CARRILHO RALO, JOSÉ, *As parasitoses na zona da Ria de Aveiro*. Lisboa, Astória, 1954.
171. SOUTO, ALBERTO, *Apontamentos sobre a Geografia da Beira Litoral – I – Origens da Ria de Aveiro*. Aveiro, Tip. Minerva Central, 1923.
271. NASCIMENTO LEITÃO, *Aveiro e a sua laguna (Vistos através do mundo)*. 2.ª edição. Lisboa, Sá da Costa, 1944.
546. AZEVEDO, ANTÓNIO EMÍLIO DE ALMEIDA, *A propriedade na Ria de Aveiro*. Aveiro, sem editor, 1895.
124. ROCHA MADAHIL, A., *A legitimidade da propriedade particular em terrenos alagados pela Ria de Aveiro*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1946.
272. NASCIMENTO LEITÃO, *A bacia hidrográfica de Aveiro e a salubridade pública*. Porto, Imprensa Portuguesa, 1906.
517. AMORIM GIRÃO, *Bacia do Vouga (Estudo Geográfico)*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922.

448. SCHWALBACH LUCI, LUIS FILIPE, *Estudos Geográficos, Alterações litorais. A RIA DE AVEIRO*. Lisboa, Typ. do Anuário Commercial, 1918.
411. B. MIRANDA MELO, LANDELINO DE, *Rambóia no areal (Região do Vouga)*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1949.
725. SILVA, JOÃO FERREIRA DA, *Apointamentos para um curso de salineiros*. Lisboa, Astória, Lda., sem data.
447. MAGALHÃES MESQUITA, EGBERTO DE, *Arborização da Ria de Aveiro (Estudos florestais)*. Aveiro, Imp. Aveirense, 1884.
521. MENDES, HUMBERTO GABRIEL, *Cartografia e engenharia da Ria e Barra de Aveiro no último quartel do séc. XVIII*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1974.
523. Portugal. Instituto D. Ernesto Sena de Oliveira, *Curso de iniciação à investigação científica (Ria de Aveiro)*. Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1976.
803. Câmara Municipal de Aveiro, *Jornadas da Ria de Aveiro*. Aveiro, Tipave, 1985.
498. *IX Cruzeiro na Ria de Aveiro*. Aveiro, Tip. Carvalho, 1969.
713. Portugal. Ministério da Qualidade de Vida, *Subsídios para a bibliografia da Ria de Aveiro*. Lisboa, M. Q. V., 1982.
- CONVENTOS/MOSTEIROS. IGREJAS**
253. FERREIRA NEVES, FRANCISCO, *Testamento de Diogo Soares, Secretário de Estado em Espanha no ano de 1640 e fundador do Mosteiro de Serém*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1952.
510. SILVA, A.F. D'ARAÚJO E, *O Mosteiro de Arouca (Lenda Histórica)*. Aveiro, Tip. Comercial, 1886.
526. DOMINGUES AREDE, JOÃO, *Cucujães e Mosteiro com seu Couto nos tempos medievais e modernos*. Famalicão, Tip. Minerva, 1922.
475. PINA, D. MANOEL CORREIA DE BASTOS, *A extinção do Convento de Sá em Aveiro e os jornais portugueses religioso-políticos*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1886.
129. ROCHA MADAHIL, A., *Livro dos títulos do Convento de São Domingos da cidade de Aveiro (séculos XV a XVIII)*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1961.
121. ROCHA MADAHIL, A., *Crónica da fundação do Mosteiro de Jesus de Aveiro e memorial da Infanta Santa Joana filha del-Rei Dom Afonso V. Códice Quinhentista*. Aveiro, Gráfica de Coimbra, 1939.
400. MIRANDA MELO, LAUDELINO DE, *Senhora da Alumieira*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1947.
399. MIRANDA MELO, LAUDELINO DE, *Santos Mártires de Marrocos e Travassô*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1950.
491. F. GASPAR, JOÃO GONÇALVES, *A Capela do Senhor das Barrocas em Aveiro*. Aveiro, Tipave, 1980.
179. CERQUEIRA, EDUARDO, *Curiosidades do passado aveirense (Notícia da Igreja do Espírito Santo e da sua demolição)*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1969.
249. FERREIRA NEVES, FRANCISCO, *A Igreja da Misericórdia de Aveiro*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1962.
491. A. GASPAR, JOÃO GONÇALVES, *Catedral de Aveiro (História e Arte)*. Aveiro, Tipave, 1979.
491. D. GASPAR, JOÃO GONÇALVES, *Catedral da Diocese de Aveiro e Igreja Paroquial da Glória*. Aveiro, Gráfica do Vouga, 1976.
476. A. *O edifício do Convento das Carmelitas, necessidade de o conservar como recordação histórica da cidade de Aveiro*. Aveiro, sem editor, 1905.
17. MARQUES GOMES, *Santuário de Lourdes da Carregosa (Oliveira de Azeméis)*. Aveiro, Tip. do «Campeão das Províncias», 1902.
18. MARQUES GOMES, *Annaes do Santuário de Nossa Senhora de Lourdes em Carregosa*. Aveiro, Tip. do «Campeão das Províncias», 1906.
276. NASCIMENTO LEITÃO, *Capela do Senhor das Barrocas (Aveiro) e os baptistérios de Pisa e Florença*. Lisboa, Oficinas de S. José de Lisboa, 1948.
476. EGAS MONIZ, *Documentos relativos ao projecto-lei concedendo à Câmara Municipal o extinto Convento das Carmelitas da mesma cidade*. Aveiro, Tip. Minerva Central, 1902.
600. GOMES DOS SANTOS, DOMINGOS MAURÍCIO, *O Mosteiro de Jesus de Aveiro*. 2 volumes ilustrados. Lisboa, Tip. E.N.P., 1963 e 1967.
476. *Brado em favor do progresso e da moderna civilização. Dirigido ao Conselho dos Monumentos Nacionais, a propósito do velho Convento das Carmelitas em Aveiro*. Aveiro, Tip. Minerva Central, 1905.
708. SOUTO, DULCE ALVES, *Estudo da carta de doação da Princesa-Infanta Santa Joana ao Mosteiro de Jesus de Aveiro em 1479*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1955.
831. *A Igreja Aveirense*. 2 folhetos. Aveiro, Tip. Lusitânia, 1984, 1987.

266. EGAS MONIZ, ANTÓNIO CAETANO DE ABREU FREIRE, *Museu Regional de Aveiro*. Porto, Empresa Gráfica «A Universal», 1916.
775. VASCONCELOS, MIGUEL RIBEIRO DE, *Notícia histórica do Mosteiro da Vacariça doado à Sé de Coimbra*. Lisboa, Tip. da Académica, 1854 a 1857.
- AVEIRO. DISTRITO. REGIÕES**
36. MARQUES GOMES, *O Distrito de Aveiro*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1877.
244. FERREIRA NEVES, FRANCISCO, *O distrito de Aveiro há 100 anos*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1956.
535. SOUTO, RICARDO N., *Angeja e a região do Baixo-Vouga*. Aveiro, Tip. Minerva Central, 1937.
662. FERREIRA VAZ, *Castelo da Feira, onde nasceu Portugal*. Aveiro, Tip. Gráfica de Coimbra, 1939.
690. SANTOS PATO, MÁRIO, *A Pateira de Fermentelos*. Dissertação. Lisboa, Tip. Adolpho de Mendonça, Lda., 1919.
541. PORTELLA, ADOLPHO, *Águeda*. Porto, Empresa Literária, 1904.
463. CONDE, RAÚL, *Por Águeda (Divagações etnográficas)*. Águeda, Gráfica Ideal, 1960.
529. FERREIRA VAZ, *Onde nasceu Portugal, foi no Castelo da Feira*. Aveiro, Tip. Gráfica de Coimbra, 1940.
617. OLIVEIRA SANTOS, *Para a História de Ovar e de S. Vicente de Pereira*. Lisboa, Livraria Portuguesa, 1975.
401. MIRANDA MELO, LAUDELINO DE, *Travassô e Alquerubim (Dos concelhos de Águeda e Albergaria-a-Velha) e outras localidades da região do Vouga*. Aveiro, Gráfica Aveirense, Lda., 1942.
743. LAMY LARANJEIRA, EDUARDO, *O Furadouro – o povoado, o homem e o mar*. Ovar, Imprensa Pátria, 1984. Edição da Câmara Municipal de Ovar.
509. ALMEIDA FERNANDES, A. DE, *Arouca na Idade Média Pré-Nacional*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1965.
527. DOMINGUES AREDE, JOÃO, *Estudos regionais (Monografia do Préstimo – Águeda)*. Cucujães, Escola Tip. do Colégio das Missões, 1925.
524. DOMINGUES AREDE, JOÃO, *Estudos sobre antiguidades dos povos da terra de Santa Maria da Feira e Etnologia e Etiologia da região do Caramulo*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1919.
528. DOMINGUES AREDE, JOÃO, *Identificação do rio Antuã e do seu afluente rio Ul*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1944.
525. DOMINGUES AREDE, JOÃO, *Breve notícia histórica da freguesia e vila do Couto de Cucujães e catálogo do seu Museu*. Cucujães, Esc. Tip. do Seminário das Missões, 1935.
408. MIRANDA MELO, LAUDELINO DE, *Nossa terra e nossa gente (Região do Vouga – Portugal)*. Aveiro, Gráfica do Vouga, 1959.
547. SILVA MATOS, A., *O Bussaco*. Lisboa, Lallement Frères, 1874.
547. B. SIMÕES DE CASTRO, A. M., *Guia histórico do viajante no Bussaco*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1896.
543. BARBOSA, JOSÉ MARIA, *A Murtoza (A propósito da sua autonomia)*. Aveiro, Tip. do «Campeão das Províncias», 1899.
680. *Grande Hotel das Termas do Luso*. Porto, Tip. Costa Carregal, 1940.
674. SÁ, MANUEL FRANCISCO DE, *Monografia de Duas Igrejas do termo da Feira*. Porto, Gráfica de «O Comércio do Porto», 1968.
530. VIEIRA REZENDE, JOÃO, *Monografia da Gafanha*. 2.ª edição. Coimbra, Coimbra Editora, Lda., 1944.
599. B. SOUSA BRANCA, EVARISTO, *Dois distritos da Beira-Litoral (Facetas e coisas do nosso tempo)*. Coimbra, Aveiro. Coimbra, Tip. Bêlita, 1958.
737. *Compromisso da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia do Concelho de Anadia*. Coimbra, Tip. Auxiliar d'Escritório, 1910.
542. *As águas da Curia e a sua Estância*. Sociedade das Águas da Curia. Porto, Tip. Pereira, 1915.
461. SOARES DA GRAÇA, *A Casa da Graciosa (Suas antigas tradições religiosas)*. Avelãs de Cima – Anadia. Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1942.
458. PATO, JAIME S., *Problemas da região de Aveiro*. Anadia, Tip. Comercial, 1948.
743. ALBERTS, A., *Het Zand voor de kust van Aveiro*. Escrito em holandês. Amsterdam, G. A. Van Oorschot, 1982.
643. Sociedade Propaganda de Portugal. *A Região do Vouga*. Lisboa, Typ. da Gazeta dos Caminhos de Ferro, 1917.
154. SOUTO, ALBERTO, *A paisagem e o homem na grande região aveirense*. Aveiro, Imprensa Universal, sem data.
540. SANTOS JÚNIOR, J.R., *A colónia de garças de São Jacinto – Aveiro*. Águeda, Junta Distrital de Aveiro, 1962.

734. COSTA, J. CARRINGTON DA, *O neocretário da Beira Litoral*. Figueira da Foz, Tip. Popular, 1937.
735. COSTA, J. CARRINGTON DA, *Os fósseis de Aveiro e algumas curiosidades geológicas*. S. L., Gráfica de Coimbra, 1941.
149. SOUTO, ALBERTO, *Geologia das Beiras. (Os afloramentos...)*. Figueira da Foz, Tip. Popular, 1936.
164. SOUTO, ALBERTO, *A estrada Aveiro-Murtosa (No campo regional e no plano nacional)*. Aveiro, Gráfica Aveirense, Lda., 1956.
251. C. CESAR, JOSÉ JÚLIO, *Algumas aspirações das Beiras (Memorial apresentado no 3.º Congresso Beirão em Aveiro)*. Aveiro, Tip. Notícias de Viseu, 1928.
18. MARQUES GOMES, JOÃO AUGUSTO, *Annaes do Santuário de Nossa Senhora de Lourdes em Carregosa*. Aveiro, Typ. do «Campeão das Províncias», 1906.
511. *Arouca, a eleição municipal. Memorandum*. S.L., sem editor, 1883.
765. PINTO, ADRIANO CARLOS VAZ, *Arouca e o Fisco*. Famalicão, Tip. Minerva, 1897.
145. A. SOUTO, ALBERTO, *Arqueologia pré-histórica do distrito de Aveiro – Arte Rupestre*. Figueira da Foz, Tip. Popular, 1938.
669. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Coimbra, Tip. de Coimbra Editora, 1935.
34. MARQUES GOMES, JOÃO AUGUSTO, *Aveirenses que morreram, sofreram e combateram pela liberdade*. Aveiro, Typ. do «Campeão das Províncias», 1909.
146. SOUTO, ALBERTO, *Aveiro*. Aveiro, Imp. Universal, sem data.
147. A. SOUTO, ALBERTO, *Aveiro*. Porto, Ofic. Fotogravuras de Marques Abreu, 1952.
646. QUADROS, RANGEL DE, *Aveiro – Apontamentos avulsos*. Fotocópia de manuscrito.
97. Câmara Municipal de Aveiro, *Aveiro apresenta o seu plano director*. Aveiro, Imp. Portuguesa, 1963.
599. *Aveiro e o seu Distrito*. Águeda, Gráfica Ideal, 1966 a 1974.
598. *Aveiro e o seu Distrito (Um quarto de séc. da Revolução Nacional)*. Lisboa, Ofic. Gráf. da Sociedade Astória, Lda., 1954.
641. *Aveiro 74, informação*. Aveiro, Tipave, 1974.
650. REBELO, FERNANDO, *Aveiro e a sua Região*. Coimbra, Gráfica de Coimbra Epartur, 1979.
488. A. GASPAR, JOÃO GONÇALVES, *Aveiro e as suas freguesias*. Aveiro, Gráf. do Vouga, Lda., 1985.
450. OLIVEIRA, JÚLIO B., *Aveiro. Veneza de Portugal*. Aveiro, Tip. STAL, 1952.
171. A. SOUTO, ALBERTO, *Blocos erráticos na mesopotâmia da Beira-Mar (Geologia e Geografia do Distrito de Aveiro)*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1950.
720. MOURA JÚNIOR, *Cidade de rosto para o mar*. Aveiro, Gráfica do Vouga, Lda., 1982.
729. *Concelho da Mealhada (Em favor da sua classificação em concelho de 2.ª ordem)*. S. L., Imp. da Universidade, 1895.
642. Direcção Geral dos Trabalhos Geodesicos do Reino, *Distrito Administrativo de Aveiro*. S. L., sem editor, 1884.
599. A. CORREIA AZEVEDO, *O Distrito de Aveiro*. Porto, Tapolive, 1965.
763. PINHO, MARGARIDA ROSA MOREIRA DE, *Elementos para a história de Castelo de Paiva*. Coimbra, Tip. Cávado, 1946.
156. SOUTO, ALBERTO, *A estação arqueológica de Cacia*. Aveiro, Imp. Universal, 1930.
544. *Estarreja – Moliceiros no esteiro de Estarreja*. Edição ROTEP, 1954.
743. A. LAMY LARANJEIRA, EDUARDO, *O Furadouro – o povoado, o homem e o mar*. Ovar, Imp. Pátria, 1984.
605. B. DUARTE, JOAQUIM NUNES, *Hidro-aviões nos céus de Aveiro*. Aveiro, Tipave, 1984.
826. LAMY, ALBERTO DE SOUSA, *História da Santa Casa da Misericórdia de Ovar*. Ovar, Tip. Guerra, 1984.
533. MAIA ALCOFORADO, FRANCISCO DA PAULA DA R. O., *Ílhavo, terra maruja. Marujos da terra dos Ílhavos*. Ílhavo, Tip. Beira-Mar, 1932.
491. GASPAR, JOÃO GONÇALVES, *A Liberdade em Aveiro*. Águeda, Gráfica Ideal, 1975.
20. MARQUES GOMES, JOÃO AUGUSTO, *Memória histórico-genealógica da casa e solar de Oliveirainha*. Aveiro, Minerva Central, 1897.
35. MARQUES GOMES, JOÃO AUGUSTO, *Memórias de Aveiro*. Aveiro, Typ. Commercial, 1875.
95. SOUTO, ALBERTO, *Mensagem aos aveirenses sobre o 1.º milénio de Aveiro e o 2.º centenário da cidade*. Aveiro, Gráfica do Vouga, 1958.

682. SOUTO, DULCE ALVES, *Origens de uma Feira Secular. A Feira de Março de Aveiro*. Aveiro, Gráfica do Vouga, 1958.
653. C. RAMOS, ANÍBAL, MONS., *Povos do Baixo-Vouga (Ilhavenses e Murtoseiros)*. Aveiro, sem editor, 1967.
168. SOUTO, ALBERTO, *Em prol do distrito (A questão distrital e a questão provincial)*. Aveiro, Imp. Universal, 1940.
430. REIS, ANDRÉ DOS, *Uma questão acerca dos chamados fóros do «Prazo da Oliveirinha*. Aveiro, Tip. Nacional, 1917.
683. SOUTO, DULCE EMÍLIA ALVES, *Subsídios para uma carta arqueológica do distrito de Aveiro no período da romanização*. Aveiro, Coimbra Editora, 1958.
3. MARQUES GOMES, JOÃO AUGUSTO, *Subsídios para a história de Aveiro*. Aveiro, Typ. do «Campeão das Províncias», 1899.

ETNOGRAFIA

596. CASTRO, JOSÉ DE (D.), *Estudos Etnográficos. Aveiro*. 2 volumes. Aveiro, Litografia Nacional, 1943.
155. SOUTO, ALBERTO, *Etnografia da Região do Vouga. (Beira-Litoral)*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1929.
122. ROCHA, MADAHIL, *Alguns aspectos do traje popular na Beira-Litoral*. Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1941.
531. GOMES, DINIS, *Costumes e gente de Ílhavo*. Anadia, Tip. Comercial, 1941.
188. CERQUEIRA, EDUARDO, *Breve digressão pelos costumes tradicionais aveirenses*. Águeda, Gráfica Ideal, 1972.
191. CERQUEIRA, EDUARDO, *Considerações sobre a gente de Aveiro*. Águeda, Gráfica Ideal, 1967.
192. CERQUEIRA, EDUARDO, *Apointamentos sobre as antigas procissões de Aveiro*. Águeda, Gráfica Ideal, 1967.
75. A. MAGALHÃES LIMA, JAIME, *Os povos do Baixo Vouga*. Coimbra, Gráfica de Coimbra, Lda., 1968. Edição das Câmaras Municipais de Ílhavo e Murtosa e da Comissão de Turismo da Torreira.
397. DIAS, DIAMANTINO, *Moliceiros*. Aveiro, Litografia Anadia, 1971.
685. SARABANDO, JOÃO, *Cancioneiro de Aveiro*. Aveiro, Tipografia A Lusitânia, 1966.

471. MATOS, REINALDO, PADRE, *O Cancioneiro da Ria de Aveiro*. Aveiro, Gráfica do Vouga, 1959.
104. CHRISTO, ANTÓNIO, *Cancioneiro de Santa Joana Princesa*. Braga, Barbosa e Xavier, Lda., 1959. 3.ª edição, 1961.
698. *Cantares de Aveiro* – 2.ª edição. Tip. Civilização, 1947.
490. LIMA VIDAL, D. JOÃO EVANGELISTA DE, *Aveiro – Suas gentes, terras e costumes*. Edição da Junta Distrital de Aveiro. Águeda, Gráfica Ideal, 1967. Selecção de João Gonçalves Gaspar.
463. CONDE, RAÚL, *Por Águeda (Divagações Etnográficas)*. Águeda, Gráfica Ideal, 1960.
745. CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO, *Cacia e o Baixo-Vouga (Apointamentos históricos e etnográficos)*. Aveiro, Tipave, 1984.
439. A. CHRISTO, DAVID, *Contributo etnográfico e geográfico da Beira-Litoral para uma reabilitação do desporto*. Aveiro, Tipografia A Lusitânia, 1953.
408. MIRANDA MELO, LAUDELINO DE, *Nossa terra e nossa gente. Narrativas. (Região do Vouga – Portugal)*. Aveiro, Gráfica do Vouga, 1959.

ECONOMIA

425. ROCHA E CUNHA, S., *Relance da História Económica de Aveiro. Soluções para o seu problema marítimo a partir do século XVII*. Conferência. Aveiro, Imprensa Universal, 1930.
169. SOUTO, ALBERTO, *As Pescarias da Terra Nova na economia portuguesa*. Aveiro, Tip. de «A Liberdade», 1914.
537. CARRILHO RALO, JOSÉ A., *O gado bovino arouquês no distrito de Aveiro*. Lisboa, Astória, 1954.
536. CARRILHO RALO., JOSÉ A., *A evolução da indústria de lactínios no distrito de Aveiro*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1953.
12. MARQUES GOMES, *A Vista Alegre (Memória Histórica)*. Aveiro, Tip. Minerva Central, 1924.
13. MARQUES GOMES, *A Vista Alegre. (Apointamentos para a sua História)*. Porto, Typ. Comercial e Industrial, 1883.
601. PINTO BASTO, JOÃO F., *A fábrica da Vista Alegre. (O livro do seu Centenário)*. Lisboa, Ofic. Gráficas da Biblioteca Nacional, 1924.
603. *História da Fábrica Aleluia*. Lisboa, Gráfica Santelmo, 1955.
574. MOREIRA, JOSÉ C. BALACÓ, *Substâncias minerais não metálicas do distrito de Aveiro*.

Contribuição para o conhecimento das suas indústrias extractiva e transformadora. Porto, Gráficos Reunidos, 1974 e 1975.

424. ROCHA E CUNHA, S., *Notícia sobre as indústrias marítimas na área da jurisdição da Capitania do Porto de Aveiro.* Aveiro, Gráfica Aveirense, Lda., 1939.
609. Ministério da Marinha e Ultramar. *A Ria de Aveiro e as suas indústrias. Pescarias.* Lisboa, Imp. Nacional, 1889.
724. Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos. *Salgado de Aveiro.* Lisboa, 1956.
597. A. SOUSA, TOMAZ TAVARES DE, *Os Moliços.* Figueira da Foz, Tip. Popular, 1936.
120. CHRISTO, ANTÓNIO, *O problema da pesca marítima em Aveiro.* Aveiro, Gráfica Aveirense, 1952.
539. CARRILHO RALO, JOSÉ A., *O rebanho de ovinos de S. Jacinto.* S. Jacinto, 1954.
447. MAGALHÃES MESQUITA, *Arborização da Costa de Aveiro (Estudos florestais).* Aveiro, Imp. Aveirense, 1884.
591. MARQUES, JOSÉ, *Ação comercial.* Aveiro, Typ. do «Campeão das Províncias», 1900.
85. MAGALHÃES LIMA, SEBASTIÃO DE, *A actualidade (Estudos económico-sociais).* Porto, Imp. Portuguesa, 1872.
175. CERQUEIRA, EDUARDO, *O Cofre da Barra de Aveiro na função de caixa de empréstimos ou subsídios.* Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1973.
619. Junta Geral do Distrito de Aveiro, *Conta da receita e despesa districtal pertencente ao anno civil de 1885.* Aveiro, Typ. Commercial, 1886.
421. VILHENA, MANUEL DE, *As contas... da SAPEC.* Aveiro, Graf. Aveirense, Lda., 1942.
627. SOUZA, DELFIM ALVES DE, *Energias eléctricas no distrito de Aveiro.* Porto, Imp. Universal, 1916.
660. CHRISTO, ANTÓNIO, *A indústria e o comércio do sal.* Aveiro, sem editor, 1943.
512. Portugal. Ministério das Obras Públicas e Comunicações, *Porto e Ria de Aveiro (Notícia sobre o seu valor económico).* Aveiro, Tip. Gráfica Aveirense, Lda., 1936.
604. *Portugal económico, monumental e artístico (Concelho e cidade de Aveiro).* Lisboa, Tip. «Ofic. Fernandes», 1942.

ARTE

491. J. GASPAR, JOÃO GONÇALVES, *A Arte nas igrejas. De Roma pela Europa até Aveiro.* Águeda, Gráfica Ideal, 1981.
144. SOUTO, ALBERTO, *O retrato da Princesa Infanta Santa Joana em traje da corte e o grande enigma dos painéis chamados de S. Vicente.* Aveiro, Coimbra, Lda., 1957. 2.ª edição, 1958.
715. NOGUEIRA GONÇALVES, A., *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Aveiro. Zona norte.* Academia Nacional de Belas Artes. Lisboa, Silvas, 1981.
147. SOUTO, ALBERTO, *Arte rupestre em Portugal. (Entre Douro e Vouga.* Porto, Impr. Portuguesa, 1932.
711. SOUTO, DULCE A., *A originalidade do Barroco de Aveiro.* Águeda, Gráfica Ideal, 1967.
160. SOUTO, ALBERTO, *Renascença Coimbrã ao Norte do Mondego (O túmulo de Dona Catarina de Ataíde).* Aveiro, Imprensa Universal, 1951.
491. J. GASPAR, JOÃO GONÇALVES, *A Igreja e a Arte. De Roma pela Europa até Aveiro.* Aveiro, Lusitânia, 1984.
761. NEVES, AMARO, *Aveiro – História e Arte.* Aveiro, Litoágueda, 1984.
146. A. SOUTO, ALBERTO, *Aveiro e a sua arte perante o Congresso Internacional da História da Arte.* Aveiro, Imp. Universal, 1949.
761. A. NEVES, AMARO, *Azulejaria antiga em Aveiro (Subsídios para o estudo da cerâmica).* Aveiro, Grafestal, 1985.
506. Museu de Aveiro, *Catálogo dos estudos realizados em Aveiro pela XXIII Missão Estética de Férias....* Aveiro, Gráfica do Vouga, 1960.
5. MARQUES GOMES, JOÃO AUGUSTO, *Catálogo de exposição de arte religiosa no Collegio de Santa Joana Princesa em benefício dos pobres de Aveiro.* Aveiro, Minerva Central, 1895.
602. A. *Centenário da fundação da fábrica da Vista Alegre (1824-1924). Exposição retrospectiva dos seus cristais e porcelanas no Palácio das Janelas Verdes em Maio de 1924.* S.L., sem editor, 1924.
725. FREIRE, MARIA ESMERALDA, *Património artístico do concelho de Estarreja (Inventário).* Estarreja, Grafestal, 1982.

EMIGRAÇÃO

700. Portugal. Ministério da Administração Interna. *Emigração recente no distrito de Aveiro*. Coimbra, C.C.R.C., 1980.

714. ARROTEIA, JORGE CARVALHO, *Os líhavs e os Murtoseiros na emigração portuguesa*. Tese de doutoramento. Aveiro, Universidade de Aveiro, 1982.

802. Portugal. Ministério da Administração Interna, *Emigração e retorno na Região Centro*. Coimbra, Comissão de Coordenação da Região Centro, 1984.

748. ARROTEIA, JORGE CARVALHO, *Atlas da Emigração Portuguesa*. Porto, Emp. Litográfica, 1985.

CAMINHO DE FERRO

624. SOUZA, J. FERNANDO DE, *A fórmula de exploração da linha do Vale do Vouga*. S. L., sem editor, 1916.

625. CORDEIRO, CÂNDIDO XAVIER, *Memória acerca do Caminho de Ferro do Vale do Vouga*. Lisboa, Typ. do Comércio de Portugal, 1892.

716. *Monografia do Vale do Vouga. (Bodas de Diamante – 1908/1983)*. Cucujães, Escola Tip. das Missões, 1983.

626. Câmara Municipal de Aveiro. *Documentos relativos ao estabelecimento de uma estação central de Caminho de Ferro e Mercado Municipal em Aveiro*. Aveiro, Imprensa Aveirense, 1891.

ILUMINAÇÃO PÚBLICA

180. CERQUEIRA, EDUARDO, *A propósito do centenário da iluminação pública da cidade*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1946.

630. LEAL, ADELINO SIMÕES DA FONSECA, *Concessionária da iluminação eléctrica no concelho de Aveiro*. Aveiro, Typ. do «Campeão das Províncias», sem editor.

503. *Resumo histórico do Regimento de Infantaria N.º 10 de Aveiro*. Porto, Estúdio Gráfica, 1968.

667. VICTOR, GIL M.S., *Universidade de Aveiro, presente e futuro*. Águeda, Gráfica Ideal, 1976.

640. *Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro. Da sua fundação ao seu cincoentenário*. Aveiro, Impr. Universal, 1932.

222. TAVARES, JOSÉ PEREIRA, *História do Liceu de Aveiro*. Figueira da Foz, Tip. Popular, 1937.

111. CHRISTO, ANTÓNIO, *O caso do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro*. Aveiro, Albano T. dos Anjos, Lda., 1953.

494. Portugal. Min. das Obras Públicas. Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário. *Escola Comercial e Industrial de Aveiro*. Lisboa, Bertrand Irmãos, Lda., 1956.

383. MELLO FREITAS, JOAQUIM, *Feixe de motivos para que na parte norte do Convento de Jesus d'Aveiro se deva instalar um museu distrital ou municipal*. Aveiro, Typ. do «Campeão das Províncias», 1911.

783. LEBRE, ANTÓNIO, *Alocução na sessão solene, comemorativa da 1.ª abertura das aulas no Liceu Nacional de Aveiro*. Aveiro, sem editor, 1952.

799. B. SOUSA e outros, *O arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro*. Aveiro, sem editor, 1985.

636. SOARES, ANTÓNIO JOSÉ RODRIGUES, *Collegio Aveirense*. Coimbra, Casa Minerva, 1887.

217. TAVARES, JOSÉ PEREIRA, *O Liceu de Aveiro*. Aveiro, Graf. Aveirense, Lda., 1935.

170. SOUTO, ALBERTO, *Museu de Aveiro*. Aveiro, Tip. Nacional, 1926.

128. ROCHA MADAHIL, ANTÓNIO GOMES DA, *Pontos de história do projectado Arquivo Distrital de Aveiro*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1965.

ÁGUA. SANEAMENTO

522. TEIXEIRA DUARTE, *O problema do abastecimento de água da cidade de Aveiro*. Lisboa, Fernandes, 1942.

542. H. *Breve notícia sobre a água minero-medicinal da fonte do Carcho (Quintãs-Quinta do Picado)*. Aveiro, Tip. Vitalidade, 1917.

554. SOARES, JOSÉ, *A Hygiene de Aveiro*. Porto, Impr. Civilização, 1904.

428. REIS, ANDRÉ DOS, *Alegações finais dos RR numa acção de águas*. Aveiro, Typ. Minerva Central, 1915.

538. CARRILHO RALO, JOSÉ A., *A parasitose na zona da Ria de Aveiro*. Lisboa, Astória, 1954.

TOPONÍMIA

722. SILVEIRA, JOAQUIM DA, *A nossa toponímia e o censo da população*. Coimbra, Impr. de Coimbra, 1960.

593. COELHO, JOÃO O., *Aviário e Illiábium ou Aveiro e líhavo através dos séculos*. Figueira da Foz, Tip. de «O Figueirense», 1953.

DIOCESE

486. GASPAR, JOÃO GONÇALVES, *A Diocese de Aveiro no século XVIII*. Aveiro, Gráfica do Vouga, 1974.
491. B. GASPAR, JOÃO GONÇALVES, *Aveiro, cidade episcopal*. S. L., sem editor, 1968.
485. GASPAR, JOÃO GONÇALVES, *A Diocese de Aveiro. (Subsídios para a sua História)*. Aveiro, Gráfica de Coimbra, 1964.
487. A. GASPAR, JOÃO GONÇALVES, *A Freguesia de São Bernardo*. Aveiro, sem editor, sem data.
140. A. LIMA VIDAL, D. JOÃO EVANGELISTA DE, *A alma e a pena do Arcebispo*. Aveiro, Gráfica de Coimbra, 1977. Selecção de textos de João Gonçalves Gaspar.
481. PINA, D. MANOEL CORREIA DE BASTOS, *Allocação do Bispo de Coimbra às associadas do Santíssimo Coração de Jesus em Aveiro no dia 9 de Agosto de 1885*. Coimbra, Imp. da Universidade, 1885.
281. CORDEIRO, D. ANTÓNIO JOSÉ, *Bispo de Aveiro*. Coimbra, Imp. da Universidade, 1802.
491. C. GASPAR, JOÃO GONÇALVES, *Os Bispos de Aveiro e o Culto de Santa Joana*. S. L., sem editor, 1969.

482. CORDEIRO, D. ANTÓNIO JOSÉ, *Ao clero, e ao povo do nosso Bispado, saúde e benção em o Deus. Pastoral*. Coimbra, Imp. da Universidade, 1802.

CÂMARA MUNICIPAL

126. ROCHA MADAHIL, A., *Notícia e Índice do livro dos registos da Câmara da vila de Aveiro (1581 a 1722)*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1967.
243. FERREIRA NEVES, FRANCISCO, *Livro dos acordos da Câmara de Aveiro de 1580*. Aveiro, Coimbra Editora, Lda., 1971.
634. *Código de posturas municipais do concelho de Aveiro, aprovado por acordam do conselho do distrito de 17/3/1870*. Aveiro, Minerva Central, 1894.
96. AFFONSO DORNELLAS, *Armas e Braço de Aveiro*. Aveiro, Tip. Nacional, 1928.
116. CHRISTO, ANTÓNIO, *De como a Câmara Municipal de Aveiro pretende expropriar*. Aveiro, Gráfica Aveirense, Lda., sem data.
631. Electro-indústria do Norte, S.A.R.L., *Concessão dada pela Câmara Municipal de Aveiro*. Porto, Tip. Boa União, 1919.

Serviços da Biblioteca Municipal de Aveiro

MENDES LEITE — HOMEM COERENTE

«Não conheci José Estêvão, mas conheci intimamente Mendes Leite, o seu mais próximo companheiro nas lutas e nos prazeres da vida em que os seus corações se confundiram. Ouvi-lhe muita vez falar do Cabralismo e comunicava-se-me o horror à violência com que naquele tempo se calçou a liberdade eleitoral, porque a sinceridade, com que Mendes Leite verberava essa política de opressão, era um poderosíssimo veículo de contágio do seu pensamento. Hoje a indignação desses velhos crentes da liberdade seria irrisória perante moços de muito saber e refinado espírito que, na sua altiva superioridade, julgam pela cartilha dum cepticismo risonho e despreocupado. No fundo, esse saber é a ausência completa de pensamento, de crença e de convicção, e esse risco descuidado é o impudor próprio da inanidade de sentimento».

JAIME DE MAGALHÃES LIMA (1859-1936)

— Em *Notas d'um Provinciano*, pgs. 38-39.



«Nós fomos do berço para as prisões e para a guerra»

Esta frase de Rodrigues Sampaio, enquadra perfeitamente o que foi a vida de Manuel José Mendes Leite; senão, vejamos:

Nasceu em Aveiro em 1809, na viragem do século, momento em que, no dizer de Albert Silbert, «se não há crise social grave, adivinham-se sinais de tensão cultural e política, alimentados pelas teorias dos filósofos iluministas e pelas revoluções do final de setecentos».

Vivia-se na época um atraso económico, técnico, social e mental, devido a rotinas ancestrais, encontrando-se a economia baseada em actividades primárias, onde imperava o senhorialismo e o poder de homens e instituições da Igreja.

Mais tarde, a situação foi agravada não só com a guerra peninsular, com a ausência do Rei, mas também com a dominação inglesa e com a consequente abertura dos portos brasileiros. Foi esta medida, que despertou a burguesia para a realidade, já que viu desmoronar-se o circuito comercial luso-brasileiro.

Por outro lado, difundiram-se os ideais maçónicos influenciados pelas correntes iluministas. Constituíram-se sociedades de intelectuais onde pontificavam ideais humanitários, de tolerância, do culto da razão, de virtude, de liberdade, à margem de preconceitos anti-clericais. Chegavam mesmo a criticar com veemência «o trono e o altar», elogiando o modelo francês. Considerados uma ameaça, esses intelectuais iam ser perseguidos e obrigados ao exílio. Alguns desses exilados voltariam à sua terra, depois das campanhas napoleónicas, tornando-se dirigentes políticos ou de influência de todos aqueles que protestavam contra o regime absolutista. É o caso do General Gomes Freire, que liderou o movimento revolucionário, o qual culminou com a execução daquele em 1817. Estas e outras execuções fomentaram o pronunciamento militar que deflagrou em 1820, o que veio iniciar um novo período da nossa história – a implantação do Liberalismo.

Mendes Leite e a sua época

No 1.º centenário da sua morte

Com ele nasceu um governo que organizou as eleições para as Cortes. Nelas se lançou uma primeira arremetida contra a Nobreza e a Igreja, que não ficaram indiferentes a esta situação. Por outro lado, a independência do Brasil infligiu golpe mortal às Cortes Liberais, pois cortou a aspiração daqueles que desejavam o regresso do Brasil à condição de colónia. À impopularidade que este facto trouxe para os liberais acresce ainda a recusa da rainha D. Carlota Joaquina e do seu filho D. Miguel em jurar a Constituição, o que lhes irá valer grande popularidade, reforçar os ânimos absolutistas e abalar em definitivo os dos liberais.

Esta situação permitiu que se iniciassem no Norte movimentos de revolta de cariz absolutista, liderados pelo Conde de Amarante que, derrotado pelas tropas liberais, se refugiou em Espanha. Em Aveiro, tal acontecimento não abalou os partidários do absolutismo, pois, no dizer de Marques Gomes, «pretendiam levar a cidade para o partido da revolução que se planeava». Assim é que, aclamado D. João VI como rei absoluto, davam-se vivas ao Rei, à Rainha e foi anunciada a abolição da Constituição. É neste momento que surge pela primeira vez o nome de Mendes Leite na vida política, apondo a sua assinatura ao auto de aclamação absolutista.

Em 1824, Mendes Leite entrou na Universidade.

Seguir-se-ia um novo período conturbado, onde se confrontaram os adeptos de D. João VI, mais brando com os ideais liberais, e os miguelistas que os desejavam irradiar por completo.

D. João VI morreu em Março de 1826. D. Pedro, que estava no Brasil, é aclamado Rei. Ali outorgou a Carta Constitucional e abdicou na sua filha D. Maria da Glória.

Com a abertura das Cortes era restaurado o Regime Constitucional. Aos absolutistas esta situação não agradava; traduzia-se no regresso a um período não muito longínquo, que, para além de esgrimirem toda a espécie de razões na ten-

tativa de provar que a coroa não pertencia a D. Pedro, utilizaram as armas para tentar impor os seus direitos. Os exilados miguelistas, com o auxílio espanhol, invadiram o país. A esta agressão responderam os exércitos liberais, que os derrotaram. Em Coimbra e por esta altura, formaram-se os Batalhões de Voluntários Académicos, nos quais se alistou Mendes Leite.

Com esta atitude parece-nos que Mendes Leite abraçou os ideais liberais, a que não será estranho o ambiente revolucionário estudantil e a ausência da casa paterna onde possivelmente pontificavam os ideais miguelistas.

O regresso de D. Miguel a Portugal, em 1828, não foi recebido com entusiasmo em Aveiro. Como em ocasiões semelhantes de grande solenidade não houve Te-Deum, nem sessão extraordinária da Câmara. Aqui e apesar do partido absolutista contar com numerosos adeptos provenientes do clero secular e regular, da nobreza, do regimento de milícias e do povo, era o partido liberal o mais aguerrido, embora em menor número. A ele pertenciam alguns frades dominicanos, alguma burguesia, artistas, universitários, funcionários e a totalidade do Batalhão de Caçadores 10.

Em 25 de Abril desse ano, o Senado da Câmara proclamou D. Miguel como rei absoluto.

A restauração do absolutismo responderam os liberais com a revolta. Iniciada em Aveiro no dia 16 de Maio pela acção de Joaquim José de Queirós e de outros elementos liberais, contou com a imediata adesão do Batalhão de Caçadores 10. Convocado o povo para a Câmara, ali foram dadas vivas à Rainha D. Maria, substituídos os vereadores e elaborado o respectivo auto, não constando nele a assinatura de Mendes Leite.

Nessa mesma noite revoltaram-se as tropas do Porto, às quais foram aderindo sucessivamente guarnições militares estacionadas em diversas localidades do norte e centro do país.

Organizados de novo os Batalhões Académicos, Mendes Leite alistou-se. Não iremos descrever toda a acção militar. Há que referir porém a Batalha da Cruz de Moroiços, onde, apesar de não haver vencedor nem vencido, e após a precipitação da Junta do Porto, então em Coimbra, em mandar retirar as tropas, estas, sempre acosadas pelas forças miguelistas, chegaram ao Porto onde já se encontrava Mendes Leite que, entretanto, tinha sido incumbido de levar para aquela cidade um oficial absolutista, aprisionado num dos combates.

Derrotados os exércitos constitucionais, Mendes Leite irá integrar os milhares de homens

que partiram para o exílio em Inglaterra. Ali não conheceu as dificuldades dos outros exilados. Instalado numa casa alugada, pôde fugir ao célebre barracão de Plymouth. Contudo e apesar do auxílio pecuniário do pai, teve que trabalhar nos barcos atracados naquele porto.

Aos que não conseguiram a fuga a repressão miguelista não perdoou. Aveiro pagou bem caro ter levantado o grito da revolta.

No exílio, os liberais continuaram a trabalhar para derrubar o governo.

Em 1830, sob a chefia de Palmela, constituía-se na Ilha Terceira uma regência liberal. No ano seguinte, no Brasil, D. Pedro abdicava no seu filho e partiu para a Europa onde encabeçou e organizou a luta contra o irmão.

Reunidos os apoios financeiros e políticos necessários, dirigiu-se para os Açores e dali, com um exército de 7.500 homens, para Portugal.

Desembarcou no Mindelo e quatro dias depois, sem oposição, entrava no Porto. A reacção dos exércitos miguelistas não se fez esperar. A desorientação inicial reorganizaram-se e bateram-se com as tropas comandadas por D. Pedro, a quem, depois da derrota em Ponte de Ferreira, só restaria a acção defensiva... e cercou o Porto com uma linha de trincheiras e fortificações.

Mendes Leite teve conhecimento do desembarque e de imediato alugou um barco e, com outros exilados, partiu para o Porto. Só agora conseguiu unir-se aos seus amigos de exílio, já que todas as tentativas anteriores para acompanhar e integrar as expedições para a Terceira tinham sido infrutíferas.

Alistado no Batalhão de Voluntários Académicos na arma de artilharia, partiu de novo para a Inglaterra, na qualidade de comissário do governo para adquirir cavalos e arreios.

Cumprida a missão, regressaria de barco e conseguiria furar o cerco. Foi este o primeiro e único navio que entrou naquela cidade, depois de estabelecido o bloqueio.

Conhecidas as suas qualidades de soldado, era escolhido para fazer parte da guarnição da Serra do Pilar que, durante oito meses e sob as ordens do General Torres, aguentou as arremetidas dos exércitos miguelistas, participando em todas as acções e batalhas.

Os sitiados conheceram então outros dois inimigos: o tifo e a cólera. O cerco apertou. Para aliviar a pressão sobre o Porto foi constituída uma força que desembarcaria no Algarve. Mendes Leite foi um dos escolhidos. Assim, após a derrota da esquadra miguelista, o duque da Terceira iniciava a marcha para Lisboa, acompa-

nhado de perto pela frota liberal. A doença de Mendes Leite não lhe permitirá continuar a acompanhar e participar no resto das operações militares, que se prolongariam por mais alguns meses até à assinatura da convenção de Évora-Monte.

Terminada a guerra civil, Mendes Leite regressou a Coimbra onde permanecerá até concluir o curso de Cânones e Leis, em 1838.

O ministério Passos, saído da Revolução de Setembro, nomeava administrador-geral do distrito José Henriques Ferreira, deputado da extrema-esquerda e antigo emigrado liberal. Mendes Leite era escolhido secretário-geral; a acção conjunta destes dois homens iria conduzir à eleição de José Estêvão para o Parlamento.

No ano seguinte seria eleito presidente da Câmara. Durante o seu mandato realizar-se-ia a terraplanagem e o arranjo do Largo Municipal.

Eleito deputado, apesar das arbitrariedades e prepotências do governador civil em relação à lista setembrista, foi para Lisboa e sentou-se com José Estêvão nos bancos da esquerda-parlamentar. Ali assumirá a adopção da ideologia radical setembrista, a qual, na esteira do direito natural moderno, defendeu que a legitimidade da insurreição é incontestável, uma vez que traduz a reassunção violenta da soberania que o povo delega mas jamais aliena.

Foi assim que, nesse ano de 1840, Mendes Leite com José Estêvão preparou uma revolta contra o ministério Bonfim. Para tal contavam os dois com o apoio de diversas forças militares e da Guarda Municipal, esteio do Governo. Porém, só a última aderiu e com algum povo dirigiram-se para o Arsenal do Exército, onde as forças, leais ao Governo, os desbarataram, efectuando algumas prisões.

Na sessão parlamentar do dia 12 de Agosto desse ano, um dos deputados propôs um voto de agradecimento às tropas que tinham debelado aquela insurreição. Só um deputado votou contra: Mendes Leite. Os restantes deputados da oposição, entre os quais José Estêvão, não tiveram a coragem de dizer o que sentiam.

Nesse mesmo ano, surgiria o jornal «A Revolução de Setembro», que perdurará até 1892, sempre com alcance e prestígio notáveis. Na base da sua fundação estão Mendes Leite, José Estêvão e Joaquim da Fonseca Silva Castro e nele trabalhará António Rodrigues Sampaio que, no dizer de José Tengarrinha, se afirmou num dos maiores jornalistas da nossa história.

Restaurada a Carta Constitucional, em 10 de Fevereiro de 1842, e dissolvida a Câmara dos Deputados, prepararam-se eleições para 19 de

Junho desse ano. Os partidos uniram-se para derrotar o governo de Cabral. É a coalisão, que tem por armas de batalha as urnas e onde cada partido – Setembristas, Miguelistas, Radicalistas e Cartistas – mantém a sua identificação ideológica.

Constatando-se a inutilidade de prosseguir a luta pelas vias legais começou a conspiração. Mendes Leite tinha por missão aliciar diversas personalidades e forças militares para a revolta. Quando se encontrava no Norte, teve conhecimento da «Revolta de Torres Novas» e fugiu para Espanha, onde seria preso. Porém, com a ajuda do cônsul português, conseguiu embarcar em navio britânico e dali seguiu para Inglaterra. Mais tarde mudar-se-á para França, onde ficará durante dois anos, regressando a Lisboa após a Revolução do Minho.

No entanto, a sua fibra de revolucionário permaneceria intacta. Assim é que, durante os acontecimentos da Patuleia, manter-se-á ao lado da Junta do Porto. Para tanto organizou em Aveiro, em colaboração com o governador civil, batalhões móveis em todos os concelhos do Distrito, e acorreu aonde se manifestaram as guerrilhas miguelistas.

Tendo acompanhado as forças de Sá da Bandeira, estacionadas junto de Lisboa, foi enviado por ordem deste ao Porto a pedir reforços. Quando integrado na expedição que se dirigia em auxílio do Visconde Sá, foi interceptado pela frota inglesa à saída da Barra do Douro. Preso, seria conduzido para Lisboa e detido no Limoeiro.

Com a convenção do Gramido, assinada em 29 de Junho, terminava este conflito do qual saiu derrotada a corrente setembrista.

Como diz Vitor Sá, «dominada a agitação da Patuleia e desarmadas as forças populares, a burguesia reforçou o seu aparelho de repressão e impediu que as revoluções europeias de 1848 tivessem outras repercussões além das de ordem ideológica».

Assim é que circularam diversos jornais clandestinos de teor republicano e paralelamente começaram as actividades conspiratórias, para derrubar a Rainha e instaurar a República no país. José Estêvão, Oliveira Marreca e Rodrigues Sampaio formaram uma Junta Revolucionária no intuito de organizarem Juntas civis e militares, o que aliás não veio a acontecer.

Porém, a polícia descobriria a conjura denominada «Revolta da Hidra» e efectuariam uma vaga de prisões. Mendes Leite foi preso, sendo solto em Novembro de 1848, após o acórdão da Relação «dar provimento ao agravo e reconhecer que

as testemunhas ou tinham deposto falsamente ou eram contraditórias e singulares».

Retomará a vida política em 1851, quando eleito deputado. Por esta altura, a Carta Constitucional sofrerá a primeira revisão. É então que se conseguirá no Acto Adicional a abolição de pena de morte por crimes políticos, partindo da iniciativa de Mendes Leite. Na defesa da sua proposta alegou que era um princípio já consagrado na Constituição Francesa e que não era um favor que pedia para qualquer partido, mas uma garantia para todos eles. Votada em 29 de Março de 1852, foi aprovada por 50 votos a favor e 32 contra, passando a ser lei do Estado.

Até ao fim da sua vida, Mendes Leite irá desempenhar diversos cargos públicos, sendo novamente deputado em 1856 e em 1863 e governador civil por três vezes. Colaborou ainda nos jornais «Campeão das Províncias» e «Distrito de Aveiro».

Morreu em 1887 aquele que, em vida, foi um dos defensores intransigentes do liberalismo e do primado dos direitos dos cidadãos contra qualquer tipo de prepotência. Coerente com as suas ideias, abraçando fuzadamente os ideais republicanos, nunca se negou a pegar em armas. Despojado de qualquer sentimento egoísta, jamais aceitaria uma recompensa pelos seus actos; e, dada a sua modéstia, deixou poucos resquícios que nos permitam um conhecimento mais profundo e mais realista da sua vida e da sua personalidade.

Emanuel Cunha

BIBLIOGRAFIA

- HISTÓRIA DE PORTUGAL, dirigida Damião Peres, Edições Barcelos, vol. VII.
- HISTÓRIA DE PORTUGAL, dirigida por Hermano José Saraiva, Publicações Alfa, vol. VI.
- DICIONÁRIO DA HISTÓRIA DE PORTUGAL, dirigido por Joel Serrão, 6 vol.
- DICIONÁRIO ILUSTRADO DA HISTÓRIA DE PORTUGAL, Publicações Alfa, 2 vols.
- CASCÃO, RUI
- A revolta de Maio de 1828, na Comarca de Coimbra, in Revista de História das Ideias, n.º 7, Coimbra, 1985.

Nota – Estas palavras foram proferidas pelo autor na sessão comemorativa do centenário, promovida pela ADERAV e realizada no salão cultural do Município, em 21 de Novembro de 1987.

- CERQUEIRA, EDUARDO
- Considerações suscitadas por uma carta de António Rodrigues Sampaio, in Arquivo do Distrito de Aveiro, vol. 42.
- A abolição da pena de morte por crimes políticos e o seu paladino aveirense – O último enforcamento em Aveiro, in Aveiro e o seu Distrito, n.º 29, Novembro 1981.
- COLEN, J. BARBOSA
- Entre duas revoluções (1848-1851), Lisboa, 1902.
- MARQUES GOMES, J.A.
- Luctas Caseiras. Portugal de 1834 a 1851, tomo I, Lisboa, 1894.
- Manoel José Mendes Leite, Esboço Biographico, Porto, 1881.
- José Estêvão, Apontamentos para a sua Biographia, Porto, 1889.
- Aveiro Berço da Liberdade. O Coronel Jeronymo de Moraes Sarmento. Porto, 1900.
- Cincoenta Anos de Vida Pública, O Conselheiro Manoel Firmino D'A Maia. Aveiro, 1889.
- Manuel José Mendes Leite. Os seus amigos e admiradores. Aveiro, 1884.
- Parabéns. Manuel José Mendes Leite. No dia 18 de Maio de 1885. Aveiro.
- MARQUES, A.H. DE OLIVEIRA – História de Portugal, 2 vols., Lisboa, 1977.
- NEVES, AMARO
- A primeira loja Maçónica em Aveiro, in Aveiro e o seu Distrito n.º 32, Aveiro 2.º semestre de 1983.
- NEVES, FRANCISCO FERREIRA
- Documentos para a história política do Distrito de Aveiro (1835-1847), in Arquivo Distrito de Aveiro, vol. III.
- Documentos para a história política do Distrito de Aveiro, idem, vol. IV.
- O Visconde de Almeida João Carlos do Amaral Osório e Sousa (1822-1890) – Notas Genealógicas e biográficas, idem, vol. XXX.
- PEREIRA, MIRIAN HALPERN
- Política Portuguesa 1820-1852. Problemas acerca do Setembrismo e do Cartismo, in História, n.º 6, Abril, 1979.
- RAMOS, LUIS A. DE OLIVEIRA
- Reflexão sobre as origens do liberalismo em Portugal (alguns aspectos), Porto, 1978.
- RIBEIRO, MARIA MANUELA TAVARES
- A Restauração da Carta Constitucional e a revolta de 1844. In Revista de História das Ideias, n.º 7, Coimbra, 1985.
- SÁ, VICTOR DE
- A Crise do Liberalismo. Liv. Horizonte, Lisboa, 1974.
- VARGUES, ISABEL NOBRE
- Insurreições e Revoltas em Portugal (1801-1851).
- Subsídios para uma cronologia e bibliografia, in Revista de História das Ideias, n.º 7, Coimbra, 1985.

Dr. José Pereira Tavares

— No centenário do seu nascimento



Em 30 de Janeiro de 1987, completou-se o primeiro centenário do nascimento do Dr. José Pereira Tavares, venerando cidadão, falecido em 1983, que exornou Aveiro e, sobretudo, a Escola onde exerceu as funções de professor e de reitor. O Dr. António Capão, escrevendo no semanário aveirense «Correio do Vouga» (18-3-1977), defini-lo-ia como «português de lei, que se aquilata por um labor intenso na defesa da Língua Portuguesa ao longo de toda a sua vida, durante a qual produziu um considerável número de obras, activo impulsionador e colaborador de congressos do ensino liceal...».

O Conselho Directivo da Escola Secundária José Estêvão – o velho Liceu que entranhadamente amou – decidiu comemorar a efeméride; era um acto de justiça. Organizou uma sessão evocativa, de cujo programa se salientou a primorosa palestra do Dr. Raul Vaz e uma exposição biblio-biográfica, onde se puderam ver as condecorações e as mercês com que o honraram, admirar as muitas publicações de que foi autor ou em que colaborou, e ainda recordar, na fotografia ou no retrato, tantos e tantos episódios da sua longa vida.

O Boletim Municipal de Aveiro não quer esquecer que o Dr. José Pereira Tavares, estudioso mestre da Língua e da Literatura Portuguesa, é uma figura destacada em Aveiro, nos dois primeiros terços deste século; por isso, desejando preitear a sua memória, publica as judiciosas palavras que o Dr. Raul Vaz então proferiu.

Evocar José Pereira Tavares no centenário do seu nascimento representa para os que tiveram a iniciativa da mesma evocação e para todos os que nela se envolveram, para além de elementar justiça à memória, à obra e à figura do Mestre, uma cumplicidade e um compromisso. Cumplicidade porque os admiradores ficam ligados na própria admiração, e compromisso, porque um comportamento humano, ético, profissional e cultural dum exemplaridade definitiva, compromete e condiciona aqueles que receberam a lição e tiveram conhecimento mais ou menos íntimo dessa vivência singular.

Mas evocar a personalidade multifacetada de José Tavares, do ensino ao teatro, do pensamento, da linguística e da cultura, à convivência austera, fraternal e lúdica, tem muito que se lhe diga.

Vou apenas lembrar, embora superficialmente, com a dose de ternura com que desde sempre envolvi a figura do Mestre, alguns aspectos da obra e da lição que nos deixou como homem, como pedagogo, como humanista e como amigo.

Nasceu José Pereira Tavares de família humilde, – e orgulhava-se das origens, – na freguesia de Pinheiro da Bemposta, concelho de Oliveira de Azeméis, a 30 de Janeiro de 1887, filho de António de Oliveira Tavares e de Antónia Pereira Março. Em 1901 fez exame de instrução primária no Liceu de Aveiro, matriculando-se a seguir no mesmo Liceu, onde completou a 5.ª classe, em 1907. Frequentou a 6.ª e 7.ª classes de Ciências no Liceu Alexandre Herculano e, tendo entretanto resolvido ingressar na carreira do Magistério Liceal Humanístico, faz, em 1910,

o exame da 7.ª classe respectivo, no Liceu D. Manuel II (actual Rodrigues de Freitas), e, em 1915, acaba o Curso de Letras no então chamado Curso Superior de Letras, em que pontificavam Teófilo Braga e Adolfo Coelho e durante o qual foi aluno de José Maria Rodrigues, David Lopes e José Leite de Vasconcelos. O mesmo Curso Superior de Letras que frequentaram Cesário e Pessoa, na velha Academia de Ciências, e onde José Tavares teve como condiscípula a escritora Adelaide Félix, que era a única aluna do Curso, como o documenta a fotografia que faz parte da exposição biblio-iconográfica que a seguir vai ser inaugurada.

Em Janeiro de 1916, é nomeado professor agregado do 1.º grupo do Liceu de Viseu e a partir de Novembro do mesmo ano veio para o Liceu de Aveiro na mesma qualidade. Em Março de 1917 é nomeado professor efectivo do Liceu de Angra do Heroísmo e em Agosto do de Portalegre, não chegando a leccionar nestes dois últimos, por ter sido colocado, por permuta, professor efectivo no Liceu de Aveiro a partir de 17 de Outubro de 1917.

Exerceu o cargo de Reitor Interino entre Janeiro e Março de 1925 e passou a Reitor Efectivo do mesmo ano até Julho de 1931, data em que pediu a exoneração do cargo. Em Outubro de 1940 foi convidado para exercer o mesmo cargo de Reitor, vindo depois a ocupá-lo ininterruptamente até atingir o limite de idade, em 30 de Janeiro de 1957. O nome de José Pereira Tavares confunde-se com o próprio Liceu de Aveiro, onde ele foi Mestre durante 40 anos e trabalhador da cultura como um sacerdote atento e crítico.

Sempre ligado ao Teatro Académico, organizou e dirigiu em 1919 e 1920 o 1.º grupo cénico de alunas e alunos do Liceu de Aveiro. O primeiro espectáculo precedido de uma palestra sua sobre «Gil Vicente e a origem do Teatro», que posteriormente publicou, foi constituído pelo *Monólogo do Vaqueiro e Exportação da Guerra*, pela terceira jornada do *Fidalgo Aprendiz*, de D. Francisco Manuel de Melo, e uma comédia ligeira.

Continuou durante muitos anos a dirigir e a orientar representações idênticas, levando à cena peças de Gil Vicente, D. Francisco Manuel de Melo, Camões (*El-Rei Seleuco*), Castilho, Júlio Dinis, Correia Garção, Garrett, na celebração de cujo centenário fez representar uma comédia e cenas de *Filipa de Vilhena*, *Alfajeme de Santarém* e *Frei Luís de Sousa*. Foi notável a récita em que o professor Salgado Júnior apresentou uma fantasia intitulada «Uma Lição de Gil Vicente», pre-

cedida de palestra denominada arrazoado sobre Gil Vicente.

O gosto perseverante de José Tavares em fazer representar a farsa e o burlesco evidencia porventura a faceta mais humana, mais íntima, mais fascinante e mais oculta, da sua personalidade. A sua acção no contexto do teatro académico pode ser considerada, com verdade, precursora dessa outra gigantesca realizada na Universidade de Coimbra pelo Prof. Paulo Quintela, outro eminente homem da cultura, recentemente desaparecido. E ao comentar exaustivamente os dois volumes publicados de *Teatro de Amadores*, António Capão, um dos seus discípulos, refere: «Afim o Dr. José Tavares, se através de algumas peças se revela o culto humanista, noutras nos dá a conhecer a maleabilidade e a comunicabilidade do pedagogo, para ainda noutras nos dar, complementarmente, o homem que ama a terra e as suas gentes, os seus usos e tradições, a sua língua e a sua história; o linguísta e o etnógrafo estão aí vivos e presentes, saídos do sopro telúrico que estigmatiza os homens e os obriga a uma comunhão profunda e íntima com a região donde saíram».

Na acção pedagógica de José Tavares, que extrapolou o Liceu e a própria cidade, para se tornar de âmbito verdadeiramente nacional, e na prática de uma política de intercâmbio cultural, destacam-se e são de sua iniciativa uma série de conferências de intelectuais e de professores do próprio Liceu.

O 1.º conferente, em 1922, foi o Prof. Fidelino de Figueiredo, amigo fraterno de José Tavares, seguindo-se, em vários anos, Hernâni Cidade, Jaime de Magalhães Lima, Joaquim de Carvalho, Bento Carqueja (fundador de *O Comércio do Porto*), Luís Carriço e João Gaspar Simões, recentemente falecido, criador da crítica literária em Portugal e que magistralmente exerceu durante mais de meio século.

Gaspar Simões que, anos depois, escreveria, em carta a José Tavares, que a publicação de *Como se Devem Ler os Clássicos* tinha sido «um tiro de pólvora seca à pardalada literária», como dizia Aquilino.

Ao dinamizar os Congressos de Ensino Liceal de Aveiro, Viseu, Braga, Évora e Coimbra, ao promover celebrações dos centenários de Guerra Junqueiro, Eça de Queirós e Gomes Leal, ao conseguir a designação de *Liceu José Estêvão*, satisfazendo uma velha aspiração da cidade; ao realizar a obra de gramático e filólogo de todos conhecida, — José Tavares evidenciou-se na sua condição mais determinada de fazedor de cultura.

Do linguista escreveu em tempo Telmo Verdelho: «Foi gramático e filólogo, fez a ligação entre os dois domínios e podemos mesmo referenciá-lo como um ponto de encontro entre os vários estudiosos da Língua Portuguesa até à última década.

Nas revistas que fundou e dirigiu, sobretudo na *Labor*, encontra-se, entre a sua biografia, notícia de quase todos os nomes de filólogos e gramáticos que foram seus contemporâneos ou que o precederam. Não se pode fazer a história do estudo da língua em Portugal, nos últimos 100 anos, sem conhecer esse testemunho.

Na edição de textos clássicos (Gil Vicente, Francisco Manuel de Melo, Rodrigues Lobo, Diniz da Cruz e Silva, Filinto Elísio), dos textos escolares portugueses e latinos, e dos manuais de gramática, encontra-se o mais importante contributo do Dr. José Tavares para o estudo e, sobretudo, para o ensino da Língua Portuguesa. De certo modo todos os Portugueses que frequentámos o ensino secundário, nas últimas 4 ou 5 décadas, fomos seus alunos e a ele devemos um pouco da nossa formação linguística e literária. Justo é que o lembremos e que lhe testemunhemos a nossa gratidão. Esta será a melhor das homenagens».

De facto, foi na 1.ª e 2.ª série da revista referida por Verdelho, a *Labor*, que José Tavares realizou um trabalho insano, deu o melhor do seu indiscutível talento e criou um espaço cultural que definitivamente o consagrou como autêntico divulgador da cultura. Ao conseguir a colaboração de individualidades tão díspares como José Leite de Vasconcelos (n.º 1 da *Labor*, e, noutros números), e Agostinho de Campos, Fidelino de Figueiredo, Joaquim de Carvalho, Rómulo de Carvalho (António Gedeão), Adelaide Félix, Rodrigues Lapa, António Capão, José Joaquim Nunes, Orlando de Oliveira, Óscar Lopes, José de Melo, Orlando Ribeiro, Francisco Ferreira Neves, Salgado Júnior, Álvaro Sampaio, Agostinho da Silva, Aurélio Quintanilha, Costa Pimpão, Feliciano Ramos e tantos outros, José Tavares demonstrou o seu enorme poder congregador e a capacidade de reconhecer e respeitar o talento de colegas e intelectuais que por vezes não comunicavam dos seus critérios estéticos.

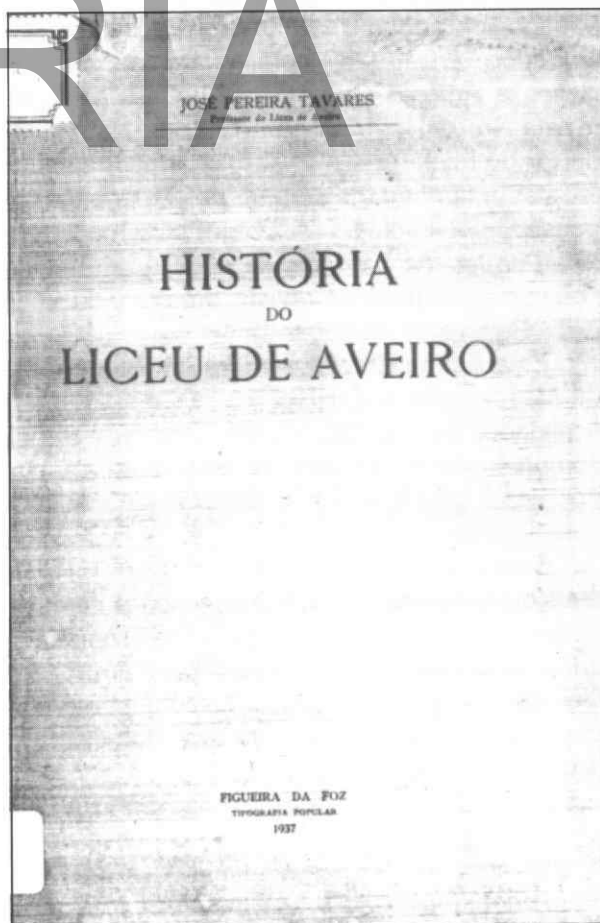
Ao fazer publicar estudos e artigos de homens das mais variadas correntes do pensamento afirmou-se um espírito criativo, lúcido e universalista.

Falcão Machado, que organizou os índices da revista relativos à primeira e segunda séries, escreveu em carta a José Tavares: «A *Labor* foi um consciente e denodado defensor da digni-

dade e dos interesses da Classe – professorado liceal – como nenhum outro em Portugal». Mais adiante refere Falcão Machado que a revista constituiu um foco de divulgação de cultura pedagógica em que os homens nervosos e vibrantes ou calmos e lúcidos colaboraram a par de alguns nomes grandes da nossa cultura.

O ex-libris *Decus in Labore*, Dignidade no Trabalho, da Lello, onde publicou vários livros, bem lhe poderia servir de divisa e não foi por acaso que a revista que fundou e dirigiu se chamou *Labor*. Todos sabemos que José Tavares tinha o seu ex-libris cartesiano: *Dubito ut intelligam*.

Da obra publicada de José Tavares destacam-se, sem dúvida, *O Método Elementar de Latim*, que em todo o País serviu gerações e gerações de alunos durante décadas e o clássico *Como se Devem Ler os Clássicos*, que encerra curiosamente com a integração dos nomes de Aquilino Ribeiro e Miguel Torga, o que na década de 40 poderia parecer um verdadeiro escândalo. É que José Pereira Tavares, que conhecia a Língua Portuguesa e as expressões estéticas dos Clássicos, para além de ser leitor de Gil Vicente,



Uma das muitas publicações do Dr. José Pereira Tavares

de Camões, de Vieira e de Bernardes, conseguia, tal como Eliot, que curiosamente nasceu um ano depois dele e foi prémio Nobel em 1948, ter o mesmo conceito irreverente e inovador de clássico, aquele para que o mesmo Eliot aponta em *What is a Classic?* Em 1940, escrevia José Tavares: «Clássicos modernos? Sim. Clássico em sentido lato, será todo o escritor que nos possa solicitar a atenção, quer pelas ideias generosas e humanas que expendeu, quer pelo vernaculismo e arte que soube imprimir aos seus escritos. E assim tão clássico poderá ser considerado um Camões, ou um Sá de Miranda, como um Castilho, um Herculano, um Ramalho, um Eça, um Antero de Quental, um Trindade de Coelho, um Machado de Assis, um Aquilino Ribeiro, um Miguel Torga, – se nos é lícito fechar o capítulo com a citação do mais laureado prosador da actualidade e com o pseudónimo usado pelo admirável prosador dos *Bichos*, certamente dos mais ilustres artistas da nova geração».

Outras publicações de José Pereira Tavares todos teremos ocasião de as rever dentro de momentos, na exposição bibliográfica. Mas não prescindo de acrescentar que, para além de fundador, em 1925, com Álvaro Sampaio, da revista pedagógica *Labor*, José Tavares foi igualmente fundador, em 1935, com Francisco Ferreira Neves e António Gomes da Rocha Madail, da revista *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Não quero deixar de referir a sua colaboração nas referidas revistas e também na *Revista de Filologia Portuguesa*, de S. Paulo (Brasil), na *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, da direcção de Albino Forjaz de Sampaio, na revista *Brasília* e na *Série A da Revista de Portugal*.

Esta é uma síntese da obra do Pedagogo e do Mestre, que nos deixou um exemplo de verticalidade, de dignidade cívica, de firmeza, de compreensão e também de ternura, ainda que por vezes disfarçada em palavras quase frias, quase duras.

Tenho imagens remotas de José Tavares, reais ou fantasmagóricas? Em situações de crise, houve sempre situações de crise, rompendo entre os alunos, em atitude corajosa e firme, para lhes dar com a sua presença testemunho de solidariedade e exemplo de moderação. Recordo José Tavares nos longos anos do seu Magistério, a conviver com os alunos, os mais díspares, de todos os quadrantes da vida e do pensamento, dos alunos que eram e continuaram a ser, dos mais bem comportados aos marginais, ou quase marginais, numa atitude ética incomparável.

Numa época em que a juventude consumia



Assinatura do Dr. José Pereira Tavares.

maioritariamente literatura medíocre, o mau policial, o Western, o romance de espionagem e de guerra, José Tavares, que tinha um sentido educacional inato, levou os jovens para um mundo intelectual cativante e culturalmente mais rico.

Foi com ele que muitos dos nós aprendemos a ler e a ler Gil Vicente, Camões, Eurípedes, Molière, Lorca, Tochev, Zola, Eça, Camilo, Unamuno, Faulkner, Régio, Pascoaes, etc. Foi com José Tavares que muitos de nós aprendemos a pensar. Porque José Tavares lia, José Tavares pensava. Apesar de pensar ter sido sempre, como disse mais tarde Michel Foucault, um acto perigoso.

José Tavares esteve na vida, sob o aspecto ético, estético, e mesmo formal, sob todos os aspectos, para além do poder, ou mesmo anti-poder, aquando do 1.º Congresso Republicano de Aveiro.

O poder macula. E o poder é, como refere Deleuze, «o elemento informal que passa entre as formas do saber ou por debaixo delas».

José Tavares sabia, José Tavares era imaculado. Nada do que era humano lhe era alheio. Na sua vertical e límpida simplicidade, era um desmistificador da prosápia e da retórica, cada conversa uma lição inesquecível. Era um conversador inigualável, e gostava muito de conversar. Lembro, a propósito, ele citar essa personagem «subversiva» que é o mendigo de Joracy Camargo, o qual, quando lhe referiram a desgraça irremediável e trágica dos cegos, respondeu: – *Lembre-se dos mudos...*

Recordo José Tavares a descer a Avenida, a caminho da Livraria Vieira da Cunha, na agonia de Mário Sacramento, um dos seus discípulos mais queridos e mais notáveis, que morreria no dia seguinte, a parafrasear, amargurado, Manuel Laranjeira em carta a Unamuno (cito de cor): «neste malfadado País tudo o que é nobre suicida-se ou morre; o que é medíocre triunfa». Isto, apesar de uma das suas facetas humanísticas mais importantes ter sido o seu olhar optimista

sobre o mundo, os indivíduos e as coisas e a sua clara contribuição para que os outros tivessem análoga percepção existencial.

Recordo José Tavares na última década de vida, direito como um fuso, ainda na Livraria Vieira da Cunha, a escrever em papel de embrulho, tal como fazia Teófilo, seu Mestre, a própria resenha biográfica que deixaria manuscrita a um discípulo dilecto.

Lembro José Tavares aos 88 anos, plantado no meio da Avenida, direito, duro, exactamente moldado no lema de Bogart: «Se não fosse duro não estava vivo, se não fosse terno não merecia estar vivo», quando um antigo aluno lhe disse que ia visitar o João Balão, Balão de alcunha, a recomendar: – *Dá-lhe um abraço*. E disse o nome completo do rapaz da Beira-Mar que tinha sido aluno do Liceu havia trinta anos.

Recordo José Pereira Tavares numa tarde de Verão, em Caldelas, onde o Mestre durante anos passou férias e fez tratamento termal, a conversar com o Prof. Teixeira Ribeiro, quando se aproximou Miguel Torga, aquista habitual. Torga cumprimentou o Mestre com deferência, perguntou-lhe pela saúde, pelo resultado do tratamento, ao que José Tavares respondeu, irónico: – «Olhe, quanto a isso estou como o homem do seu *Diário*; – Quando comecei a vir para cá as moscas picavam-me nas pernas; hoje só não me picam na careca porque tenho algum cabelo e uso chapéu...»

Estou a ver José Tavares, quase com noventa anos, a safar-se lesto do tráfego da Avenida, ele que tinha conhecido toda a largueza de Aveiro sem um carro, a citar frequentemente Teixeira de Pascoaes de quem tanto gostava; o verso do poeta quando lhe rasgaram o Marão: «lá em baixo na estrada passam belos automóveis sem ninguém». Recordo a atitude carinhosa de José Tavares quando, numa manhã chuvosa e fria de um Inverno de há quase meio século, ao ver chegar um aluno humilde ao velho Liceu de José Estêvão de sapatos rotos e pés encharcados, meteu na mão desse mesmo aluno um jornal amontoado na Reitoria, para forrar os sapatos, aquecendo-lhe os pés e a alma. Disse há anos publicamente esse antigo condiscípulo, hoje um fino psicólogo e cidadão comum, que o gesto de ternura de José Tavares, disfarçado de aparente frieza, teria eventualmente contribuído para o livrar da marginalidade.

Recordo José Tavares em convívio simultaneamente austero e fraterno com os alunos, porque José Tavares tinha, para além do gosto de comunicar, o sentido lúdico da vida. Recordo

José Tavares na cena contada pelo advogado Alfredo Sousa e Melo, seu contemporâneo.

Sousa e Melo encontrava-se na Reitoria em conversa com o Mestre, quando bateram à porta, pediram licença. José Tavares mandou entrar. Era o Dr. Assis Maia, esse homem bom, professor incomparável. Assis Maia tinha sido aluno de José Tavares, era secretário do Liceu, tratava o Reitor com a máxima deferência.

José Tavares tinha mandado entrar e recitou, na presença de Sousa e Melo, o poema de Manuel Bandeira, que cito de memória:

*Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor.
Imagine Irene entrando no Céu.
Licença meu branco?
E São Pedro bonacheirão:
Entre Irene,
Você não precisa nunca
De pedir licença.*

Recordo José Tavares a repreender severamente a equipa comandada pelo bravo capitão da areia de há 40 anos que era o Aguinaldo, na presença do velho contínuo Estimado, queixoso duma tremenda bolada. José Tavares, austero, pisca o olho ao capitão, diz a Estimado: – *Quando vir os rapazes no campo, fuja, vá para casa...*

TEATRO AVEIRENSE

Récita de despedida dos alunos do 7.º ano do Liceu Nacional de Aveiro

patrocinada pela Reitoria e pelo Conselho da Sociedade Portuguesa

Representação da revista em 3 actos e 7 quadros, proposta-dor, e escrita pelo Prof. José Tavares, com 11 números de música do professor de Canto Coral José de Paula Queirós,

Última Visita de Pangloss

no dia 14 de Abril de 1956

às 21 h. 30 m.

ESPECTÁCULO PARA MAIORES DE 6 ANOS

Frontispício do programa da récita de despedida das alunas do 7.º ano do Liceu de Aveiro, em 1956.

Ao outro dia Aguinaldo forma o team, entra no campo. José Tavares precisa do velho contínuo, manda-o chamar. Estimado tinha fugido, tinha ido para casa.

Recordo José Tavares, culto, lúcido, tolerante, terno, duma ternura que ficou para além dos 96 anos da sua vida singular.

– *Vai-te lá embora, tem juízo...*

– Grande Reitor, – dizia a rapaziada, livre e alodial, aliviada a consciência numa promessa íntima de emenda raramente cumprida.

Mas um dia a maroteira deu brado, o chefe da polícia aparece no Liceu, pede para interrogar os suspeitos. O Reitor opõe-se, terminante.

Quem vai interrogar os rapazes é ele, é mais fácil a confissão; no caso de estarem culpados, é a expulsão.

O polícia espera. O Reitor sabia quem tinha, sabia que estavam culpados, manda chamar os rapazes e, na intimidade do gabinete, começa por referir a gravidade da acusação, a sua incredibilidade no cometimento da façanha.

– *Mas vocês vão ser interrogados* (não no Liceu estava claro, mas poderiam vir a ser interrogados, poderia ele ficar por eles, poderia garantir?...)

– *Pode garantir.*

José Tavares garantiu, o polícia abalou, o caso morreu.

Mas, ao deixarem o gabinete do Reitor como

se tivessem nascido naquela hora, um dos rapazes, hoje uma alta individualidade que escreveu uma carta tão terna e tão íntima que seria uma profanação lê-la publicamente e que só não está aqui porque se encontra no estrangeiro, disse num acto de contrição dessa vez e para sempre cumprido: – *Somos uns sacanas...*

Recordo o chefe de família exemplar, o homem vertical, o pedagogo, o Mestre de cultura universal.

Todos lhe somos devedores, quero-o dizer nesta hora de singela evocação do seu centenário. Todos nos sentimos infinitamente saudosos, da Saudade, como a definiu Leonardo Coimbra «dirigida para diante e para cima, para o futuro e não para o passado».

José Tavares deixou uma grande obra. E aqui cabe citar o poema: «As grandes obras, nem por serem perfeitas e acabadas como a morte, deixam de ser uma fonte eterna de vida».

E a sua vida, que foi um acto constante de pedagogia cívica e natural, ficará para sempre irremediavelmente ligada ao Liceu de Aveiro. A semente que aí plantou frutificou, porque José Tavares não morreu, José Tavares está vivo, definitivamente vivo, nos nossos pensamentos e nos nossos corações.

Tenho dito.

Raul Vaz

EVOCANDO AINDA MENDES LEITE

«AINDA ESTOU A VER A ANIMAÇÃO DAQUELA HORA DEBAIXO DOS ARCOS. À PORTA DO SR. BARBOSA QUE MORREU, NO LUGAR DO COSTUME, NA PONTA DO BANCO, MENDES LEITE RECORDAVA, CANTAVA. JÁ PENDIA PARA O CHÃO, COMO UM LÍRIO QUE NÃO TEM SEIVA; MAS, AINDA ASSIM, NÃO SEI QUE ESPÍRITO INEXHAURÍVEL DE MOCIDADE IRRADIAVA DAQUELE VELHO, DE POLAINAS NAS BOTAS, DE FATOS CLAROS, DE IDEIAS PRONTAS, CERCADO DE OUVINTES».

JOÃO EVANGELISTA DE LIMA VIDAL (1874-1958)

– Em *Lições da Natureza e dos Homens*, pg. 200.

Prémio literário José Estêvão

À semelhança dos dois últimos anos, o Conselho Directivo da Escola Secundária José Estêvão, de Aveiro, promoveu em 1987 o 3.º Prémio Literário José Estêvão, com a finalidade de homenagear o patrono da Escola. Mais uma vez apoiaram a iniciativa não apenas o Governo Civil mas também a Câmara Municipal de Aveiro.

Concorreram ao referido Prémio alunos das Escolas Secundárias de Aveiro e ainda estudantes do ensino médio e superior, residentes em Aveiro e que frequentavam qualquer estabelecimento daqueles graus de ensino, no País.

Foi proposto o tema «Aveiro e a Tradição»; todavia, poderiam ser apresentados trabalhos subordinados a outros assuntos, mas sempre relacionados com a cidade de Aveiro.

Publicamos um dos textos classificados – uma poesia com o título «AVEIRO – Terras, Gentes e Tradições» – que o autor, no concurso, subcreveu com o pseudónimo Labor vincit aerumnas.

AVEIRO — TERRAS, GENTES E TRADIÇÕES

I — TERRAS

Aveiro

Era uma vez uma terra
Chamada AVEIRO, a formosa;
Bela princesa que encerra
Sua origem misteriosa
Em berço de Talavarium
(Zona d'água pantanosa)
Também chamado Alavarium
(Sítio de terra argilosa).

AVEIRO não é só cidade,
É toda uma região
E cada localidade
Guarda a sua tradição:

Ovar

Em OVAR, o Carnaval
Tem samba, música e tudo;
Desfile tradicional
Em qu'ó rei e o cabeçudo
Animam sempre o Entrudo.

Aradas

Em ARADAS são famosos
Azulejos e olaria,
Tratando em tons vistosos
As gentes da terra e ria
Nas fainas do dia-a-dia.

Verdemilho

Nasceu da Vila do Milho
A beleza das melodias
Da zona de VERDEMILHO,
Cantadas em romarias,
Festas e outras folias.

Vista Alegre

VISTA ALEGRE é conhecida
P'la porcelana pintada
Com tanta expressão e vida
Que parece decorada
Pela mão d'alguuma fada.

São pois histórias e lendas
De gentes, terras e mar,
Suas tradições e sendas
Qu'eu me proponho contar.

II — GENTES / FIGURAS TRADICIONAIS

Moliceiro

A barcada do moliço
Vem da faina da folhada,
Cheia, de ventre roliço,
Vela cambada arqueada
Sob carga, mormo e viço
Rumo às docas da malhada.

Desde a bica até à chança
Arrais percorrem a draga,
Embalando nesta dança
A ostaga, amura e fraga
Qu'ora s'ergue, ora balança,
Ora lembra que naufraga
Quando p'la bolina avança
Em seu berço de criança.

Pescador

Diz-me lá para onde vais,
Barco que zarpas do cais.
Vou abraçar um arrais
Que partiu, não voltou mais.

É a espuma dum veleiro
Qu'arde num olhar cansado
Dum idoso marinheiro
Ao recordar o passado:

Ouve os sussurros do vento
Contarem velhas histórias
Das lutas c'o mar violento,
Bravas lendas e memórias
Em que heróis cheios d'alento
Arrancam às ondas glórias,
P'r'as erguerem em monumento
À Terra, Gentes e Tempo...

É um velho pescador
Da Vagueira, Espinho ou Mira,
Homem forte e de valor
Que faz da pesca uma lira
Com que tange o seu amor
E adormece a sua dor...

Salineiro

O mastaréu já se avista
Sobre os cumes dos laboiros,
Vem baloiçando a crista
Cheia de c'roas de loiros
Que não são glórias, não:
São só verde e coração...

Mas o barco chega a Aveiro,
Com encinhadas, moliço,
Já o mestre salineiro
Entra em grande reboiço,
Pois quer ser sempre o primeiro
A ver chegar o seu viço.

Trabalha de sol a sol
Com ancinho, rapão e pente
E ninguém como ele bole
Montanhas tão de repente,
Feitas d'alma, de sal mole
E gotas de suor quente...

Emigrante

Lá longe, morrem os sonhos,
Cá dentro vive a saudade,
Pois eu sei qu'estes meus olhos
Não mais verão a cidade...

Debruçado sobre a amurada,
Recorta-se um emigrante,
Face à charrua lavrada
E brilho no olhar errante,
Despedindo na alvorada
Último adeus ao levante:
É toda Aveiro que brada
Por uma terra distante.

Diz-se qu'a sua alma erra
Pelas veias do canal
E faz chorar sobre a terra
Laboros feitos de sal,
Mas é só lenda dum cais
A que não voltou jamais...

Oleiro

Tu que nasceste do pó,
Arzil, argila e caulino
Com tuas mãos d'homem só
Convertes a terra em hino.

O oleiro passa hora dura
À luz rubra da caldeira,
Dando vida a uma figura
Que depois vende na feira,
S'acaso surgir procura,
E s'houver alguém que a queira...
Tem brilho d'olhar no estrado
E mãos unidas ao torno,
Girando um sonho vidrado,
Primeiro em coração morno,
Depois no inferno do forno.

Como esta figura é bela!
 Mas qu'imagem é aquela?
 É o Príncipe Perfeito
 Ao leme da caravela!
 Vai passar o cabo estreito
 Rumo às terras da canela,
 Mas a Benim foi primeiro
 João Afonso d'Aveiro!
 Desde a banda à sentinela,
 Do polícia ao pescador,
 Toda a história é uma aquarela
 Feita d'arzil, luz e cor,
 Suor, trabalho e amor...
 Preservemos tal cultura
 Tecida nas mãos do oleiro,
 Para a geração futura
 S'orgulhar de ser d'Aveiro.

Velhinha

Desce a calçada a velhinha
 Senhora Dona Maria,
 Rumo à doca tão vizinha
 Quando já seu corpo esfria,
 Cinza breve se adivinha...
 Mas que faz ali sozinha?
 Que procura ela ainda?
 Chora o luto da andorinha,
 Espera a vinda d'alguém
 Que se partiu tão asinha
 P'ra a deixar sem mais ninguém.

João Afonso de Aveiro

João Afonso sulca o mar,
 Rumo a terras de Benim,
 Na esperança de encontrar
 Reinos d'ouro e de marfim.
 Percorre com seu olhar
 O oceano carmesim,
 Sente o vento a enfunar
 Alvas velas de cetim...

As cartas de marear
 Não diziam qu'era assim
 Tão difícil de rasgar
 O leito do mar sem fim:

Tormentas d'arrepiar,
 E foi para isto qu'eu vim?
 Dizei-me, ó ventos do mar,
 Que será feito de mim,
 Se conseguirei chegar
 Antes que haja um motim.

Mas, apesar de bradar,
 Sabe que a bruma ruim
 Esconde nalgum lugar
 Os tesouros de Benim.

José Estêvão Coelho de Magalhães

Na rua do Mercador
 Nasce o insigne liberal,
 Deputado e professor,
 Advogado radical
 E também um orador
 Como não houve outro igual.

Sempre com empenho e ardor,
 Sua eloquência verbal
 Levou mais longe o esplendor
 D'Aveiro e de Portugal.

Fundou «O Tempo», um jornal
 Democrata e defensor
 Do seu mais nobre ideal
 D'acabar com toda a dor,
 Promover o bem social,
 Paz, Fraternidade e Amor:
 Por obra tão liberal,
 Merece bem o louvor
 Desta sua terra natal!

II — GENTES / VULTOS HISTÓRICOS

Santa Joana Princesa

Santa Joana Princesa,
 Deixa o pai, príncipe herdeiro,
 Abandona a realeza,
 Decide entrar no mosteiro.
 Fez-se grande na pobreza,
 E pôs o Amor em primeiro,
 Ficou a ser a Princesa
 Mais querida desta Aveiro.
 As novas da sua grandeza
 Correram país inteiro:
 Num dia fez a defesa
 Dum velhote carpinteiro,
 Que morria de fraqueza,
 Noutra resgata um veleiro,
 Acudindo à pobreza
 Dalgum triste marinheiro;
 Era santa, com certeza,
 Dizem as gentes d'Aveiro.

Francisco Manuel Homem Cristo

Jornalista, professor,
Deputado republicano
Nomeado por Timor,
Homem Cristo foi ufano
No cargo de protector
Contra todo e qualquer dano
Feito a Aveiro, seu amor.

Foi grande impulsionador
Das obras da barra e porto,
Democrata e pensador
D'ar sisudo e tão absorto
Na defesa e no louvor
Do Progresso e seu honor.

III — TRADIÇÕES

Telhas com animais moldados

Lá no alto, junto às estrelas,
O povo ergue uns animais
Colocados sobre as telhas
Mais velhinhas dos beirais:
São leões, gatos, ovelhas,
Amuletos divinais
Que de cima do telhado
Protegem sempre os mortais
Contra todo o mau olhado:

«As telhas do teu telhado,
As pedrinhas do teu muro,
São as que te podem dizer
As vezes que te eu procuro». (1)

«As telhas do teu telhado,
Todas elas têm virtude:
Passei por elas doente,
Logo me deram saúde». (2)

A entrega dos ramos

Mordomos vêm entregar
Aos mais novos seu estandarte
P'ra indicar quem vai ficar
C'o encargo desta arte
De saber organizar,
(Sem nada deixar de parte),
As maiores festas do mar.

É esta a entrega dos ramos,
Simbólica alegoria
Celebrada todos os anos
Com pompa e grande alegria
Pelos mordomos ufanos
Que fazem a romaria
Mais bela de toda a ria.

Festa das cavacas

Já no largo da capela,
Atiram doces das sacas,
Toda a gente s'atropela
Para apanhar as cavacas.

É a paga das promessas
Feitas a São Gonçálinho
Que dá cor a estas festas
E cavacas ao povinho...

Aí vem! Aí vem ela!
E logo s'erguem as sacas,
Reacende-se a querela
Na disputa das cavacas!

Seja com camaroeiros
E redes ou guarda-chuvas,
Querem ser sempre os primeiros
A apanhar estas doçuras.

Das que chovem da capela,
Das vendidas nas barracas,
Qual delas é a mais bela
De todas estas cavacas?
Não há dúvida, é aquela
Qu'è a mais doce e amarela!

Feira dos vinte e oito

A vinte e oito, cada mês
Surge sempre a maior feira
Qu'algum dia aqui se fez,
Percorrendo Aveiro e Esgueira.

Os altifalantes soam,
Há barulho e confusão,
Vendedores apregoam
Bons preços d'ocasião,
Palavras e brados voam
No meio da multidão:
É preciso ser afoito
Para a feira dos vinte e oito!

Tradições gastronómicas

Desde o pão de ló d'Ovar
Até às raivas da Feira,
Ninguém resiste a provar
Do melhor d'arte doceira.
Os pastéis e o folar,
Feitos de tanta maneira
Satisfazem paladar
Da gente qu'os saboreia,
Bem sabendo apreciar
Tesouros da cozinheira
Qu'assim transforma em manjar
Tanto trabalho e canseira.

Mas entre tantas doçuras,
Tão difíceis d'escolher,
Os ovos moles e as farturas
Terão sempre de vencer.

Pr'ó turista excursionista,
Não há melhor petiscada
Das muitas qu'oferece a lista,
Qu'a famosa caldeirada,
Belo prazer para a vista,
Bem espessa e temperada
Pela mão d'algun artista
Exp'riente e afortunada.
Ou toda a gente petisca
A dourada carne assada
Já que não há quem resista
A um bom leitão à Bairrada.

Feira de Março

Em Março, vem com o vento
A feira feita de sonho,
E perdoa-se ao mau tempo,
Sauda-se o sol risonho.

Assim a feira de Março,
Tão antiga e sempre nova,
Acolhe no seu abraço
O tempo que se renova.

Há luz, cor e movimento,
Cultura com tradição,
Festa e divertimento
Qu'alegram o coração!

Esquece-se o dia-a-dia
No girar do carroussel,
Máquina de fantasia
Que faz do amargo, mel,
Das tristezas, alegria,
E da vida, romaria.

IV — A FINALIZAR...

Agora, finda a abordagem
D'AVEIRO E A TRADIÇÃO,
Façamos numa paragem
Uma breve reflexão:
Pois que foi esta amostragem
Senão rápida visão,
Feita muito de passagem,
Sem qualquer outra intenção
Que não fosse a da viagem
P'lo MUNDO DA TRADIÇÃO?

Vimos um pouco de tudo:
Desde a arte do moliceiro
Até ao ventre bojudo
D'algun cântaro de oleiro.
E não parámos, contudo,
Falámos do salineiro
E do pescador barbudo
Qu'ao mar é sempre o primeiro.
Seguiu-se orador sisudo,
A princesa e o conselheiro,
Desfilaram neste Mundo
Qu'é a Cidade d'Aveiro.

Agora, a janela aberta
Sobre AVEIRO E A TRADIÇÃO
Vai-se fechando, incerta
Desses tempos que virão.
Se não lançarmos o alerta
Contra a desapareição,
Já próxima e quase certa,
Que será da Tradição?
Façamos da nossa meta
A sua conservação!

Joaquim João Braamcamp de Mancelos

(1) e (2) – Quadras tradicionais às telhas com animais moldados.
– Tradição popular de Aveiro e do Funchal.

EM LOUVOR DE...

Quem canta o seu mal espanta, já lá diz a sabedoria do rifonário. E a escrever se canta, e a contar se encanta – nos encantam –, como o fazem estes aedos e cronistas da cidade anfíbia de Gravito. Louvor, por isso, aos seus cantos e narrações plenos de força e juventude, tão sem medida é o nosso encanto, este júbilo de sabermos o amor de estar à escrita.

Encantam-nos, estes jovens. Sobretudo porque pegar num tema que mais tenderia ao pernóstico e ao sisudo, ou às esquirolas do bem comportadinho, talhar essa pedra em bruto, afeiçoá-la e moldá-la do modo terso e arejado como o fazem, surpreende-nos e leva-nos a pensar já em estatuários da palavra a haver. Vaticínio arriscado? Seguramente, pensamos que não.

Encantam-nos também porque, afinal, não existem temas graves e de punhos engomados; e esta é uma lição que nós, professores, podemos colher naqueles a quem por vezes tentamos imculcar o jogo do sério. Eles no-la servem na bandeja intacta da sua pureza ou da sua irreverência. A feira cabisbaixa de que nos fala o O'Neill não abriu as suas tendas, para consolo e ventura dos leitores que somos.

A terminar, apetece ainda outro louvor. Hoje, que a Escola é apedrejada como adúltera pelos desconcertos do nosso tempo, sabe bem que uma escola – neste caso, a Secundária de José Estêvão – reincida no vazo de revelar escritores para um amanhã que é já quase hoje. O seu patrono, se fosse vivo, não deixaria certamente de concitar, à boa maneira romana das representações teatrais, um *plaudite, cives!*

Aveiro, Dezembro de 1987.

Idalécio Cação

VISITA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

No dia 20 de Setembro, o Senhor Presidente da República Portuguesa, Dr. Mário Alberto Nobre Lopes Soares, visitou a cidade de Aveiro. Após o longínquo ano de 1959, foi esta a primeira «visita oficial» de um Presidente da República, a convite da Câmara Municipal.

Não vamos descrever pormenorizadamente o acontecimento, que se desenrolou conforme o programa previamente delineado; todavia, destacamos a sessão solene nos Paços do Concelho, registando os breves discursos aí proferidos.

A chegada do Senhor Dr. Mários Soares verificou-se perto das 10.30 horas, na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, junto do monumento aos Mortos da Grande Guerra, onde o Batalhão de Infantaria de Aveiro lhe prestou a guarda de honra. Depois, dirigiu-se, a pé, para o edifício da Câmara Municipal.

Tomando a presidência da referida sessão, foi ladeado por alguns membros do Governo, pelo representante do Governador Civil e pelos Presidentes da Assembleia e da Edilidade Municipais; participou também o Bispo de Aveiro. A assistência, onde se destacavam as mais altas individualidades da Cidade, enchia completamente o salão.

Após o canto do Hino Nacional pelo Coral Vera-Cruz, foram apresentados os votos de boas-vindas pelo Presidente da Assembleia Municipal, Francisco da Encarnação Dias, que disse:

A visita do Chefe de Estado à nossa cidade, quer pela distinção de que se reveste, quer pela honra que nos dá, é dia que a história de Aveiro vai registar, como momento alto da sua existência. Aqui lhe apresento,



O Presidente da República
na sua chegada a Aveiro.

Senhor Presidente, os mais sinceros votos de boas-vindas, com a franqueza e lealdade que são apanágio da nossa gente. Fique V.^o Ex.^o com a certeza de que não nos poupámos, para que de algum modo possamos corresponder ao privilégio da visita, e esta se revista da dignidade que a envolve.

Aveiro e os aveirenses não terão para V.^o Ex.^o quaisquer surpresas ou dúvidas. Terra de trabalho, de poder criativo, gente de temperamento calmo, por vezes frio mas sentimental, assim se moldou, carácter e corpo, no arado do amanhã da terra ou na constância dos trabalhos fabris, na dureza da faina das marinhas de sal ou na aventura dos mares dos bacalhaus.

E porque estamos em vésperas de comemorar a epopeia dos Descobrimentos, e porque a água nos cerca, permita-me V.^o Ex.^o recordar aqui esses destemidos homens desta região, os homens do mar. Que os tivémos também nas Descobertas, com o João Afonso de Aveiro, piloto de D. João II. Mas é na sequência dos Descobrimentos que as gentes de Aveiro escreveram as gloriosas epopeias da pesca do bacalhau, onde vamos há quase quinhentos anos. Imaginemos hoje o que seria ontem. Terra Nova, Lavrador, golfo de S. Lourenço, quantas páginas de bravura, quantas miragens e sonhos desfeitos escreveram os portugueses nessas paragens longínquas, arrostando todos os tempos, enfrentando todas as dificuldades, as naturais e as da época, mas lutando sempre, sempre, na vivência difícil do amor sofrido, no cenário imenso dos céus, o mar, e a fé em Deus. E lá voltavam, ano após ano, na cadência que a própria aventura estimula e incita, que a história guardou, e hoje, em dia tão significativo, aqui lembramos, com a dureza dos factos ou a rigidez dos números. Aveiro e os Descobrimentos a que ficámos para sempre ligados.

E a honrosa visita de V.^o Ex.^o à cidade de Aveiro é também para nós, aveirenses, uma homenagem à cidade de trabalho, nos campos, nas fábricas e no mar.

Mas recordei D. João II; e falar de Aveiro sem referir sua irmã Princesa Joana, a nossa Santa Joana, Padroeira da cidade, seria omissão grave. Ele foi o Príncipe Perfeito, ela a perfeição de Princesa. Devotada à sua fé, deixou tudo, as rendas e honrarias da corte, pelo hábito do convento. Ela que na ausência de seu pai D. Afonso V e de seu irmão em campanha africana, foi regente deste Reino, aguardando os seus regressos em dia de vitória para lhe anunciar a sua firme decisão e rogar «como coisa dada e oferecida já a Deus para me recolher em algum dos mosteiros do vosso Reino». Aqui morreu no Mosteiro de Jesus, com 38 anos apenas, a 12 de Maio de 1490. Havia chegado a Aveiro dezoito anos antes, a 30 de Julho de 1472.

Senhor Presidente da República:

Mesmo sucintamente, referi-lhe algumas características da nossa cidade e da sua gente. Mas, também muito em síntese, tudo estaria incompleto sem referir o nosso muito querido José Estêvão, príncipe dos parlamentares, o nosso apego à liberdade, as nossas raízes democráticas e republicanas. Tudo isto, matéria de sobejo conhecimento de V.^o Ex.^o.

E no nosso apego à liberdade que refiro, e porque entendo momento oportuno, também não posso olvidar o ano de 1975, em 13 de Julho, quando o povo desceu à rua, com o seu Bispo à frente, jogando tudo, na primeira mobilização dos católicos portugueses. «Acordem!, acordem!» – foi então a chamada de ordem de D. Manuel. E assim soubemos dizer não às tentativas totalitárias, porque um povo que ama a liberdade, se a quer merecer, tem que saber lutar e defendê-la, para ser digno dela. E Aveiro teve essa dignidade.

Seguidamente, falou o Presidente da Câmara Municipal, Dr. José Girão Pereira, cujas palavras também aqui se reproduzem na íntegra:

Depois das palavras do Sr. Presidente da Assembleia Municipal, a minha intervenção, em nome da Câmara de Aveiro, será naturalmente sucinta. Acedeu Vossa Excelência a participar numa pequena reunião de trabalho, onde terei oportunidade de expor os principais anseios e realizações que, neste momento, estão no centro das preocupações da Administração Municipal e dos aveirenses. Não abordarei, pois, aqui e nesta sessão, este tipo de problemas.

Não devo, porém, silenciar, em nome da Câmara e da população do concelho, quanto nos honra, nos dignifica e nos estimula a visita de Vossa Excelência.

E creio ser oportuno referir que estamos perante a primeira «Visita Oficial» do Presidente da República ao concelho de Aveiro, após o já longínquo ano de 1959. Quase trinta anos, pois, vão decorridos. Ao longo deles, profundas alterações se operaram na vida política e na sociedade portuguesas. Muitas delas foram intensamente vividas por Vossa Excelência.

É nesta nova realidade de esperança que em nome dos aveirenses, independentemente da sua matriz ideológica ou da sua vinculação partidária, o saúdo.

Saudamo-lo também em nome dessa inegável realidade que é hoje o Poder Local.

Poder Local, que, pesem embora por vezes os seus erros, hesitações, dificuldades e conflitos, tem sido, contudo, um agente enorme do progresso do País, da melhoria das condições de vida dos portugueses, e uma escola viva da aprendizagem democrática.

Visita Vossa Excelência uma Autarquia, onde os seus órgãos têm conseguido colocar o interesse da comunidade acima das querelas político-partidárias e das fugazes divergências pessoais. Afirmo-o com orgulho e na certeza de que assim continuaremos, porque é afinal a maneira de ser e estar dos aveirenses.

Visita também uma das zonas mais progressivas e dinâmicas do País, mercê da criatividade e do trabalho das suas gentes e que, consequentemente, mais contribui para o erário público e para o progresso nacional.



O Presidente da República, no uso da palavra, na sessão solene nos Paços do Concelho.

Orgulhamo-nos de o afirmar.

Temos o direito de o proclamar para que, para além dos princípios básicos de justiça social distributiva, se olhe também para as necessidades de quem produz. E quantas carências ainda, Senhor Presidente, há a satisfazer nesta zona...

A presença de Vossa Excelência e dos Membros do Governo hoje entre nós é, porém, mais um estímulo para não desfalecermos na tarefa de continuar o progresso para a dignificação do homem.

Honrados pela visita do Presidente da República, os aveirenses saúdam Vossa Excelência.

A terminar a breve mas significativa sessão, o Presidente da República disse:

É com prazer que visito mais uma vez Aveiro, desta vez com carácter oficial, pois é um concelho bastante dinâmico e importante para a economia nacional e com tantas tradições que, mesmo na altura em que a liberdade era uma coisa que não existia no nosso País, Aveiro nunca deixou que a sua chama se apagasse.

Aveiro é uma das capitais de distrito que mais contribui para o desenvolvimento da nossa Terra e uma das que mais próximo se encontram dos padrões europeus, que nós desejamos atingir.

Sentimos hoje alguns problemas deste concelho e estamos certos de que serão atacados como deve ser, no característico ambiente de liberdade e tolerância que Aveiro sempre manifestou.

Esta é a Terra da liberdade e tolerância, a que estou ligado através de múltiplas recordações. Não deixaria de evocar, entre outros factos e figuras aveirenses, o tribuno José Estêvão, homem da liberdade e do exemplo parlamentarista do século XIX, grande figura da cultura portuguesa.

Aveiro é o espelho da nossa aposta de desenvolvimento no âmbito da CEE.

Após a recepção oficial nos Paços do Concelho, teve lugar, na sala da Despacho da Misericórdia, uma sessão pública de trabalho, na presença dos Secretários de Estado das Vias de Comunicação, do Ambiente, do Emprego e Formação Profissional, e da Agricultura, e dos Vereadores da Câmara Municipal. O Presidente da Edilidade Aveirense traçou um rápido panorama dos principais problemas com que o concelho se debate, como o acesso rodoviário à cidade e ao porto marítimo, a poluição da ria, o sal, a reconversão das salinas, o saneamento, o abastecimento de água e a regionalização. Pelos governantes foi prometida a melhor atenção para os diversos assuntos.

Pelas 11.30 horas, no salão cultural, realizou-se uma sessão solene com a Confederação dos Caçadores Portugueses, que tem a sua sede em Aveiro. Depois, no Parque Municipal, foi inaugurado o Museu de Caça e Pesca.

O Senhor Presidente da República visitou, seguidamente, a Agrovouga/87.

A visita terminou com o almoço, numa das salas do Museu Nacional.

O Dr. Mário Soares, ao entrar no Museu, visitou, a convite do Bispo de Aveiro, o túmulo de Santa Joana Princesa; por sugestão do Senhor Presidente da República, houve um encontro a sós com aquele Prelado, durante cerca de vinte minutos, em que foram tratados problemas relacionados com os cinco séculos da presença lusíada nos Países de expressão portuguesa, aos quais os missionários levaram a fé cristã.

CONCURSO DE VARANDAS FLORIDAS

Promovido pela Câmara Municipal, realizou-se em Aveiro um concurso de varandas floridas, cujos prémios foram distribuídos na reunião do Executivo, efectuada em 20 de Julho. «Uma cidade também se humaniza com isto, com as suas janelas e varandas floridas» – disse o Presidente do Município, que acrescentou desejar que tal iniciativa deve ser considerada como um estímulo para embelezar Aveiro.

A vencedora do concurso foi Maria da Luz da Silva da Cruz Tavares, moradora no edifício dos correios em Aradas (prémio de 30.000\$00); em segundo lugar classificou-se Fernando Duarte Tavares de Almeida, da Rua do Senhor dos Aflitos (prémio de 20.000\$00; em terceiro lugar, ficou Natália de Jesus, da Rua da Aviação Naval (prémio de 15.000\$00); em quarto lugar, Alba Gomes Neves, da Rua Direita, em Aradas (prémio de 10.000\$00); e em quinto lugar, Cidália Martins Pereira, também da Rua da Aviação Naval (prémio de 5.000\$00).

Foi ainda decidido atribuir um prémio especial (12.500\$00) a Esmeraldina da Conceição, pela «dedicação e carinho com que trata a parede de uma barraca coberta com sardinheiras» – segundo as palavras do Vereador António Alves.

Houve também menções honrosas, que contemplaram: – Maria Augusta do Bem Duarte, Albano Migués Vinagre Picado, Dora Maria de Oliveira Madaíl dos Santos, Jorge Manuel de Pinho e Melo, Albina da Conceição de Vasconcelos Ferreira Limas, Maria Luísa Resende Gonçalves Andias, Dora Seica Neves, Manuel Dorindo Rocha, Emília Moreira da Silva, Antony Laurel, António Paulo Campos, Adália Raquel Moreira da Cunha M. Fortes, Paulo Soares, Maria da Anunciação Vinagre Moreira, Salette Ratola e Manuel da Costa Martins.

As fotografias das janelas e varandas premiadas foram expostas ao público durante a FARAV/87.



Varanda florida que venceu o concurso.

FARAV/87

De 25 de Julho a 23 de Agosto decorreu, no Recinto Municipal de Feiras e Exposições, a VIII Feira de Artesanato da Região de Aveiro (FARAV/87). O certame foi organizado pelos Serviços da Câmara Municipal de Aveiro e teve o patrocínio da região de Turismo «Rota da Luz» e da Cooperativa dos Artesãos da Região de Aveiro «A Barrica».

A FARAV/87 teve a presença de 35 artesãos, divididos por 95 módulos, que apresentaram uma diversidade de trabalhos em cerâmica, couro, latoaria, madeira, ferro forjado, cestaria, bordados, bijouteria e outros. No pavilhão octogonal, 14 Câmaras Municipais – Águeda, Albergaria-a-Velha, Arouca, Aveiro, Castelo de Paiva, Estarreja, Ílhavo, Murtosa, Oliveira de Azeite, Oliveira do Bairro, Ovar, Sever do Vouga, Vagos e Vale de Cambra – montaram os seus «stands», onde se puderam ver os elementos mais representativos da actividade artesanal do respectivo concelho.

Mais uma vez, a Feira de Artesanato significou o corolário de toda uma série de actividades que importa divulgar, até para sensibilizar os visitantes na preservação das artes tradicionais; para os artesãos, a Feira deu-lhes ocasião de mostrarem e venderem os seus produtos.

Por outro lado, a FARAV/87 constituiu também um lugar de animação, em que participaram os mais diversos grupos da região, distribuídos pelos dias dedicados aos respectivos concelhos.

EXPOSIÇÃO DE CERÂMICA ARTÍSTICA E DECORATIVA – AVEIRO II

Em simultâneo com a FARAV/87, decorreu no pavilhão rectangular do Recinto Municipal das Feiras a Exposição de Cerâmica Artística e Decorativa – Aveiro II, composta por trabalhos de barrística, olaria, azulejaria, porcelana e cerâmica artística. Estiveram patentes 136 peças, 86 das quais participaram no concurso, em diversas modalidades.

Esta iniciativa, da responsabilidade dos Serviços Culturais da Câmara Municipal, apoiada numa das mais antigas artes da região aveirense, teve o objectivo de dar a conhecer ao público o que de mais recente está a ser feito a nível distrital no âmbito da cerâmica e de facilitar aos ceramistas, oleiros e oficinas um local apropriado para exporem os seus trabalhos.

A Câmara Municipal, além de expor cinco peças em porcelana de Manuel Cargaleiro – o «expositor de honra» – do certame – prestou ainda uma homenagem muito especial à Fábrica Aleluia. Nascida em 1905 sob a designação de «Fábrica de Louça dos Santos Mártires», desenvolveu-se substancialmente em 1922 com o nome de «Aleluia» e até há poucos anos fez parte do nosso panorama urbano; hoje encontra-se sediada fora dos limites da cidade. Pela sua antiguidade, pela sua expressão artística e pela sua larga reputação, a Fábrica Aleluia continua sendo um símbolo expressivo da cerâmica da região de Aveiro, cujo nome tem levado bem longe, tanto no País como no estrangeiro.

Os prémios foram os seguintes:

- *Barrística*: peça n.º 96 (Homem do Gabão), de Zé Augusto;
- *Olaria*: ex-aequo, peças n.º 33 e 63, de Fernando José e de Manuel Longo, respectivamente;
- *Porcelana*: peça n.º 8 (menção honrosa), de António Neves;
- *Cerâmica artística*: peça n.º 12, de António Pascoal; menções honrosas às peças n.º 15 (de Bernardete Silva), n.º 31 (de Fernando Gaspar), n.º 44 (de Jeremias Bandarra) e n.º 74 (de Milú Sardinha);
- *Azulejaria*: o Júri não atribuiu qualquer prémio ou menção honrosa.

AGROVOUGA/87

De 12 a 20 de Setembro, no Recinto Municipal de Feiras e Exposições, realizou-se mais uma edição da AGROVOUGA. Na inauguração esteve presente o Secretário de Estado Adjunto do Ministro da Agricultura, Pescas e Alimentação; e no último dia foi visitada pelo Senhor Presidente da República. A respectiva Comissão Executiva da AGROVOUGA/87 teve o decisivo apoio da Câmara Municipal de Aveiro, do Governo Civil do Distrito, da Direcção Regional da Beira Litoral e da Direcção Geral da Pecuária.

Ao contrário do que estava previsto e fora anunciado, a presença viva dos bovinos concorrentes manifestou-se largamente depauperada, o que foi causado com o inesperado agravamento das condições sanitárias e com a detecção de índices elevados de peripneumonia.

A AGROVOUGA, porém, não é apenas a Feira Nacional do Bovino Leiteiro; é também uma mostra importante dos sectores industrial e comercial. Por isso, mais uma vez sobressaiu a maquinaria agrícola.

Concomitantemente, realizaram-se colóquios e acções de formação e de esclarecimento, relativos à problemática da produção agrícola e pecuária.

Registamos seguidamente os resultados do concurso pecuário regional da espécie bovina, cujos prémios foram distribuídos no dia 13 de Setembro.

1.º Grupo – Raças nacionais de produção de trabalho/carne

1.ª Classe – Raça Arouquesa

1.ª Secção – touros a partir do 2.º desfecho: – 1.º prémio – Amadeu Tavares (Carvalhal – Vale de Cambra); 2.º – Custódio Tavares Pereira (Carvalhal – Junqueira – Vale de Cambra).

2.ª Secção – novilhos inteiros sem desfecho: – 1.º prémio – Manuel João Baptista Vaz (Rio-Bom – Silva Escura – Sever do Vouga); 2.º prémio – Avelino Ferreira (Taboco – Vale de Cambra).

3.ª Secção – novilhos inteiros com 1.º desfecho: – 1.º prémio – José Martins (Couços – Vale de Cambra); 2.º – António Joaquim Martins Ribeiro (Campo d'Arca – Vale de Cambra).



O Presidente da República na Agrovouga/87.

4.ª Secção – vacas isoladas a partir do 2.º desfecho: – 1.º prémio – Joaquim Tavares da Silva (Cabones – Vale de Cambra); 2.º – Custódio Tavares Pereira (Carvalhal – Vale de Cambra); 3.º – José Joaquim Gomes da Silva (Cabones – Vale de Cambra).

5.ª Secção – novilhas isoladas sem desfecho: – 1.º prémio – Manuel Joaquim Fernandes (Carvalhal – Vale de Cambra); 2.º – Custódio Tavares Pereira (Carvalhal – Vale de Cambra); 3.º – António Manuel Gomes da Silva (Cabones – Vale de Cambra).

6.ª Secção – novilhas isoladas com o 1.º desfecho: – 1.º prémio – Amaro Gomes da Silva (Cabones – Vale de Cambra).

2.ª Classe – Raça Marinhoa:

1.ª Secção – touros a partir do 2.º desfecho: – 1.º prémio – Manuel da Silva Duarte (Canto do Picoto – Estarreja); 2.º – Manuel Mateus Tavares (Pardelhas – Murtosa).

2.ª Secção – novilhos inteiros sem desfecho: – 1.º prémio – António Valente Pires (Boavista – Estarreja); 2.º – Glória Rodrigues Santos (Sarrazola – Aveiro); 3.º – Agostinho Emílio Valte Almeida (Murtosa).

3.ª Secção – novilhos inteiros com o 1.º desfecho: – 1.º prémio – Manuel da Silva Duarte (Canto do Picoto – Estarreja); 2.º – Manuel João Ferreira (Carro Quebrado – Oiã – Oliveira do Bairro).

4.ª Secção – vacas isoladas a partir do 1.º desfecho: – 1.º prémio – Manuel Marques da Costa (Salreu – Estarreja); 2.º – António Quadros Marques (Salreu – Estarreja); 3.º – Manuel Marques (Teixugueira – Estarreja).

5.ª Secção – novilhas isoladas sem desfecho: – 1.º prémio – Manuel Marques Costa (Salreu – Estarreja); 2.º – Joaquim Maria Simões Rebelo (Arribação – Murtosa); 3.º – António Marques Guiomar (Póvoa de Cima – Estarreja).

2.º Grupo – Raça nacional especializada na função leiteira – Raça holando-portuguesa

1.ª Classe – Vacas contrastadas (com um mínimo de produção de 3.500 kg de leite e 122,5 kg de gordura em 305 dias):

1.º e 2.º prémios – Agostinho Nogueira Marques (Vilarinho – Aveiro); 3.º – Manuel João Ferreira da Silva (Carro Quebrado – Oiã – Oliveira do Bairro); 4.º e 5.º – Manuel Marques Guiomar (Canedo – Estarreja).

2.ª Classe – Animais com registo genealógico:

1.ª Secção: – touros a partir dos 26 meses: – 1.º prémio – Manuel Mateus Tavares (Pardelhas – Murtosa); 2.º – Manuel João Ferreira (Carro Quebrado – Oiã – Oliveira do Bairro).

2.ª Secção – novilhos 12/26 meses: – 1.º prémio – Manuel da Silva Duarte (Canto do Picoto – Estarreja); 2.º – Manuel João Ferreira da Silva (Carro Quebrado – Oiã – Oliveira do Bairro); 3.º – Glória Rodrigues Santos (Sarrazola – Aveiro); 4.º – Manuel Marques Guiomar (Teixugueira – Estarreja); 5.º – António Valente Pires (Boavista – Estarreja).

3.ª Secção – novilhas dos 12/26 meses: – 1.º prémio – Manuel João Ferreira da Silva (Carro Quebrado – Oiã – Oliveira do Bairro); – 2.º – Manuel Marques Guiomar (Canedo – Estarreja); 3.º – Manuel João Ferreira da Silva (Carro Quebrado – Oiã – Oliveira do Bairro); 4.º – Manuel Marques Guiomar (Canedo – Estarreja); 5.º – Manuel João Ferreira da Silva (Carro Quebrado – Oiã – Oliveira do Bairro).

3.ª Classe – Animais sem registo genealógico:

1.º Secção – vacas isoladas a partir do 2.º desfecho ou parto: – 1.º prémio – Agostinho Nogueira Marques (Vilarinho – Aveiro); 2.º – Manuel Marques Guiomar (Canedo – Estarreja); 3.º – António Gomes da Silva (Canto do Picoto – Estarreja); 4.º – António Marques Guiomar (Póvoa de Cima – Estarreja); 5.º Manuel Maria Cruz Fernandes (Quinta do Gato – Aveiro).

2.ª Secção – novilhas sem desfecho: – 1.º prémio – Manuel Maria Cruz Fernandes (Quinta do Gato – Aveiro); 2.º – António Marques Guiomar (Póvoa de Cima – Estarreja).

3.ª Secção – novilhas com o 1.º desfecho: – 1.º prémio – António Marques Guiomar (Póvoa de Cima – Estarreja).

I REUNIÃO LUSO-ESPANHOLA DE CIÊNCIA CERÂMICA E DO VIDRO

Com a colaboração da Câmara Municipal de Aveiro, além do apoio da Universidade de Aveiro, da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica e da Sección de Ciencia Basica de la Sociedad Española de Cerámica y Vidrio, a Sociedade Portuguesa de Cerâmica e Vidro promoveu a realização, em Aveiro, da I Reunião Luso-Espanhola de Ciência Cerâmica e do Vidro.

Os trabalhos decorreram nos dias 28, 29 e 30 de Setembro e tiveram lugar no anfiteatro do Centro Integrado de Formação de Professores, da Universidade. O número de participantes, vindos dos dois países ibéricos, foi de 84, além da presença significativa de alunos do Departamento de Cerâmica e Vidro da nossa Universidade.

VI JORNADAS DE SAÚDE DE AVEIRO

Nos dias 28, 29 e 30 de Outubro realizaram-se em Aveiro as VI Jornadas de Saúde de Aveiro, sob o tema genérico de «Cuidados de Saúde Primários – Centros de Saúde».

A organização, da responsabilidade da Administração Regional de Saúde de Aveiro, contou com o apoio e a colaboração da Câmara Municipal de Aveiro, além do Ministério da Saúde, da Direcção Geral dos Cuidados de Saúde Primários, das Administrações Regionais de Saúde do Continente e ainda do Governo Civil de Aveiro e da Região de Turismo «Rota da Luz».

Os trabalhos decorreram no Teatro Aveirense, com a participação de muitas centenas de profissionais de saúde de todos os sectores de actividade, vindos de todas as regiões do País (incluindo Açores e Madeira), sendo a sua esmagadora maioria proveniente dos Cuidados de Saúde Primários e, em menor número, dos Cuidados de Saúde Diferenciados.

HOMENAGEM AO BISPO DE AVEIRO

Nos dias 8 e 16 de Dezembro, a Diocese de Aveiro prestou significativa homenagem ao sr. D. Manuel de Almeida Trindade, para comemorar as suas «bodas de prata» episcopais, referentes não apenas à sua ordenação como também ao início do seu múnus pastoral na nossa Terra.

A Câmara Municipal de Aveiro associou-se condignamente, tanto colaborando na preparação das respectivas cerimónias como sobretudo deliberando a atribuição da MEDALHA DE MÉRITO MUNICIPAL, em ouro, ao insigne prelado.

Transcrevemos, na íntegra, o texto da deliberação, exarada na acta da reunião do Executivo do dia 7 de Dezembro:

– Considerando que os Aveirenses e mesmo outras pessoas do País, incluindo autoridades civis e eclesiásticas, vão prestar significativa e justa homenagem, nos próximos dias oito e dezasseis de Dezembro, ao Senhor Dom Manuel de Almeida Trindade, na ocorrência do vigésimo quinto aniversário do seu ministério episcopal como Bispo de Aveiro; – Considerando que o Senhor Dom Manuel de Almeida Trindade muito tem honrado o nome de AVEIRO, tanto no País como no Estrangeiro, especialmente em encontros e contactos com eminentes personalidades da Santa Sé e com membros preponderantes do Episcopado de outras Nações, inclusivamente de Países de expressão portuguesa; – Considerando que, além de participar em todas as sessões do Concílio Ecuménico Vaticano Segundo (1962-1965) e em quatro Sinodos Mundiais dos Bispos, presidiu, durante dezoito anos, por eleição dos seus Colegas, à Conferência Episcopal Portuguesa e foi membro da Sagrada Congregação dos Sacramentos e do Culto Divino; – Considerando que, pela sua acção extremamente prudente e conciliadora, conseguiu congregar as populações dos lugares que já formavam a paróquia de Nossa Senhora de Fátima, deste Concelho – o que veio facilitar a criação da freguesia do mesmo nome; – Considerando que instituiu a paróquia de Santa Joana, nos subúrbios de Aveiro, que foi o acto inicial para a criação da freguesia do mesmo nome; – Considerando que, também no campo das Letras, sobressai a actividade do Senhor Dom Manuel de Almeida Trindade, cuja



O Presidente da Câmara entregando ao Bispo de Aveiro a Medalha de Mérito Municipal, em ouro.

obra tem a marca do rigor e da honestidade; além de colaboração em revistas e jornais não apenas sobre temas teológicos mas também de análise religiosa e social, tem-lhe sido familiar o domínio da história em que se distinguem os valiosos livros «O Padre Luís Lopes de Melo e a sua Época (1885-1951)» e «Maria Carolina Sousa Gomes e as Criaditas dos Pobres»; – Considerando que demonstrou firmeza e determinação em época conturbada que se viveu no País, quando, apesar das ameaças e ataques declarados de certas forças políticas e sociais, não hesitou em defender intransigentemente os direitos fundamentais dos Portugueses, em particular o direito à informação livre, objectiva e independente, sobretudo na grandiosa e histórica «manifestação pública dos cristãos» em treze de Julho de mil novecentos e setenta e cinco; A Câmara Municipal de Aveiro, reunida em sete de Dezembro de mil novecentos e oitenta e sete, sob a presidência do Doutor José Girão Pereira e com a presença de todos os Vereadores, deliberou por unanimidade atribuir ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Dom Manuel de Almeida Trindade, Bispo de Aveiro, a MEDALHA DE MÉRITO MUNICIPAL, EM OURO.

Na sessão solene que se realizou no Teatro Aveirense, no dia 16 de Dezembro, com a presença dos Representantes do Presidente da República e do Governo Central, além de mais de um milhar de pessoas provenientes de todas as paróquias da Diocese, o Dr. José Girão Pereira, Presidente da Edilidade, fez a entrega ao Bispo de Aveiro da Medalha de Mérito Municipal e de um pergaminho, artisticamente iluminado, onde se transcreveu aquela deliberação.

bibRIA



AVEIRO A MINHA PEQUENA PÁTRIA

AVEIRO TEM SIDO PARA MIM, DESDE QUE AQUI CHEGUEI, NÃO A MINHA «PEQUENA LISBOA» – COMO DIRIA SANTA JOANA PRINCESA – MAS A MINHA «PEQUENA PÁTRIA». NÃO FOI EM VÃO TER VIVIDO NELA, DE UMA ASSENTADA, VINTE E CINCO ANOS DA MINHA VIDA.

D. Manuel de Almeida Trindade, Bispo de Aveiro, na sessão solene de 16 de Dezembro de 1987

NOTÍCIAS BREVES

Julho, 6	A Edilidade deliberou concordar com a iniciativa de um núcleo dinamizador que se propõe a criação, nesta cidade, de uma Delegação da Secretaria de Estado da Cultura.	Delegação da Secretaria de Estado da Cultura
Julho, 20	Foi deliberado pelo Executivo encarregar os Serviços Técnicos para procederem à elaboração do programa-base, com vista à posterior abertura do concurso para a execução do projecto definitivo da construção do pavilhão polivalente do Centro Social da Freguesia de Nossa Senhora de Fátima. Também foi deliberado abrir concurso de ideias, junto dos arquitectos da cidade, para a elaboração do estudo prévio em vista a posterior execução do projecto da obra da construção do Centro Social de Eixo. Ainda foi deliberado aprovar a planta de localização do Monumento ao Marnoto e à Salineira e, tendo em vista o nível de trabalho que se pretende, fixar nas quantias de 300.000\$00, 150.000\$00 e 75.000\$00, respectivamente, os 1.º, 2.º e 3.º prémios; ficou também decidido abrir concurso público para o efeito.	Centro Social da Freguesia de N.ª Sr.ª de Fátima Centro Social de Eixo Monumento ao Marnoto e à Salineira
Julho, 27	A Câmara Municipal deliberou conceder à Companhia de Dança de Aveiro, na sequência do protocolo oportunamente assinado, uma comparticipação para pagamento do trabalho prestado, em regime de tarefa. Foi ainda deliberado, na mesma reunião, considerar de grande relevância todo o trabalho que o CETA – Círculo Experimental de Teatro de Aveiro – tem vindo a desenvolver.	Companhia de Dança de Aveiro Círculo Experimental de Teatro de Aveiro
Agosto, 17	A Edilidade propôs que sejam encetadas diligências com vista à formalização da irmanação entre as cidades de Aveiro e de Arcachon (França).	Aveiro – Arcachon
Setembro, 21	A Câmara Municipal deliberou convidar uma delegação da cidade-irmã japonesa de Oita a deslocar-se a Aveiro em 1988 – ano em que se completam dez anos da respectiva irmanação – para dinamizar o intercâmbio entre as duas cidades. Foi tomado conhecimento de um ofício da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, comunicando que o estudo prévio de um Centro de Juventude em Aveiro mereceu despacho favorável. Foi deliberado adjudicar o material necessário à execução de painéis artísticos, em azulejo, nas paredes laterais do viaduto de Esqueira, de acordo com um estudo apresentado por Vasco Branco. O Executivo tomou conhecimento de que jovens do O.T.L. procederam ao levantamento etnográfico da Freguesia de São Jacinto, em colaboração com a Junta de Freguesia e os Serviços de Cultura do Município.	Aveiro – Oita Centro de Juventude Painéis artísticos São Jacinto
Setembro, 29	A Câmara Municipal deliberou felicitar os jovens autores de um trabalho de levantamento cultural sobre as Freguesias da Glória e da Vera-Cruz, ao serviço do C.E.A.Q.V.	Glória e Vera-Cruz
Outubro, 12	Foi deliberado aprovar o caderno de encargos e as condições do concurso para o estudo prévio da construção do Centro Cultural de Eixo; também foi deliberado abrir concurso de ideias para a elaboração do referido estudo prévio, com atribuição de prémios nos valores de 300.000\$00, 150.000\$00 e 75.000\$00, respectivamente, aos 1.º, 2.º e 3.º classificados. Na mesma reunião, a Câmara Municipal também deliberou aprovar o caderno de encargos para o concurso de ideias com vista à elaboração do estudo prévio do pavilhão gimnodesportivo do Clube dos Galitos; ainda foi deliberado abrir o respectivo concurso, fixando as quantias de 150.000\$00, 100.000\$00 e 75.000\$00 para os três primeiros classificados.	Centro Cultural de Eixo Pavilhão do Clube dos Galitos

Outubro, 19	O Executivo decidiu apoiar, com a terraplanagem da respectiva zona, a construção de um pequeno aeródromo em Aveiro, para a qual a Junta Autónoma do Porto de Aveiro já cedeu os terrenos pretendidos, a título provisório. O Presidente da Câmara Municipal, na reunião deste dia, comunicou que o Secretário de Estado do Emprego e Formação Profissional garantiu a construção do Centro de Formação Profissional nas antigas instalações da Fábrica Jerónimo Pereira Campos.	Aeródromo Centro de Formação Profissional
Outubro, 26	Na reunião desta data, a Edilidade deliberou encarregar o Gabinete Técnico Local de encetar diligências com os proprietários da casa onde nasceu Barbosa de Magalhães, com vista a apreciar as respectivas condições de venda.	Casa de Barbosa de Magalhães
Novembro, 2	Na reunião municipal desta data, foi deliberado aprovar o ante-projecto, elaborado pelo Gabinete de Arquitectura, com vista à construção do salão polivalente do Centro Social da Freguesia de Nossa Senhora de Fátima. Foi ainda deliberado concordar com um estudo elaborado pelo Gabinete de Design para iluminação da fachada e do cruzeiro da Sé Catedral.	Centro Social de N.ª Sr.ª de Fátima Iluminação da Sé
Novembro, 9	O Executivo deliberou adjudicar a execução da obra de iluminação decorativa da capela do Senhor das Barrocas e zona envolvente.	Capela das Barrocas
Novembro, 16	Foi deliberado aprovar uma proposta no sentido de se adquirirem dois barcos moliceiros novos, para fins turísticos.	Barcos moliceiros
Novembro, 23	Foi deliberado considerar aprovado o projecto definitivo para a construção do edifício destinado às instalações da Cooperativa de Artesãos «A Barrica» e abrir concurso para a respectiva execução. Foi deliberado apoiar uma iniciativa do INATEL, no sentido da promoção de um Concurso de Presépios, na altura do próximo Natal.	Cooperativa «A Barrica» Concurso de Presépios
Novembro, 30	Foi aprovado um estudo elaborado pelo Gabinete Municipal de Planeamento, com vista à construção de uma arrecadação de obras de arte, anexa à Galeria Municipal.	Galeria Municipal
Dezembro, 7	A Câmara Municipal deliberou, por unanimidade, atribuir ao Sr. D. Manuel de Almeida Trindade, Bispo de Aveiro, a Medalha de Mérito Municipal, em ouro. Foi deliberado compartilhar nos custos relativos à elaboração do projecto de construção do Centro Paroquial da Freguesia da Glória e doar à Paróquia da Glória os terrenos da antiga Ilha do Lê, com o fim de os mesmos se destinarem exclusivamente ao uso da Paróquia. Foi também deliberado emitir parecer favorável quanto ao reconhecimento de pessoa colectiva de utilidade pública do Grupo Cultural «Semente», de Eixo.	Distinção honorífica Freguesia da Glória Grupo Cultural «Semente»
Dezembro, 21	Foi deliberado exarar em acta um voto de pesar pelo falecimento de Carlos Aleluia, cidadão ilustre que a Aveiro dedicou especial carinho. Ainda foi deliberado na mesma reunião reeditar o livro «A Princesa Santa Joana e a sua Época» e patrocinar a publicação de «Aveiro nos Descobrimentos», da autoria do Padre João Gonçalves Gaspar e do Dr. Amaro Neves, respectivamente.	Voto de pesar Publicações
Dezembro, 28	O Vereador da Cultura informou o Executivo de que a inauguração da Biblioteca Domiciliária será no próximo dia 6 de Janeiro, num prédio do Município, na Rua de Homem Cristo, Filho.	Biblioteca Domiciliária